

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

ANGÉLICA SZEREMETA

MÍDIA IMIGRANTE E MEMÓRIA: ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A  
MORTE A PARTIR DOS OBITUÁRIOS DO JORNAL UCRANIANO *PRACIA*

PONTA GROSSA  
2017

ANGELICA SZEREMETA

MÍDIA IMIGRANTE E MEMÓRIA: ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A  
MORTE A PARTIR DOS OBITUÁRIOS DO JORNAL UCRANIANO *PRACIA*

Defesa de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, linha de História, Cultura e Cidadania, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Cesar Antunes.  
Co-orientador: Prof. Dr. José Augusto Leandro.

PONTA GROSSA  
2017

**Ficha Catalográfica**  
**Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG**

Szeremeta, Angelica

S997 Mídia imigrante e memória: estudo das representações sobre a morte a partir dos obituários do Jornal Ucrâniano Pracia/ Angelica Szeremeta. Ponta Grossa, 2017. 162f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas - Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Cesar Antunes.

Coorientador: Prof. Dr. José Augusto Leandro.

1.Representações sociais. 2.Memória social. 3.Estudos sobre morte. 4.Jornal Pracia. 5.Mídia imigrante. I.Antunes, Alfredo Cesar. II. Leandro, José Augusto. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas. IV. T.

CDD: 302.23

## TERMO DE APROVAÇÃO

*ANGÉLICA SZEREMETA*

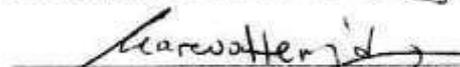
**MÍDIA IMIGRANTE E MEMÓRIA: ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES  
SOBRE A MORTE A PARTIR DOS OBITUÁRIOS DO JORNAL  
UCRANIANO PRACIA**

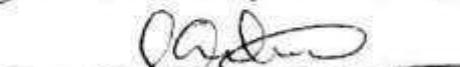
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 16 de fevereiro de 2017.

Assinatura pelos Membros da Banca:

  
\_\_\_\_\_  
Dr. Alfredo Cesar Antunes – (UEPG) – Presidente

  
\_\_\_\_\_  
Dr. Marcelo Henrique da Costa – (UERJ)

  
\_\_\_\_\_  
Dra. Maria Julieta Weber Cordova – (UEPG)

\_\_\_\_\_  
Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – (UEPG) - Suplente

Dedico este trabalho a todos(as) que já passaram, na vida, por algum momento de luto, e a todos(as) que acreditam na pluralidade e riquezas do jornalismo imigrante.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Nadir Szeremeta e Israel Szeremeta, por sempre abraçarem minhas decisões de vida. Sem o apoio de ambos, em igual importância, nada disso teria sentido em ser realizado. Agradeço aos meus familiares, principalmente, minha família paterna, meus maiores incentivadores! Seja no âmbito acadêmico, pessoal ou desportivo, sempre oferecendo apoio incondicional. Tios Ricardo e Jorge, tia Rosali, vô João, primas Fernanda e Heloísa e primo Davi. Vocês são minha vida. Muito obrigada por compartilharem comigo esta jornada.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, por abrir as portas da pós-graduação, no fim do ano de 2014, além de todo o amparo e atenção durante o curso do mestrado. A todos (as) os (as) professores (as) do programa, em especial, às professoras Jussara e Edina, representando a coordenação do programa, assim como as funcionárias responsáveis pela secretaria. De modo particular, à Michelle, que nunca mediu esforços para me auxiliar nos processos burocráticos, prestando-se a partilhar desde uma simples conversa à resolução de problemas diversos. A vocês, o meu muito obrigado.

Também agradeço ao professor Alfredo, meu orientador, por ouvir e acolher a proposta da minha dissertação, desde a entrevista para a seleção de mestrandos (as), até os últimos dias de fechamento desta pesquisa. Obrigada por confiar no meu propósito, na minha capacidade, por conceder grande espaço à minha liberdade criativa durante todo o percurso de pesquisa, pelas ponderações teórico-metodológicas durante as orientações. Também agradeço pela paciência, por entender minha ansiedade e saber lidar de forma tão humana com minhas limitações.

Agradeço à prof.<sup>a</sup> Julieta e ao prof. Marcelo por aceitarem fazer parte da banca avaliadora na qualificação e defesa do material. Também agradeço, imensamente, pelas contribuições teóricas durante as disciplinas que ministraram, onde fui agraciada com a oportunidade de frequentar como mestranda.

Obrigada, professora Julieta, por transmitir tão sabiamente seus conhecimentos teóricos, sua visão de mundo, como professora-pesquisadora e como ser humano tão iluminado que és. Obrigada pelos ensinamentos valiosos, tanto cientificamente quanto para o ‘mundo da vida’. Epistemologicamente falando, minha leitura de mundo nunca mais foi a mesma.

Ao professor Marcelo, meus sinceros agradecimentos pelas contribuições realizadas durante sua visita à disciplina de Representações Sociais, em 2015. Com poucos dias, consegui que meus horizontes, como pesquisadora, se expandissem de uma forma sem igual. Obrigada por superar todas as expectativas! É uma enorme satisfação contar com a sua presença na minha banca.

Aos professores do curso de Jornalismo da UEPG, por me fornecerem uma base teórico-metodológica de grande qualidade, o que me proporcionou uma ajuda significativa para elaborar o projeto de pesquisa no processo de seleção para o mestrado. Àqueles que me auxiliaram na graduação a compreender e explorar o mundo da pesquisa científica, o meu muito obrigada!

De forma especial, também agradeço ao professor Rafael Schoennher, meu orientador de TCC, na graduação. Grande pesquisador e jornalista, que me encorajou a seguir caminho na pós-graduação. Também foi a pessoa com quem desenvolvi os primeiros estudos sobre o jornal *Pracia*, durante a disciplina de Estudos Regionais em Comunicação, no ano de 2013. No ano seguinte, recebemos dois prêmios nacionais pelos estudos desenvolvidos. Muito obrigada por acreditar na mídia imigrante.

Aos meus amigos que sempre me apoiaram incondicionalmente. Em especial ao Higor, Anna Flávia, Carol, Marco, Laís, Rafaela, Larissa e Raísa, obrigada por acreditarem no meu potencial e compreender as ausências. Material entregue, começarei a cumprir as promessas de visitas em vossas residências/cidades.

Em especial, agradeço ao meu amigo Kevin, por me auxiliar nos assuntos da pós-graduação, sempre que necessário. Obrigada pelas conversas cotidianas, seja em relação à minha pesquisa ou sobre diversos dilemas da vida. Entre divergências e aceitações, uma amizade para toda a vida. Um grande amigo e um grande professor! Muito obrigada por existir!

Aos companheiros e companheiras de pós-graduação, mestrado e doutorado, obrigada pelos momentos de estudo e também de descontração. Admiro-os como pessoas, profissionais e seres humanos tão extraordinários que são. Obrigada pelas indicações de leitura, pelos trabalhos realizados em conjunto, pelas críticas construtivas e por deixarem esta caminhada menos pesada. Saibam que ficou em mim, um pouco de cada um(a) vocês.

Agradeço também à João Paulo Leniar, pelos quase 10 anos de caminhada, de compreensão e de suporte mútuo, principalmente nos últimos 24 meses. Obrigada pelos momentos juntos, pelas conversas, e principalmente, pelos ouvidos, sempre atentos e

compreensivos. Obrigada por acreditar no meu potencial e incentivar a minha carreira acadêmica, independentemente de qualquer obstáculo e dificuldade que venha aparecer no caminho.

Agradeço, pela amizade, irmandade e companheirismo de Bruna Leniar (*In Memoriam*), que não se encontra entre nós, desde março de 2016. Quando estudamos sobre a morte, parece que, de certa forma, passamos a enxergar e compreender minimamente as relações que perpassam o fenômeno. Mas, quando a mesma nos bate à porta, não há método nem teoria capaz de explicar e resolver o que sentimos no nosso coração. Este trabalho também é para você! Obrigada por fazer parte da minha trajetória. À você, um obrigado e um até breve!

A CAPES, pela bolsa de pesquisa, e por me proporcionar a dedicação que tanto almejei para que este trabalho fosse realizado da melhor e mais eficiente maneira possível.

Por fim, não menos importante, agradeço à Deus, pelas oportunidades, desafios e pela superação dos mesmos. Às provações e expiações da vida que me fazem ser cada vez mais forte e, ao mesmo tempo, mais humana.

## RESUMO

Esta pesquisa se propõe a caracterizar as representações sobre a morte que estão presentes nos obituários do jornal ucraniano *Pracia*. Para iniciar a discussão, este estudo apresenta uma contextualização histórica sobre questões socioeconômicas da imigração ucraniana no Brasil, no estado do Paraná e em Prudentópolis-PR, respectivamente. Para tal finalidade, a pesquisa utilizou-se dos(as) autores(as) Andreazza (1996), Batista e Martins (2013), Boruszenko (1969), Burko (1963), Menezes (2009), Oliveira (2013), Priori (2012), entre outros. Este trabalho também apresenta o jornal *Pracia*, enquanto veículo de ‘mídia imigrante’, conceito trabalho por Cintra (2010), além de pontuar alguns estudos sobre este tipo de jornal, a partir dos trabalhos de Conde (2000), Park (2008) e Szeremeta (2014). O periódico *Pracia* é um jornal centenário confeccionado em Prudentópolis-PR, e tem como funcionários descendentes de ucranianos residentes na cidade. Aos cuidados de dois padres, o jornal tem circulação quinzenal (2.700 exemplares), enviado via correio para seus assinantes de diversas cidades do Brasil, com maior número de leitores presentes nos estados do Paraná e Santa Catarina. Para a realização desta pesquisa, foram coletados 245 obituários, publicados entre os anos de 2001 a 2014. Esse recorte temporal se justifica pelo acesso às publicações em língua portuguesa, que foram incorporadas a partir do ano de 2001, visto que o jornal foi editado somente em língua ucraniana, desde 1911. Para organizar e sistematizar o material, foram usados recursos metodológicos da Pesquisa Documental (PIMENTEL, 2001; SÁ-SILVA, ALMEIDA e GUINDANI, 2009) e Análise de Conteúdo (BARDIN, 1976). O aporte teórico utilizado nesta pesquisa para compreender o processo de representação teve como base a grande teoria das Representações Sociais, a partir dos conceitos da ancoragem e objetivação, de Serge Moscovici (2013). Para auxiliar a referida análise, foram utilizadas as contribuições teóricas sobre os estudos de memória social, de Celso Pereira de Sá (2015) e também, diferentes visões e entendimentos sobre a morte, para fornecer embasamento teórico, além de contextualizar a temática. Dentre os autores utilizados, podemos citar Da Matta (1997), Vilar (2001), Elias (2001), Franco, (2007), Combinato e Queiroz, (2011), Atanásio (2010), Patriarca e Lima (2015), Roush, 2014, Tenchena (2010), Guérios (2007), Costa (2012), Corso e Martenovetko (2011). Os dados resultantes da análise apresentaram que a morte é representada como um chamado divino para uma nova vida, obtida a partir do merecimento no cumprimento das premissas e respeito aos dogmas da religião católica, contexto em que estão inseridos os sujeitos desta pesquisa. As análises finais também pontuam, de forma teórico-comparativa, o entendimento sobre morte a partir da representação obtida com concepções teóricas sobre fenômeno nas sociedades contemporâneas.

Palavras-chave: Representações Sociais; Memória Social; Estudos Sobre Morte; Jornal *Pracia*; Mídia Imigrante.

## ABSTRACT

This research refers to a characterization of representations about death that are in the obituaries of the Ukrainian newspaper *Pracia*. To begin a discussion, was made a contextualized history on socioeconomic issues and a Ukrainian immigration in Brazil, in the state of Paraná, and in Prudentópolis city - PR. For this purpose, the researchers Batista and Martins (2013), Boruszenko (1969), Burko (1963), Menezes (2009), Oliveira (2013), Matilde (2006), Priori (2012), among others. (2010), as well as some studies on this kind of newspaper, based on the works of researchers Conde (2000), Park (2008) and Szeremeta (2014). The newspaper *Pracia* is a centenary newspaper made in Prudentópolis-PR, and has as employees the descendants of Ukrainians living in the city. In the care of two priests, the newspaper has a fortnightly circulation (2,700 copies), sent by mail to subscribers in several cities in Brazil, with the largest number of readers present in Paraná and Santa Catarina states. For a study of this research, we have found 245 obituaries, published between the years 2001 and 2014. This text was revised for publications in Portuguese, which were incorporated from the year 2001; In view of whole situation, the newspaper was only published in the Ukrainian language since 1911. To organize and systematize the material, was used methodological resources of the Documentary Research (PIMENTEL, 2001; SÁ-SILVA, ALMEIDA e GUINDANI; 2009) and Content Analysis (BARDIN, 1976). The theoretical contribution of this research to understand the process of representation was based on the theory of Social Representations, based on the concepts of anchoring and objectification, by Serge Moscovici (2013). To support this analysis, the theoretical contributions on the studies of social memory, by Celso Pereira de Sá (2015) and also, different visions and understandings about death, were used to provide theoretical background. Among the authors, we can mention Da Matta (1997), Vilar (2001), Elias (2001), Franco, (2007), Combinato and Queiroz, 2011), Atanásio (2010), Patriarca e Lima 2014, Tenchena (2010), Guérios (2007), Costa (2012), Corso and Martenovetko (2011). The data resulting from the analysis showed that death is represented as a divine call to a new life, obtained from merit in fulfilling the earthly mission, that each individual is assigned. The final analyzes also point, theoretically-comparative, the understanding about death from the representation obtained with theoretical conceptions about the phenomenon in contemporary societies.

Keywords: Social Representations; Social Memory; Death Studies; *Pracia* Newspaper; Immigrant Media.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Artesanato ucraniano: <i>Pêssankas</i> pintadas a mão .....	33
FIGURA 2 – Igreja São Miguel Arcanjo, em Mallet – PR .....	36
FIGURA 3 – Igreja Nossa Senhora da Conceição, em Antônio Olinto – PR .....	37
FIGURA 4 – Paróquia Divino Espírito Santo, em General Carneiro - PR .....	38
FIGURA 5 – Primeira igreja ucraniana de Prudentópolis. ....	41
FIGURA 6 – Planta da nova igreja São Josafat, em Prudentópolis-PR .....	41
FIGURA 7 – Capa do jornal <i>Pracia</i> .....	48
FIGURA 8 – Obituário do jornal <i>Pracia</i> .....	59
FIGURA 9 – Fotografia correspondente a matéria sobre o tema ‘fé’ publicada no Jornal <i>Pracia</i> , em 2009 .....	90
FIGURA 10 – Esquema utilizado para sistematizar os dados qualitativos presentes nos obituários .....	97

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Imigração por nacionalidade (1884/1933).....	25
QUADRO 2 – Imigração por nacionalidade no período pós-guerra (1945/.....	25
QUADRO 3 – Ocupações nos quatro países que mais receberam imigrantes ucranian .	29
QUADRO 4 - Cores e significados dos desenhos nas <i>pêssankas</i> .....	34
QUADRO 5 – Quantidade de pessoas falecidas do sexo feminino de acordo com a faixa etária. ....	100
QUADRO 6 – Quantidade de pessoas falecidas do sexo masculino de acordo com a faixa etária. ....	100
QUADRO 7 - Profissões encontradas nos obituários masculinos.....	105
QUADRO 8 – Profissões encontradas nos obituários femininos.....	107
QUADRO 9 – Ações realizadas na comunidade.....	112
QUADRO 10 – Ações realizadas na família. ....	114
QUADRO 11 - Dificuldades vivenciadas. ....	114
QUADRO 12 – Valores atribuídos.....	115
QUADRO 13– Palavras utilizadas para descrever o momento da partida. ....	117
QUADRO 14 - Entendimento referente ao momento pós-morte.....	119
QUADRO 15 - Obituários que não constam referências a vida pós-morte.....	121
QUADRO 16 – Ações realizadas na comunidade.....	122
QUADRO 17 – Ações realizadas na família.....	124
QUADRO 18 – Dificuldades vivenciadas.....	124
QUADRO 19– Valores atribuídos.....	125
QUADRO 20 – Palavras utilizadas para descrever o momento da partida. ....	126
QUADRO 21 – Entendimento referente ao momento pós-morte .....	128
QUADRO 22 - Obituários que não apresentaram referências a vida pós-morte .....	129
QUADRO 23 – Ações realizadas na comunidade.....	132
QUADRO 24 – Palavras utilizadas para descrever o momento de partida. ....	133
QUADRO 25 – Entendimento referente ao momento pós-morte .....	133

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 – Distribuição migratória dos ucranianos na década de 1960 .....	29
---	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>CAPÍTULO 1 PARA COMPREENDER A IMIGRAÇÃO UCRANIANA: INFORMAÇÕES CONTEXTUAIS</b> .....	20
1.1 IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO BRASIL: ESCOLHAS TERRITORIAIS PARA UMA NOVA PERSPECTIVA DE VIDA.....	23
1.2 DO NACIONAL AO REGIONAL: A IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO PARANÁ.....	29
1.3 DO REGIONAL AO LOCAL: A IMIGRAÇÃO UCRANIANA EM PRUDENTÓPOLIS.....	38
<b>CAPÍTULO 2 A IMPRENSA IMIGRANTE UCRANIANA</b> .....	43
2.1 O SURGIMENTO DO JORNAL <i>PRACIA</i> .....	46
2.2 DESCREVENDO O PERIÓDICO: CARACTERÍSTICAS DO JORNAL UCRANIANO <i>PRACIA</i> .....	48
<b>CAPÍTULO 3 OBITUÁRIOS DO JORNAL <i>PRACIA</i></b> .....	52
3.1 DESCREVENDO OBITUÁRIOS COMO GÊNERO TEXTUAL .....	52
3.1.1. Os obituários a partir do <i>The New York Times</i> à apropriação brasileira do gênero fúnebre. ....	54
3.2 O MATERIAL DE PESQUISA: OBITUÁRIOS DO <i>PRACIA</i> .....	56
<b>CAPÍTULO 4 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DE PESQUISA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, MEMÓRIA E ESTUDOS SOBRE MORTE</b> .....	61
4.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: FUNDAMENTOS TEÓRICOS .....	61
4.2 ESTUDOS SOBRE A MEMÓRIA .....	68
4.3 ESTUDOS SOBRE A MEMÓRIA SOCIAL.....	71
4.4 TIPOS CONCEITUAIS DA MEMÓRIA SOCIAL .....	75
4.4.1 Primeiro subconjunto de memórias básicas: Memórias pessoais .....	75
4.5 ESTUDOS SOBRE A MORTE.....	78
4.5.1 Costumes ucranianos e ritos mortuários .....	88
<b>CAPÍTULO 5 METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....	94
5.1 PESQUISA DOCUMENTAL .....	95
5.2 SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS .....	98
5.2.1 Caracterização da amostragem: considerações sobre trabalho, idade, estado civil e localização geográfica dos sujeitos presentes nos obituários .....	98
5.2.2 Dados sobre a faixa etária.....	99
5.2.3 Dados sobre a localidade .....	101
5.2.4 Dados sobre a profissão/ocupação .....	104

<b>CAPÍTULO 6</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS: RESULTADOS DE PESQUISA E CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	109
6.1	ANÁLISE DOS OBITUÁRIOS MASCULINOS .....	112
6.2	ANÁLISE DOS OBITUÁRIOS FEMININOS .....	122
6.3	ANÁLISE DOS OBITUÁRIOS DE PADRES E IRMÃS (RELIGIOSOS) .....	130
6.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS DE PESQUISA .....	135
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	140
	<b>APÊNDICE A</b> QUADRO REFERENTE AOS DADOS SOBRE AS LOCALIDADES MENCIONADAS NOS OBITUÁRIOS MASCULINOS .....	146
	<b>APÊNDICE B</b> QUADRO REFERENTE AOS DADOS SOBRE AS LOCALIDADES MENCIONADAS NOS OBITUÁRIOS FEMININOS.....	151
	<b>APÊNDICE C</b> SENTENÇAS RELACIONADAS AO FALECIMENTO DE HOMENS .....	155
	<b>APÊNDICE D</b> SENTENÇAS RELACIONADAS AO FALECIMENTO DE MULHERES.....	159

## INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa elaborada a partir dos obituários do jornal ucraniano *Pracia*, material empírico deste estudo, e tem como objeto de análise as representações sobre a morte na comunidade ucraniana. Temos como objetivo específico desta dissertação investigar quais são as representações sobre a morte e de que forma estas representações estão atreladas a religião e memória social dos descendentes de imigrantes ucranianos, a partir dos relatos dos obituários do jornal *Pracia*.

Esta demanda se dá para além das exigências do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais Aplicadas (PPGCSA) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), mas também surge pelo que o material empírico de estudo demonstrou durante o percurso de pesquisa: há um universo de simbolismos, histórias e relações sociais que perpassam este objeto. Uma pesquisa disciplinar, aparentemente, poderia se tornar superficial, visto a singularidade e complexidade do objeto estudado.

Justifica-se o desenvolvimento desta pesquisa, com o foco temático nas representações sobre morte, pois este é um fenômeno ainda não estudado a partir dos obituários do jornal *Pracia*, de acordo com levantamento realizado no portal CAPES.<sup>1</sup> Também acredita-se que esta abordagem contribui para os estudos das Representações Sociais (RS), dentro da área temática dos estudos de comunidades, incluindo nesta divisão os estudos indenitários e culturais, como os desenvolvidos por Guareschi (1994), que desenvolveu pesquisas em comunidades neopentecostais.

Os estudos da morte são desenvolvidos em áreas diversas, como a saúde (estudos de caso na medicina, enfermagem, farmácia, etc.), a sociologia, a educação (pedagogos, professores, acadêmicos de licenciatura diversos), a psicologia, entre outros.

Durante a fase de ‘estado da arte’, encontrou-se diferentes abordagens e contribuições interdisciplinares para que as representações sobre a morte pudessem ser detectadas e analisadas pelos pesquisadores, de diferentes áreas. Nesse sentido, esta pesquisa busca conciliar os estudos da psicologia social (memória social e representações sociais), o aporte teórico da história aliado ao objeto empírico jornal. Mais especificamente, o jornal *Pracia*.

Como esta é uma pesquisa-desdobramento do trabalho de conclusão de curso da autora, buscou-se aprofundar nos pontos não explorados anteriormente, assim como em

---

<sup>1</sup> Levantamento realizado, pela primeira vez, em 14 de outubro de 2014, e realizado novamente em 12 de dezembro de 2016.

estudos relacionados ao jornal *Pracia* e demais estudos sobre obituários. Para isso, foi realizada uma busca no portal Capes. Vejamos o que surgiu deste mapeamento.<sup>2</sup>

Buscando, somente, publicações a partir das palavras-chave: Representações Sociais, foram detectados 2.271 resultados, com data de publicação de 1983 a 2016. Dentre estes, 2.525 são artigos, 79 são livros, 52 são recursos textuais, três são resenhas e uma ata de congresso. A maioria das publicações são referentes a revistas de psicologia, cadernos de saúde pública e coletiva e enfermagem. Dos 18 veículos de divulgação científica presentes nesta busca, apenas um não faz referência direta aos estudos relacionados a saúde/psicologia.

Em relação ao jornal *Pracia*, apenas consta um resultado que faz referência a existência do periódico: um estudo canadense sobre as características culturais ucranianas de imigrantes no Brasil e Canadá, levando em consideração as mudanças e divergências políticas/sociais de cada território. Nada específico sobre os obituários do jornal. Restringindo a busca aos obituários do *Pracia*, o resultado de pesquisas que abordam o objeto empírico foi nulo.

Partindo destas considerações, acredita-se que esta presente pesquisa desenvolvida acrescenta ao campo científico das representações sociais, em relação aos estudos da morte, no que se diz respeito ao estudo interdisciplinar, a partir das contribuições teóricas-empíricas do Jornalismo, da História e da Psicologia.

Além do mais, este é um estudo específico, de um produto elaborado a partir de uma comunidade étnica, que lhe confere uma especificidade ao tema da morte. O estudo destes obituários, a partir da teoria das representações, pretende mapear entendimentos sobre a morte que estão diretamente ligadas as questões culturais destes sujeitos.

Talvez, em outras circunstâncias, não seria possível alcançar estas informações se não através dos obituários, visto a delicadeza e a sentimentalidade envolvida na construção dessas representações. Justamente, pela situação indesejada da partida dos entes queridos.

É preciso dizer que esta não é uma comunidade ‘aberta’ a pesquisa àqueles(as) que lhes são ‘outsiders’. Digo isso a partir das experiências anteriores de pesquisa de campo, sendo que estas muito mais técnicas, e que não envolviam, diretamente, assuntos de caráter íntimo-familiar, como a morte.

---

<sup>2</sup>Os resultados deste mapeamento são referentes a data da consulta, realizada no dia 25 de novembro de 2016, podendo constar variações se realizados em datas posteriores.

Partimos do pressuposto que as representações sobre a morte, nesta determinada comunidade analisada, se produzem a partir da cultura (especificamente, pelos preceitos religiosos) e circulam através da linguagem escrita no meio de comunicação jornal. Esta prática de elaboração destes textos, que também podem ser entendidos como uma espécie de documentos que registram parte da vida/história do sujeito, torna-se, portanto, uma forma de suporte destas representações específicas.

Como Sá (1998) destaca, os meios de comunicação de massa têm um importante papel na compreensão destes processos de formação e circulação das RS. Porém, devemos destacar que, nesta pesquisa, o jornal *Pracia*, enquanto meio de comunicação, se difere dos demais veículos de comunicação, pois não é produzido por normas editoriais jornalísticas, menos ainda, por profissionais da área.

O *Pracia*, apesar de ser confeccionado em um ambiente comercial, funciona num molde que se aproxima do jornalismo cultural, com influências comunitárias. O jornal não circula para gerar lucros aos seus produtores, mas, como já informado nas pesquisas elaboradas por Szeremeta (2014), funciona como forma de preservação da cultura ucraniana.

De acordo com informações da Gráfica Prudentópolis, o *Pracia* parou de circular apenas durante a 2ª Guerra Mundial, devido a proibição de veículos comunicacionais de língua estrangeira, pelo Presidente Getúlio Vargas.<sup>3</sup> Os responsáveis informam que até 1954, a elaboração do jornal era totalmente manual, desde a composição das letras (linotipos) a impressão.

Atualmente, a equipe opera totalmente operacionalizada com impressão offset e computadores, para a parte gráfica. A tiragem de 2016, de acordo com informações da Gráfica, é de 2.700 exemplares impressos, na média de seis páginas escritas em ucraniano e duas em português. Os assuntos são de caráter religioso, educacional, notícias de repercussão mundial, com ênfase em assuntos que envolvam acontecimento ligados a Ucrânia ou aos ucranianos no Brasil.

Este é um jornal centenário, com 103 anos de história. Sem entrar em questões conceituais sobre a nomenclatura do jornal, chamamos, de maneira coloquial, esta mídia de 'jornal ucraniano'. Apesar de, teoricamente, esta mídia ser considerada uma 'mídia étnica', como será apresentado no Capítulo 3 desta pesquisa, algumas vezes será utilizada

---

<sup>3</sup> Informações disponíveis em: < <http://www.graficaprudentopolis.com.br/jornal-pracia.php> >. Acesso em: 20 nov. de 2016.

esta primeira nomenclatura, fazendo referência ao modo tradicional que os responsáveis pela sua confecção o denominam.

Esta decisão está atrelada ao comprometimento e respeito da pesquisadora em relação aos sujeitos que participaram desta pesquisa. Seja contando a história do jornal, desde os primeiros estudos em 2013, assim como pelas vezes que estes foram solícitos em possibilitar o acesso da pesquisadora aos materiais, visto que o acervo encontra-se em local particular, como será explicado ao decorrer da pesquisa.<sup>4</sup>

Ao todo, foram coletados 245 obituários publicados entre os anos de 2001 a 2014, visto que nestes anos, o jornal *Pracia* começou a publicar obituários em língua portuguesa.<sup>5</sup> Este recorte de pesquisa justifica-se pelo acesso da pesquisadora ao material, assim como pela compreensão linguística do mesmo.

Feita esta primeira apresentação sobre o tema o objeto, a pergunta que norteou esta pesquisa é a seguinte: Quais representações sobre a morte estão presentes nos obituários do jornal ucraniano *Pracia*?

Para aprofundamento de pesquisa, elencamos alguns objetivos secundários, que procuramos completa-los ao finalizar este trabalho. Acreditamos que estes objetivos nos ajudaram a compreender e a contextualizar o objetivo geral de pesquisa, apresentado anteriormente. Vejamos a seguir:

- 1 - Apontar se as representações presentes nos textos são semelhantes ou se há divergência de opiniões (não há uma representação).
- 2 – Caracterizar de que forma o jornal *Pracia* atua na difusão das representações sobre morte, nesta comunidade.
- 3 – Descrever de que forma as instituições família e igreja (comunidade ucraniana) estão presentes na elaboração destas representações.

Também, nesta pesquisa, para fins metodológicos, elencamos como objetivo caracterizar a amostra (obituários), pontuando as profissões dos falecidos, localidades e média de idade, para fins de contexto desta pesquisa. Acreditamos que isto nos auxiliará a organizar o objeto de pesquisa, com a finalidade de alcançar o cumprimento dos objetivos citados anteriormente.

---

<sup>4</sup> Os jornais *Pracia* começaram a ser disponibilizados para leitura, de forma gratuita, no site da Gráfica Prudentópolis, a partir de junho de 2016.

<sup>5</sup> Desde a fundação do jornal (1911) até o ano de 2001, de acordo com análise prévia, os textos de obituários eram publicados, somente, em língua ucraniana.

Ao fim deste estudo, nos propomos a apontar quais os possíveis desdobramentos para demais estudos, a partir deste material empírico. Esta preocupação se deve, primeiramente, por não haver registros encontrados sobre pesquisas que abordem de forma descritiva estes obituários. Ao cumprir mais este objetivo, a pesquisadora tem como intuito oferecer material base para demais pesquisadores, interessados nesta temática.

Os obituários do *Pracia* são tão singulares, em sua complexidade, que a abordagem dada a este estudo passou por dilemas durante a delimitação do objeto. A dúvida que pairava sobre as coletas empíricas girava em torno do seguinte dilema de pesquisa: Que representações analisar? Temáticas sobre aspectos voltados ao trabalho, atividades de lazer, práticas religiosas, etc. se fazem presentes nos textos, fazendo com que inúmeras ideias e possibilidades sejam pensadas.

Pela aproximação ideológica da pesquisadora, a temática de gênero foi uma possível abordagem para esta pesquisa. Analisar como as relações de trabalho, família e comunidade eram descritas nos obituários de homens e mulheres era (quase) uma escolha certa para o encaminhamento da dissertação. Mas, ao se debruçar melhor sobre o objeto empírico, em uma ‘pré-exploração’ do material realizada durante a coleta de dados, notou-se que havia algo ainda mais presente nestes textos, para além da questão de gênero: as representações sobre a morte.

Partimos da ideia de que sem a existência prévia da vida, não há representação sobre morte. Portanto, entendemos, nesta pesquisa, que a representação sobre a morte é elaborada a partir de fragmentos da vida do sujeito, aliados a demais fatores simbólicos que compõe a sua existência. Podemos citar, neste caso, a religião como um destes fatores. De forma hipotética, acreditamos que o obituário, nesta pesquisa, funciona como um gatilho de lembranças, que são tomadas à tona quando os familiares redigem estes textos fúnebres.

Para que isto seja possível, a pesquisa se propõe em abordar a temática neste estudo, dividido na proposta de seis capítulos. No “Capítulo 1 – Para compreender a imigração ucraniana: informações contextuais” será apresentado uma síntese sobre a imigração ucraniana no Brasil, perpassando por aspectos nacionais, regionais e locais, abordando questões sociais e econômicas que marcaram este período.

O “Capítulo 2 - A imprensa imigrante ucraniana”, apresenta as características da imprensa imigrante, explanando questões gerais sobre a temática e pontuando o formato

e principais características do jornal *Pracia*. Também, neste capítulo, será apresentado a composição textual dos obituários do jornal *Pracia*.

No “Capítulo 3 - Obituários do jornal *Pracia*”, são abordadas, de forma descritiva e conceitual, as características que compõe e definem um texto como sendo parte do gênero “obituário”. Além do mais, neste capítulo, os obituários do *Pracia* são expostos de forma comparativa a outros obituários publicados em veículos da grande mídia comercial, para fins de contextualização e melhor compreensão da singularidade deste objeto empírico de pesquisa.

O referencial teórico desta pesquisa encontra-se no “Capítulo 4 - Considerações teóricas de pesquisa: representações sociais, memória social e estudos sobre morte”, onde são explanados os conceitos utilizados para embasar os apontamentos teóricos desenvolvidos nesta pesquisa. Este capítulo está subdividido de acordo com as temáticas teóricas utilizadas nesta dissertação.

O desenvolvimento metodológico e demais estratégias para a construção dessa pesquisa encontram-se no “Capítulo 5 - Metodologia de pesquisa”. Neste capítulo a pesquisadora expõe as dificuldades e empasses metodológicos de pesquisa, além do tratamento do objeto empírico, o cuidado com a seleção e organização dos dados.

Por fim, no “Capítulo 6 – Análise dos dados: Resultados de pesquisa e considerações finais”, apresenta-se os dados quantitativos e qualitativos sobre os obituários. Neste capítulo final, a pesquisa estrutura os resultados de pesquisa, aliando os dados empíricos ao referencial teórico proposto, trabalhando os conceitos de memória social e representações aplicadas aos obituários do jornal *Pracia*.

## **CAPÍTULO 1 PARA COMPREENDER A IMIGRAÇÃO UCRANIANA: INFORMAÇÕES CONTEXTUAIS**

Para o entendimento da presente pesquisa, precisamos, *a priori*, conhecer o contexto qual estão inseridos os sujeitos deste estudo. Não se propõe, apenas, apontar dados quantitativos e resultados finais sobre o objeto estudado ou sobre a temática das representações. Se busca, também, neste estudo, apontar algumas premissas sobre a vivência e a cultura dos sujeitos de pesquisa.

Para tal objetivo, este texto busca informações desde a vivência dos imigrantes na Ucrânia, perpassando pelos primeiros fluxos migratórios no Brasil, até o momento que os fizeram chegar ao âmbito regional paranaense. Julga-se necessário, portanto, esclarecer neste primeiro capítulo as seguintes indagações: Por que imigraram? Quais seus propósitos de vida em um novo território? Qual era a situação econômica e social do Brasil durante a acolhida destes imigrantes? Quais as referências culturais que ainda permanecem nas ações cotidianas dos imigrantes ucranianos e seus descendentes?

O objetivo de encontrar a resposta destes questionamentos é realizar o esforço de conhecer, de forma mais específica, o próprio tema de pesquisa. Para isso, utilizamos bibliografias relacionadas ao tema, que nos dão base para apresentarmos uma reconstrução da trajetória imigrante em questão. Não é objetivo desta presente pesquisa detalhar todos os movimentos históricos da imigração ucraniana e também de trajetória política e social da Ucrânia enquanto território e país. Serão utilizadas aqui, apenas passagens que julgamos importantes para a compreensão do leitor em relação a caracterização dos sujeitos de pesquisa em seu contexto histórico.

Como aponta Burko (1963), a Ucrânia, como território é mais do que um espaço meramente geográfico, mas uma nação denotada de sentido pelos quais os ucranianos sentem-se pertencentes daquele lugar: língua, cultura e história própria. Como aponta o referido autor, os costumes e práticas econômicas de subsistência deste povo, se dá pela forte relação com a agricultura, sendo reconhecida como “Celeiro da Europa”, devido a sua produção pecuária, agrícola e vastas terras férteis.

No que se trata dos conflitos político/territoriais que recaíram sobre a Ucrânia, desde o século XII, a diferenciação de território dos demais povos eslavos, considerados ‘vizinhos’, no leste europeu também nos auxilia para a compreensão étnica do povo ucraniano. Como destaca Burko (1963), no período da segunda grande guerra, em 1939, a Ucrânia contava com 49 milhões de habitantes e, devido às circunstâncias conflituosas que ocorreram entre 1940 a meados da década de 1950, das quais podemos citar os

combates russo-alemães no território ucraniano, a ocupação russa através do regime comunista, que causou deportações para a Sibéria, mortes por fome, trucidação e fuzilamento, a Ucrânia, na década de 1960, contabilizava 41.869.000 de habitantes.<sup>6</sup>

De acordo com Burko (1963) os eslavos, localizados geograficamente na região da Ucrânia, foram denominados por terminologias étnicas próprias, das quais podemos citar "*Rus*", "*Russyn*", "*rus'kyi*". A partir disso, será comum encontrar terminologias que classifiquem o imigrante estudado em questão como *ruteno*, *rusko-ucraíno*, *rus-ucraniano*, entre outras variações que não serão abordadas neste momento.

Partindo deste ponto referente a nomenclaturas e linguagem, podemos pensar na caracterização dos ucranianos, também, pelo seu idioma e alfabeto, como aponta Felício (2005):

Tradicionalmente, entre os povos eslavos distinguem-se as seguintes áreas linguísticas: As línguas eslavas orientais compreendem o russo e o ucraniano. As línguas eslavas ocidentais são o checo, o eslovaco, o polaco. Nas regiões meridionais fala-se o búlgaro, próprio da Bulgária e das regiões limítrofes da Roménia (sic) e da Grécia; o macedônio, da Macedónia (sic) e norte da Grécia; o esloveno, da Eslovénia (sic) e zonas fronteiriças da Croácia; e o servo-croata, principal língua eslava do sul, falada na Sérvia, Croácia, Montenegro e Bósnia-Herzegovina. O servo-croata é grafado em alfabeto latino na Croácia, e em cirílico na Sérvia. (FELÍCIO, 2005, p.167)

A religião é outra marca cultural que nos auxilia a compreender as tradições ucranianas que perpetuam no aspecto migratório, como apontam alguns pesquisadores em seus relatos, entre eles podemos citar Burko (1963), Guérios (2007), Batista e Martins (2013) e Boruszenko (1969). Na maioria dos imigrantes ucranianos, o rito religioso predominante é o católico-oriental, além dos cristãos ortodoxos. Como explica Boruszenko (1969, p.431), “seu rito oriental, foi transplantado para os locais de imigração, e foi conservado com todas as suas particularidades”.

Em estudo realizado na região de Mamborê-Pr, Batista e Martins (2013) apontam a preocupação do imigrante ucraniano relacionada a presença de paróquias do rito católico oriental<sup>7</sup> nas localidades onde vivem. Preocupação, esta, que segundo os autores,

---

<sup>6</sup> Segundo dados indicadores do *The World Bank*, disponíveis em <http://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL>, consultado em 17/04/2015, a Ucrânia possui atualmente 45.489.600 de habitantes, de acordo com última estatística realizada em 2013.

<sup>7</sup> A igreja católica do rito oriental se diferencia da igreja católica ocidental pelas tradições ancestrais em suas celebrações e rituais. Os dias religiosos-festivos com calendário próprio, a utilização da língua vernácula, as diferentes datas da Páscoa e Natal, e o ciclo e ofício litúrgico diferenciados. Informações disponíveis em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19641121\\_orientalium-ecclesiarum\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_orientalium-ecclesiarum_po.html)>. Acesso em: 27 jul. 2016.

data desde o início da imigração, onde uma das preocupações dos novos colonos imigrantes era trazer padres da Ucrânia para as novas comunidades. “A religião é essencial para o povo ucraniano visto que evidencia sua cultura - e para eles - manter a devoção é fazer com que perpetue sua língua, seus costumes e até mesmo a união de seu povo”, (BATISTA; MARTINS, 2013, p.1)

O “Paraíso das delícias”, tese de doutorado defendida por Maria Luiza Andrezza, relata as condições de vida do imigrante ucraniano para terras brasileiras, no século XIX, assim como a obra de intitulada “A imigração ucraniana no Brasil”, de Valdomiro N. Burko (1963), onde remonta a situação política e social da Ucrânia desde os primórdios civilizatórios do leste europeu. Para fins de contexto, perpassaremos pelos principais pontos que nos contam a história da política e sociais da Ucrânia, que por fim, ocasionou parte do processo migratória para além dos seus limites territoriais.

A Ucrânia, entendida como Estado do povo ucraniano foi construído após mil anos, das suas primeiras atividades de ocupação do território (BURKO, 1963).<sup>8</sup> Os primeiros povos que habitaram sua região geográfica (planícies da Rússia) foram tribos eslavas, que posteriormente, deram origem a primeira formação organizada denominada de Estado *Kyiv*, ou “*Rus*” (BURKO, 1963). Posteriormente, príncipes de origem normanda, foram os responsáveis pela dominação do território e começaram a expandir os domínios geográficos ao longo dos anos, principalmente, no reinado de *Oleh Rurkovytych* (879 a 914) (BURKO, 1963).

Diversos movimentos políticos e conflitos armados que permearam a construção da Ucrânia enquanto território de disputa, os camponeses ucranianos acabaram por ocupar-se da subsistência na lavoura (ANDREAZZA, 1996). No século XIX, a maior concentração de ucranianos se concentrava nas zonas rurais, onde predominava as relações feudais com a nobreza (ANDREAZZA, 1996).

O principal modo de sustentar a manutenção da servidão era pela opressão e violência (ANDREAZZA, 1996). A dificuldade para os camponeses libertarem-se da servidão devia, em grande parte, a falta de instrução educacional, em termos básicos como a alfabetização, e conseqüentemente, a falta de consciência política (ANDREAZZA, 1996). Nasce deste cenário, para auxiliar o desenvolvimento intelectual dos camponeses a associação *Prosvita* (em 1868), que quer dizer Iluminação, em tradução livre.

---

<sup>8</sup> A partir deste ponto aos próximos cinco parágrafos, todas as informações foram baseadas nos registros de pesquisa de Burko (1963), no capítulo 2 “BREVE ESBOÇO DA UCRANIA”, nas páginas p.23-31, em sua obra “A imigração ucraniana no Brasil”, devidamente referenciada ao fim deste trabalho.

Em relação à penetração de uma cultura escrita no campo da Galícia, deve-se dar um papel de destaque à fundação, em 1868, da Sociedade Prosvita sob a iniciativa do reverendo Stephen Kachala e dos populistas Anatoly Vachnhanyn e Omelian Partytzky. Originalmente um movimento cultural e educacional, a Prosvita ganhou força política com o apoio da juventude, principalmente por incluir estudantes de teologia. Sendo um movimento nacional-populista, preocupava-se em editar jornais e pequenos livretos, da mesma maneira que promovia a criação dos clubes de leitura sempre destinados às camadas populares. A orientação do movimento Prosvita opunha-se à geração de conservadores, que eram mais ligados às tendências russófilas (ANDREAZZA, 1996, p. 26-27).

Um pouco antes do surgimento da *Prosvita*, no ano de 1860, iniciou-se uma política de alfabetização campesina na Ucrânia, que não foi bem-sucedida devido à forte pressão das elites polonesas que ali residiam. Em 1880, aproximadamente, 17% dos homens e 10% das mulheres sabiam ler e escrever (ANDREAZZA, 1996). Certa resistência do povo campesino em alfabetizar seus filhos dava-se ao valor primordial que ainda era atribuído ao trabalho físico nas atividades campestres, e não ao desenvolvimento intelectual (ANDREAZZA, 1996).

É nesta condição que a sociedade *Prosvita* atuou no meio rural. Com o propósito de levar o conhecimento e a alfabetização a estas comunidades, a referida entidade buscou o ensinamento a partir de instrumentos culturais, como jornais e revistas (ANDREAZZA, 1996). Em 1870, a associação promoveu no campo escolas e grupos de leituras para que os camponeses pudessem ter acesso com mais facilidade aos meios didáticos de ensino (ANDREAZZA, 1996).

Em relação ao viés econômico deste período, pode-se caracterizá-lo como uma época de transição, na qual a economia tradicional vem sendo incorporada pela economia monetária (ANDREAZZA, 1996). Até o fim do século XIX, afirma-se que não houve um sistema capitalista fortemente imposto na região (ANDREAZZA, 1996). Algo parecido como economia pré-capitalista. A produção não era estritamente feudal, apesar do poder de classe dominante, e não havia separação do trabalhador e meios de produção (ANDREAZZA, 1996).

## 1.1 IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO BRASIL: ESCOLHAS TERRITORIAIS PARA UMA NOVA PERSPECTIVA DE VIDA

Entendemos como o fenômeno da imigração, de acordo com a conceituação feita pela Organização Internacional para as Migrações (OIM)<sup>9</sup>, como o “processo mediante o qual pessoas não nacionais ingressam em um país com o fim de estabelecer-se” (CONCEITOS..., 2015, não paginado). A migração, outro termo conceituado pela OIM, é usado para caracterizar o processo de deslocamento populacional de um território para outro (seja outro Estado ou dentro do mesmo), sem levar em conta as causas do fator.

No Brasil, o cenário era deveras conturbado: Resistências de escravos datam desde o início da colonização, meados de 1600 (MENEZES, 2009). Ali surgiam, de acordo com Menezes, (2009), as primeiras formações quilombolas. “Maior nação escravista até 1791, o Brasil foi superado apenas pelos Estados Unidos na medida em que este consegue desenvolver, com êxito, um modelo de reprodução de escravos ao tempo em que dificultava a manumissão individual dos escravos” (MENEZES, 2009, p. 87).

Em 1822, o Brasil se torna um país independente, porém, como destaca Menezes (2009), com um regime diferenciado dos demais países sul-americanos. Se torna, portanto, um “Estado unitário, uma monarquia constitucional sob uma constituição outorgada, com um poder executivo forte e um parlamento consentido e limitado. A escravidão é mantida” (MENEZES, 2009, p.87). Nesse contexto, podemos citar alguns movimentos de levante popular na época, com a participação essencial de mulatos e negros, principalmente, escravos aquilombados, tais como a Cabanagem, no Pará, em 1835, e a Balaiada, no Maranhão, em 1838.

Como aponta o Informativo ‘Labor’, da Coordenadoria de Gestão Documental e Memória, no final do século XIX, o fim do regime escravocrata chega ao fim com a lei áurea, e com isso, as relações sociais e de trabalho foram alteradas no país. Neste cenário, voltado aos interesses dos proprietários de terras, incentiva-se, por meio do governo brasileiro, a chegada de imigrantes, principalmente europeus.

Segundo Oliveira (2013, p.48) “O Brasil passou boa parte de sua história como sendo país de imigração, desde o início de sua colonização até os anos 1930, quando começaram a cessar os incentivos à vinda de estrangeiros”. De acordo com apontamentos de Levy (1990, *apud* OLIVEIRA, 2013), em 1900, cerca de 6,2% era composta por imigrantes.

---

<sup>9</sup> Informações disponibilizadas pelo Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, disponível em: <[http://www.csem.org.br/pdfs/conceitos\\_basicos\\_de\\_migracao\\_segundo\\_a\\_oim.pdf](http://www.csem.org.br/pdfs/conceitos_basicos_de_migracao_segundo_a_oim.pdf)>. Acesso em 24 set. de 2015.

De acordo com a Fundação Getúlio Vargas (FGV)<sup>10</sup>, a participação no processo de ocupação do Sul do Brasil, no século XIX a meados do século XX, movimentou grande da população imigrante europeia, no crescimento da lavoura. A partir do quadro abaixo, podemos visualizar que foram nas primeiras décadas do século XX que sucederam os grandes fluxos migratórios.

QUADRO 1 – Imigração por nacionalidade (1884/1933)

Nacionalidade	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Alemães	22778	6698	33859	29339	61723
Espanhóis	113116	102142	224672	94779	52405
Italianos	510533	537784	196521	86320	70177
Japoneses	-	-	11868	20398	110191
Portugueses	170621	155542	384672	201252	233650
Sírios e Turcos	96	7124	45803	20400	20400
Outros	66524	42820	109222	51493	164586
Total	883668	852110	1006617	503981	717223

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 200. Apêndice. Estatísticas de 500 anos de povoamento. p. 226. Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

Um declínio do processo da imigração acontece a partir da década de 1930, devido a veiculação do decreto presidencial que “procurava disciplinar ‘a afluência desordenada de estrangeiros’, vista como responsável pelo aumento do desemprego nas cidades” (A ERA..., 2015). Lembrando que grande parte da imigração era subvencionada pelo governo federal ou recursos próprios, e pelos fazendeiros brasileiros que precisavam empregar mão de obra imigrante para substituir o trabalho escravo (FERNANDES, 2006).

QUADRO 2 – Imigração por nacionalidade no período pós-guerra (1945/1959)

Períodos	Alemães	Espanhóis	Italianos	Portugueses	Japoneses	Outros
1945-1949	5188	4092	15312	26268	12	29552
1950-1954	12204	53357	59785	123082	5447	84851
1955-1959	4633	38819	31263	96811	28819	47599

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 200. Apêndice. Estatísticas de 500 anos de povoamento. p. 226. Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1945-1959>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

<sup>10</sup> Dados disponíveis em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CafeEIndustria/Imigracao>>. Acesso em: 09 ago. de 2015.

Outro descompromisso do Estado brasileiro em relação à imigração estava relacionado às condições mínimas de saúde, durante o deslocamento da população (ANDREAZZA, 1996). “A chegada de emigrantes implicava uma escala no Rio de Janeiro. Aí, um grande número de funcionários subia à bordo: eram da alfândega, da saúde, da colonização, etc. Na Ilha das Flores desembarcavam os imigrantes afetados de moléstias; ali os navios faziam suas quarentenas, aguardando a cura e o desembarque para os hospitais” (ANDREAZZA, 1996, p.48).

Como retrata a autora, entre os anos de 1885 e 1896, a Ilha das Flores foi também foi cenário de abusos por parte dos funcionários e da polícia, que deveriam ser responsáveis pelos ‘cuidados’ e ‘recepção’ dos imigrantes. Além de agressões, havia limitação de comida e falta de condições básicas de higiene (ANDREAZZA, 1996).

Além disso, o Estado não assumia a responsabilidade social sob as condições humanas mínimas dos imigrantes. Regido por diretrizes autoritárias e exploratórias, visando o desenvolvimento econômico desde a Constituição de 1891<sup>11</sup> à Constituição de 1934<sup>12</sup>, que previa na norma o total controle sob a entrada, naturalização e expulsão de imigrantes. Esta coerção estatal é visível nos seguintes parágrafos do art. 121, do Título IV, referente a Ordem Econômica e Social, da Constituição de 1934:

§ 6º - A entrada de imigrantes no território nacional sofrerá as restrições necessárias à garantia da integração étnica e capacidade física e civil do imigrante, não podendo, porém, a corrente imigratória de cada país exceder, anualmente, o limite de dois por cento sobre o número total dos respectivos nacionais fixados no Brasil durante os últimos cinqüenta anos.

§ 7º - É vedada a concentração de imigrantes em qualquer ponto do território da União, devendo a lei regular a seleção, localização e assimilação do alienígena (Constituição..., 1934).

Não era considerado, portanto, as questões humanas relacionadas a princípios básicos de integridade, além de tratar a população imigrante como peça de domínio estatal, com funções básicas de povoamento e mão de obra. De acordo com o Labor (Ano III, nº 5, Maio de 2013) os imigrantes vieram ao Brasil ludibriados por falsas promessas por parte do governo brasileiro.

Quando chegavam aqui, eram levados a condições de trabalho tão miseráveis e extenuantes quanto aquelas que haviam executado em seus respectivos países de origem.

---

<sup>11</sup> Documento disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao91.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm). Acesso em: 20 set. de 2015.

<sup>12</sup> Documento disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm)>. Acesso em: 20 set. de 2015.

O mercado brasileiro ainda caminhava sobre os passos da ideia escravocrata de mão de obra.

Para ilustrar esta situação, Guérios (2007) aponta a partir de seus estudos sobre a linguagem ucraniana que “Ao falar da vida na terra natal no contexto do discurso sobre a vinda ao Brasil, por exemplo, as marcas da *horiá* (горя, “fardo”) e da *bidá* (біда, “miséria”) aparecem repetidamente em diferentes testemunhos” (GUÉRIOS, 2007, p.7).

A escolha de migrar, pelo povo ucraniano, não foi arbitrária, mas permeada de dificuldades sociais. Segundo Andrezza (1996), a crença que a busca de novos espaços para recomeçar a vida poderia garantir a esperança de um futuro mais promissor, longe das condições de submissão econômica e social das camadas mais populares em relação às classes mais abastadas.

Especialmente para a etnia em estudo, as condições que auxiliaram a ideia de emigração - os fatores de repulsão populacional - foram bastante intensas. A história vivida pelas pessoas das regiões do leste europeu fez com que, até meados do século XIX, elas mantivessem relações feudais, que só foram legalmente abolidas na esteira das revoluções de 1848. Mesmo assim, em função das dificuldades que vivenciaram como homens livres, no final do oitocentos a servidão era uma memória poderosa. Talvez tão forte que tenha impulsionado o abandono do *locus* tradicional, para em terras absolutamente desconhecidas empreenderem a tentativa de *serem senhores de si mesmos* (ANDREAZZA, 1996 p. 15, grifo da autora).

Outro motivo que levou a migração do povo ucraniano para outras localidades, segundo Burko (1963) foram as perseguições religiosas bolchevistas onde sacerdotes e religiosas foram mortos ou aprisionados, além de ocupações das paróquias do rito oriental pelos revolucionários russos.

De acordo com os apontamentos feitos por Guérios(2007), a partir de relatos de imigrantes, o Brasil era apresentado para os colonos na Ucrânia como terra de grande prosperidade, onde riquezas fantasiosas, como ‘estradas de esmeraldas’ e terras abundantes eram destinadas aos novos habitantes que viriam do leste europeu para ocupar o sul brasileiro.

Os rutenos que vieram ao Brasil no final do século XIX eram então uma população quase totalmente composta de camponeses analfabetos, alijada da educação e sem participação na vida administrativa local; com sua vida completamente ligada à atividade na terra e com pouco acesso à educação, esses camponeses não tinham contato com idéias que extrapolassem suas vivências cotidianas na aldeia. Com esses dados históricos compreende-se melhor que os rutenos não pudessem conceber a existência de um mundo sem senhores no final do século XIX: seus ancestrais ocupavam posições servis há inúmeras gerações,

e a concepção de um mundo dividido entre servos e senhores era naturalizada entre eles (GUÉRIOS, 2007, p.34).

Para situarmos de forma mais clara os movimentos migratórios do povo ucraniano, que aconteceram no final do século XIX até meados do século XIX, elencamos três fases, de acordo com a classificação de Burko (1963). A primeira delas se dá nos fins de XIX que por decorrência da superpopulação agrária e das precárias condições econômicas de trabalho na deficiente industrialização, fizeram-se tomar rumos fora da Ucrânia ocidental. O destino desta primeira leva de imigrantes foram os seguintes países: Brasil, Canadá, Argentina e Estados Unidos.

Segunda fase da imigração localiza-se no período pós-primeira guerra mundial, de modo mais concentrado, nos anos de 1918/1920. O motivo desta vez era político. De acordo com Oksana Boruszenko,<sup>13</sup> esta fase migratória se diferencia da anterior pelo perfil diferenciado das pessoas que compuseram este período: ucranianos com um nível maior instrução e maior diferenciação profissional do que os demais imigrantes que deixaram a Ucrânia no século XIX.

Os países os quais este grupo ocupou após deixar a terra de origem foram, em sua maioria, a Tchecoslováquia, onde fundaram a Universidade Ucraniana Livre, Academia de Agricultura, a Escola Técnica Superior entre outras instituições. Outros países que abrigaram este contingente populacional em trânsito foram a França, assim como, novamente, o Canadá e os Estados Unidos.

Por fim, a terceira fase ocorre no período pós-segunda guerra mundial. Este momento foi o mais volumoso em termos de contingente populacional em fase migratória, com cerca de 200 mil ucranianos, de diferentes camadas sociais, como operários vindos de diferentes províncias da Ucrânia, refugiados políticos, prisioneiros de guerra e até mesmo soldados ucranianos que, aliados aos alemães, combateram os bolchevistas.

Para compreendermos, estatisticamente, o percurso dos imigrantes após as três fases migratórias, elaborou-se o esquema:

---

<sup>13</sup> Trecho baseado no relato de Oksana Boruszenko, documentado em vídeo intitulado "Made In Ucrânia", devidamente referenciado ao fim deste trabalho.

TABELA 1 – Distribuição migratória dos ucranianos na década de 1960

País (es)	Total de imigrantes ucranianos
Estados Unidos	1.000.000
Canadá	500.000
Argentina	150.000
Brasil	120.000
Uruguai	8.000
Paraguai	8.000
Austrália e Nova Zelândia	20.000
Inglaterra	35.000
França	40.000
Alemanha e Áustria	20.000

Fonte: Dados baseados nos apontamentos de Burko (1963), no tópico O TOTAL DE IMIGRANTES NO MUNDO LIVRE, p.41.

Ao se instalarem nas devidas localidades mencionadas anteriormente, cada grupo de imigrantes desenvolveu atividades de trabalho e práticas para subsistência que se diferenciam em cada país o qual se mudaram. Para fins de contexto, observemos de forma prática o seguinte esquema para compreender ao que se refere às ocupações dos imigrantes ucranianos, em alguns países:

QUADRO 3 – Ocupações nos quatro países que mais receberam imigrantes ucranianos

País	Cidades/regiões	Ocupações
Estados Unidos	Pensilvânia, Nova Jersey, Nova Inglaterra e Chicago, e outras localidades na região oeste do país.	Atividades Industriais
Canadá	Região Leste e Colúmbia Britânica, províncias de Manitoba, Saskatchewan e Alberta	Industriais de mineração e atividades agrícolas
Argentina	Buenos Aires, Misiones, Córdoba, Mendoza e Chaco.	Atividades industriais, em sua maioria.
Brasil	Estado do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo.	Principalmente atividades agrícolas e pecuárias. Também atividades industriais.

Fonte: Dados baseados nos apontamentos de Burko (1963), no tópico ESTADOS DE RESIDÊNCIA E PROFISSÃO, p.41.

## 1.2 DO NACIONAL AO REGIONAL: A IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO PARANÁ

Para compreendermos o processo da imigração no estado, é necessário que compreendamos o desenvolvimento regional paranaense que, assim como no cenário nacional, apresentava severa desorganização. Para se ter uma ideia, o território que,

atualmente, forma o estado do Paraná pertencia a São Paulo até o ano de 1853 (PRIORI et al, 2012). As estruturas políticas e econômicas da época eram desajustadas e precárias.

Enquanto o território paranaense era Comarca de São Paulo, não havia uma estrutura competente para as exigências administrativas da região. A segurança era péssima, não havia escolas, nem professores suficientes para a população. A justiça era mal aplicada e lenta. Os serviços públicos eram precários. Verbas eram desviadas e, além disso, a Comarca sofria com pesados tributos pagos tanto para o Império, quanto para a província de São Paulo (PRIORI et al, 2012, p.16).

Houveram várias tentativas de emancipação do território em questão. A primeira delas, em 1811, quando a Família Real esteve presente no Brasil (PRIORI et al, 2012, p.16). Novamente, em 1821, iniciou-se o movimento ‘Conjura Separatista’, que buscava a autonomia política do Paraná. Esta iniciativa não emergiu das camadas populares, como as resistências separatistas vistas anteriormente. As propostas emancipatórias surgiram nas câmaras de vereadores de Antonina, Castro, Curitiba, Morretes, Paranaguá e Vila do Príncipe (Lapa).

Na primeira metade do século XIX, a 5ª Comarca de São Paulo sofreu importantes mudanças econômicas: a produção do mate e da madeira despontou no mercado do Prata e no Chile, ultrapassando a importância econômica do comércio de gado que havia entrado em decadência. Essa intensa atividade econômica aumentava, entre a elite paranaense, o desejo pela separação de São Paulo (PRIORI et al, 2012, p.18).

Segundo Priori (et al, 2012), o fato que também ajudou no processo político que resultaria na emancipação foi a Revolução Farroupilha, durante os anos 1835 a 1845. Nesse cenário, a província de São Paulo, intimidada com o possível avanço das forças revolucionárias, procurou apoio em Curitiba, temendo que a revolução chegasse ao território que hoje pertence ao Estado do Paraná. Em troca do apoio para combater os revolucionários, a província de São Paulo prometeu emancipação a Comarca de Curitiba.

O resultado desta parceria, como previsto, foi a emancipação, em 1842, tornando Curitiba a capital da província, devido à localização geográfica da mesma. Como aponta Priori (et al, 2012), no dia 19 de dezembro de 1853, Zacarias de Góes e Vasconcellos toma posse como o primeiro presidente da nova província. A denominação do estado com a nomenclatura de Paraná se dá a partir da língua Guarani, que significa ‘semelhante ao mar’, devido ao maior rio do território, o Rio Paraná (PARANÁ, 2012 *apud* PRIORI et al, 2012).

A partir do que foi apresentado até agora, pode-se dizer, também, que a ocupação do Paraná foi diferente a tardia. Os padrões portugueses seguidos pelos senhorios e

grandes latifundiários do Brasil não haviam se instaurado no Paraná, devido à baixa densidade demográfica, no século XVII.

Até o começo do século XVIII, a população da região onde hoje se configura o Paraná era constituída de portugueses, vindos do Reino, castelhanos, índios, negros africanos e de nativos descendentes dessas três raças. A mão de obra constituía a maior dificuldade para o desenvolvimento do território. Nesse contexto, a imigração passou a ser vista como solução para o problema (PRIORI et al, 2012, p.36).

A ocupação dos imigrantes no Paraná foi diferente dos outros dois estados da região sul. Como aponta Priori (2012), os núcleos eram formados, em sua maioria, por duas ou mais etnias. Vale ressaltar, também, que os grupos de imigrantes, independente da nacionalidade de origem, sempre tiveram como meta preservar a identidade cultural, apesar de toda e qualquer influência advinda da heterogeneidade.

Um dos núcleos de imigrantes que se estabeleceram no Paraná e teve grande destaque por suas características particulares é a Colônia Cecília, na região de Palmeira – PR, localizada a 45km de Ponta Grossa – PR. A instauração da colônia ficou conhecida, de acordo com Priori (et al, 2012), por ser a primeira experiência anarquista no Brasil.

Como vimos anteriormente, a vinda dos imigrantes ucranianos ao Brasil aconteceu em três fases históricas. O Paraná recebeu imigrantes nestes três períodos distintos, como descreve Boruszenko (1969). Os primeiros ucranianos que chegaram ao Estado, no fim do século XIX, eram em sua maioria lavradores, oriundos das regiões da Galícia e Bokovina, na época, territórios dominados pela Áustria.

O maior contingente de ucranianos imigrantes no Estado deu-se no período pós-segunda guerra, onde operários, refugiados, militares, políticos, entre outros contabilizaram mais de 200 mil imigrantes. A maioria desta população dedicou-se a agricultura nas zonas tradicionais, nas regiões agrícolas e de clima subtropical, semelhante às condições da Ucrânia. Outros migraram as regiões mais industrializadas, e se dedicaram na produção de móveis, serviços mecânicos, entre outras produções técnicas.

Para compreender culturalmente as práticas destes descendentes perpassaremos por elementos, já estudados por outros pesquisadores, que auxiliam na caracterização desta cultura: o idioma, as músicas, a religião e as *pêssankas*.

Segundo Guérios (2008), o ucraniano é uma língua derivada do russo e do polonês, sendo um idioma eslavo, constituído pelo alfabeto cirílico. Atualmente, apesar dos mais de 100 anos após os primeiros imigrantes ucranianos chegarem ao Brasil, os

descendentes no estado do Paraná “[...] ainda utilizam a língua ucraniana correntemente entre si para tratar de assuntos familiares e religiosos, e mesmo dentre os que não dominam a língua certas expressões e categorias ainda são amplamente utilizadas no cotidiano (GUÉRIOS, 2008, p.2). Nesse sentido se faz útil acentuar que:

O Brasil devido ao seu pluralismo lingüístico e cultural é um país que apresenta tradições e particularidades de línguas que interferem, podendo ser interferidas por outras línguas, ou, ainda, manter-se através das gerações como marca de uma identidade de um grupo, ou como, elemento importantíssimo para o acontecimento da interação nos mesmos (MEZAVILA, 2007, p.76).

Em um estudo realizado na comunidade ucraniana de Cascavel, Mezavila (2007) afirma que os descendentes de ucranianos sabem que as práticas culturais (englobando aqui, também, a religião) tem como princípio norteador a manutenção da língua de origem. Portanto, estes imigrantes, de acordo com Mezavila (2007) trabalham incansavelmente para que todos tenham acesso a sua língua, inclusive aqueles que não têm a mesma origem étnica. Por ser simpatizante da comunidade também é convidado a aprender a língua de origem.

Outra pesquisa realizada com o intuito de estudar a linguagem foi elaborada por Simionato (2012), na cidade de Prudentópolis – PR. Este estudo identificou, a partir da análise de discurso, quais as principais atividades realizadas pelos descendentes de imigrantes (trabalho, brincadeiras, orações, alimentação, etc.) e como a língua ucraniana interferia no processo de alfabetização de crianças na escola.

A pesquisa, que aconteceu em Prudentópolis, notou que as falas em português eram permeadas por expressões e palavras da língua ucraniana (SIMIONATO, 2012). A partir da coleta, a pesquisadora percebeu que a inserção da língua ucraniana estava intrinsicamente ligada as atividades domésticas realizadas dentro do âmbito familiar, assim como as brincadeiras e orações. Estas últimas, se mostraram de maneira enfática durante as entrevistas (SIMIONATO, 2012).

Um terceiro estudo desenvolvido em relação a esta temática linguística na comunidade ucraniana de Curitiba foi realizado por Babbar (2008). Nessa pesquisa, a autora buscou investigar a geral da pesquisa as características, transformações e adaptações da música desta etnia na esfera religiosa.

Em relação ao uso da língua ucraniana, peça central pela qual a cultura musical litúrgica é constituída, Babbar (2008) aponta que a partir da década de 1960, o uso da língua de origem foi substituído pelos descendentes de imigrantes por usos de cantos em

português durante as liturgias. Essa ‘mesclagem’ no uso de cantos de duas línguas se dá, principalmente, pelo desuso do idioma ucraniano entre as gerações mais novas, apesar de todas as tentativas e iniciativas concretas para a preservação do mesmo.

Visando a preservação do idioma e o ensino do mesmo, a Representação Central Ucraniano-Brasileira (RCUB) disponibilizou na web uma cartilha para o ensino do idioma ucraniano. O material, que pode ser acessado gratuitamente em <<http://www.bukvar.com.br>>. A cartilha online possui um sistema multimídia, o qual o aluno pode ouvir os sons do alfabeto cirílico, entre outras sentenças gramaticais completas que o auxiliam na compreensão não somente da escrita, mas também, da pronúncia correta das palavras.

Outra característica da cultura ucraniana é a arte de elaborar ovos pintados à mão, conhecidos tradicionalmente pelos descendentes de ucranianos como “*pêssankas*”. De acordo com o estudo de Oliveira (2012), desenvolvido na região de Curitiba, durante o período que antecede a comemoração religiosa da Páscoa (cerca de 30 dias antes), as crianças das comunidades ucranianas são ensinadas pelos mais velhos a confeccionar estes ovos.

Não apenas um tipo de *pêssankas*. Como o próprio nome apresenta, há uma pluralidade destes tipos de ovos pintados. De acordo com pesquisas feitas, o trabalho de Oliveira (2012) explica em sua pesquisa que há três tipos de *pêssankas*, que variam de acordo com a intenção de quem a produz: (1) alimento bento, (2) amuleto e (3) artefato decorativo (mercadoria). Há uma infinidade de cores e traços que são utilizados para elaboração dos desenhos, como aponta o autor citado anteriormente.

FIGURA 1 – Artesanato ucraniano: *Pêssankas* pintadas a mão



Fonte: < <http://www.revistacliche.com.br/wp-content/uploads/2013/03/capa3.jpg>>. Acesso em 10 set.2016.

De acordo com Oliveira (2012, p.21), a Pêssanka confeccionada para venda “[...] representa de modo saliente o sentido comercial que hoje adquiriu o artesanato, tendo em vista a necessidade de adaptação dos artesãos aos novos contextos que englobam cada etapa da vida social do objeto que produzem”. Defende-se que a simbologia dos desenhos feitos nessa *pêssankas*, que são confeccionadas como alimento ou amuleto, não deixa de existir, não somente pela valorização estética do produto mas pelo conhecimento que os consumidores assumem da tradição.

O comércio das *pêssankas* representa um meio selecionado por alguns artesãos para a divulgação de um dos mais antigos traços culturais ucranianos, operacionalizado, neste sentido, como elemento de diferenciação étnica do grupo em relação aos demais presentes na sociedade, ao mesmo tempo em que significa um veículo organizatório da sociabilidade inaugurada na comunidade ucraniana curitibana, a partir da prática da pintura do artesanato (OLIVEIRA, 2012, p.21).

A pintura da Pêssanka possui um valor simbólico diferenciado, segundo Oliveira (2012). Essa variação ocorre de acordo com o espaço social que o objeto é confeccionado, doado ou vendido. Apesar do conhecimento que algumas pessoas possuem em relação às simbologias da Pêssanka, a intenção de compra do objeto é particularizada. Em alguns casos, valoriza-se apenas o apelo estético e exótico do objeto, sem um conhecimento cultural do que o artesanato representa para os ucranianos.

As cores utilizadas para a pintura não são aleatórias e possuem significados particulares, assim como os traços e desenhos. Segundo Bertoldi (2015, p.2) “Para um melhor desempenho e que não haja alteração das cores o ideal é sempre tingi-la da cor mais clara para a mais escura, de acordo com as cores primárias, e se essas não forem feitas com atenção gerarão as cores secundárias”. Elaboramos um pequeno quadro com as cores predominantes na pintura desses objetos. Vejamos a seguir:

QUADRO 4- Cores e significados dos desenhos nas *pêssankas*

Cor	Significado
Branca	Pureza, virgindade, inocência e nascimento. <i>pêssankas</i> com fundo branco eram usadas no sepultamento de crianças.
Amarela	Simboliza pureza e luz, boa colheita e sabedoria
Laranja	É o símbolo do sol. Representa poder, resistência, ambição. É a cor do fogo, a combinação do vermelho da paixão e o amarelo da sabedoria.
Vermelha	Considerada uma cor positiva, que demonstra vigor, esperança, felicidade e paixão. É a cor do sangue derramado e conta bravura, nobreza e entusiasmo. No simbolismo cristão significa o amor divino e a paixão de Jesus Cristo

Verde	Representa a primavera, renascimento da natureza e a prosperidade do reino vegetal. Simboliza também felicidade e juventude.
Azul	Representa o céu, o ar que permite a vida, magia e juventude.
Marrom	Símbolo positivo, cor da terra e das longínquas montanhas. Tem conotação com a colheita, pois é a cor do outono.
Roxa	É a cor da alta vibração, sempre foi associada à nobreza. Na <i>pêssanka</i> , representa a fé e a confiança.
Preta:	Representa a fidelidade absoluta, eternidade ou nascimento. É a cor que representa a escuridão antes da aurora. Nas <i>pêssankas</i> , preto, contrastando com vermelho, denota ignorância que nasce da paixão, enquanto em contraste com o branco significa a ignorância da mente.

Fonte: Oficinas de *Pêssankas*. Disponível em < <http://metropolia.org.br/wp-content/uploads/2015/03/apostila-oficina-pessankas.pdf>>. Acesso em 26 set.2016.

Como visto até o presente momento, a religião está intrinsecamente ligada as práticas culturais desta etnia. Pensando nisso, este trabalho apresenta alguns apontamentos sobre a importância das igrejas enquanto templo religioso para os ucranianos e seus descendentes, assim como patrimônio histórico e cultural do Paraná.

As igrejas ucranianas possuem características particulares que auxiliam na caracterização das práticas culturais-religiosas do povo ucraniano, o que auxilia na distinção das demais igrejas, sejam elas do rito católico ou de outras religiões cristãs. Os estudos sobre as igrejas ucranianas no Paraná, de acordo com levantamento realizado no portal Capes, se limitam apenas a um artigo que aborda a temática.<sup>14</sup> A maioria dos estudos que envolvem a Igreja, como instituição religiosa, se refere a prática da religião, e não ao templo material em si.

Em uma reportagem que trata o assunto, publicada pelo jornal paranaense “Gazeta do Povo”, o arcebispo de Juiz de Fora, dom Gil Antonio Moreira, presidente da comissão de bens culturais da regional Leste, afirma que apesar das igrejas englobarem o hall dos patrimônios histórico-culturais, há igrejas que estão em ruínas. De acordo com a reportagem, este tipo de construção representa 60% das obras artísticas do país.

Em 2009, foi lançado, pelo Instituto Arquibrasil o livro “Igrejas Ucranianas: arquitetura da imigração no Paraná”, dos arquitetos Fábio Domingos Batista, Sandra Magalhães Corrêa e Marialba Gaspar Imaguire. Nesta obra, 25 igrejas foram catalogadas

<sup>14</sup> Consulta realizada no dia 25 de setembro de 2016.

numa espécie de “Dossiê arquitetônico”. Estima-se que, no total, sejam aproximadamente 200 igrejas ucranianas por todo o interior do Paraná.

De acordo com a publicação, além destas construções possuírem um design específico, as igrejas são construídas de dois tipos de materiais: as mais antigas são feitas de madeira, e as mais novas de alvenaria. Outro fato de importante destaque, sobre a conservação destes espaços, é que os responsáveis por cuidar da manutenção, além da instituição igreja, são as famílias residentes nas comunidades próximas a estes templos. O êxodo das famílias para as regiões mais habitadas faz com que estas igrejas sejam deterioradas com tempo, devido a redução dos fiéis que utilizam este espaço religioso. Um cuidado quase todo comunitário.

Segundo o site da Metropolia Católica Ucraniana São João Batista, responsável por reunir a história das principais comunidades religiosas do Paraná, as três igrejas mais antigas do Paraná são São Miguel de Arcanjo (em Dorizon - PR), Nossa Senhora da Imaculada Conceição (Antônio Olinto-PR) e Espírito Santo (General Carneiro).<sup>15</sup> As informações disponíveis na página apontam que a Igreja de São Miguel Arcanjo foi construída entre os anos de 1902/1903. A construção fica localizada na comunidade Serra do Tigre, em Dorizon (12km de Mallet).

FIGURA 2 – Igreja São Miguel Arcanjo, em Mallet – PR



Fonte: < <http://metropolia.org.br/wp-content/uploads/2015/02/tigre.jpg>>. Acesso em: 27 set.2016.

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://metropolia.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 27 set.2016.

A base da construção é feita inteiramente de madeira: a fundação é composta de troncos de araucária; as paredes triplas são de madeira encaixadas com pouco uso de pregos. No interior há pinturas com imagens do Santo Nicolau, Nossa Senhora e São Jose. Cerca de 80 famílias pertencem a esta comunidade, e procuram preservar a cultura religiosa ucraniana a partir do ensino da língua e atividades folclóricas.

A igreja Nossa Senhora da Conceição, de Antônio Olinto (117 km de Mallet-PR), foi construída em 1902, sendo que o primeiro batismo nesta construção data do ano de 1903. O convento das Irmãs Servas De Maria Imaculada foi construído em 1932 e a escola em 1969.

Na época da fundação, existiam 140 famílias. O que caracteriza a história religiosa de Antônio Olinto é o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na verdade, um mosaico de aproximadamente 1,20 m. de altura por 0,80 de largura, confeccionado com pedras corais, diamantes, pérolas e esmeraldas, com detalhes em ouro, doados pelos fiéis entre 1913 e 1923.

Os materiais que foram utilizados para a confecção deste objeto religioso fizeram com que os descendentes de imigrantes batizassem o quadro com o nome de Nossa senhora dos Corais, e não com o nome da santa padroeira, Nossa Senhora da Conceição. Vale dizer que, ainda no final do século XX, esta igreja se tornou patrimônio histórico cultural a partir do processo de tombamento histórico (artigo 8º da lei 1211/53), através da secretaria estadual da cultura.

FIGURA 3 – Igreja Nossa Senhora da Conceição, em Antônio Olinto – PR



Fonte: < <http://metropolia.org.br/metropolia/antonio-olinto/> >. Acesso em: 27 set.2016.

Na localidade de Marco Cinco, na cidade de General Carneiro (41 km de União da Vitória - PR), localiza-se a Paróquia Divino Espírito Santo. As primeiras famílias dessa comunidade chegaram em 1986, sendo esta uma das mais numerosas colônias do interior do estado, com cerca de 300 famílias. Atualmente, 70 famílias se encontram na região.

Assim como as demais igrejas apresentadas anteriormente, a construção é feita de madeira, possui a tradicional cúpula das igrejas ucranianas. Na comunidade de Marco Cinco, nos princípios da instauração da igreja, a educação escolar era oferecida pelos religiosos, havendo escolas regidas pelas Irmãs ucranianas.

FIGURA 4 – Paróquia Divino Espírito Santo, em General Carneiro - PR



Fonte: < <http://metropolia.org.br/wp-content/uploads/2015/02/marcocinico.jpg>>. Acesso em 27 set.2016.

Os arquitetos responsáveis pelo livro afirmam que a valorização estética e turística das igrejas ucranianas antigas acaba por mudar algumas práticas dentro da comunidade, em relação a restauração e reformas destes templos. Muitos padres desistiram de demolir estas igrejas para construir outras de alvenaria no lugar.

### 1.3 DO REGIONAL AO LOCAL: A IMIGRAÇÃO UCRANIANA EM PRUDENTÓPOLIS

A história de Prudentópolis foi construída a partir da imigração dos povos eslavos: poloneses, russos, e principalmente ucranianos. Como vimos anteriormente, os processos migratórios aconteceram em fases. As primeiras famílias que se estabeleceram no estado

do Paraná durante a primeira fase, no ano de 1891, onde se localiza hoje a cidade de Mallet, vieram da cidade de *Zolotiv*, no Oeste da Ucrânia.

Dados do Instituto de Geografia e Estatística mostram que o município de Prudentópolis surgiu na área entre o rio dos Patos e a serra da Esperança, região geográfica que pertencia ao município de Guarapuava, até metade do século XIX.

A habitação dessa região deu-se logo no início da primeira fase migratória, em 1882, quando ocorreu a abertura da estrada da linha telegráfica no local. A região veio chamar-se Prudentópolis em 1894, e tornou-se oficialmente em município em 5 de março de 1906, pela Lei Estadual nº615, e no dia 14 de março de 1929, o a localidade recebeu foros de cidade.<sup>16</sup> O local que ainda possuía aspecto colonial começou a assumir nova forma e possuir maior movimentação nas duas últimas fases, de 1917 a 1950, com destaque para o período das duas grandes guerras.

A cidade possui 48.792 habitantes, segundo o censo do IBGE no ano de 2010. Cerca de 60% da população ainda ocupa as áreas rurais, em pequenas propriedades. Comparado ao estado do Paraná (IBGE, 2010) que no mesmo ano registrou o total de 10.439.601, habitantes dos quais 1.533.159 fazem parte da população rural, aproximadamente, 15% dos cidadãos paranaenses.

Um ponto importante a ser esclarecido é que durante o ano de 2013, quando a pesquisadora teve seu primeiro contato com o tema ‘imigração ucraniana em Prudentópolis’, houve dificuldade em expressar precisamente a quantidade de descendentes ucranianos que ainda residem na delimitação territorial da cidade de Prudentópolis.<sup>17</sup> Segundo Antonio e Cardozo (2008), em estudo realizado sobre "Turismo étnico no meio rural: possibilidades para a comunidade de imigrantes ucranianos de linha esperança - Prudentópolis/PR", cerca de 70% do contingente populacional da cidade em questão possui descendência ucraniana.

Outra variável em relação a essa porcentagem é encontrada na publicação "Comunidade Ucraniana: Suas Fronteiras Étnicas e a Religião", de Tenchena (2010),

---

<sup>16</sup> Informações disponíveis em <<http://www.prudentopolis.pr.gov.br/cidade/historia>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

<sup>17</sup> A presente pesquisadora iniciou seus estudos em relação aos imigrantes ucranianos no ano de 2013, na disciplina de Realidade Regional em Comunicação, no curso de Jornalismo, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Neste período foram elaborados dois artigos para sistematizar os levantamentos realizados: "Mídia Étnica Ucraniana: vestígios vivos da história da imprensa no Paraná a partir da Gráfica Prudentópolis". Artigo elaborado para a disciplina Realidade Regional em Comunicação, Curso de Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013. "Da prensa ao impresso: história do jornalismo em Prudentópolis através das manifestações comunicacionais étnicas ucranianas". Artigo apresentado no XI EPPJOR, Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR. 2013.

onde os números apontam 75% de imigrantes ucranianos que residem na região. Apesar das variáveis numéricas é possível perceber nos dados obtidos que, apesar dos 134 anos após o primeiro ano que data o início da imigração, a presença dos ucranianos ainda é a maioria.

Com esta quantitativa representatividade étnica no cenário municipal de Prudentópolis, é interessante elencar algumas marcas culturais que os próprios imigrantes e seus descendentes registraram na localidade. Dentre elas, podemos citar, segundo Gadini e Zeneida (2003), a participação na difusão radiofônica na Rádio FM Copas Verdes, com a transmissão diária de missas celebradas no idioma ucraniano (às 6h, e às 19h) e também aos domingos (às 6h30 e às 10h); a Noite Ucraniana, promovida anualmente, no mês de agosto, pelo grupo folclórico *Vesselka*,<sup>18</sup> onde é servido jantar com comidas típicas da culinária da Ucrânia, além de apresentações artísticas; a confecção do Jornal *Pracia* (significa trabalho, em tradução livre), confeccionado na Gráfica Prudentópolis, e dirigido pelo Padre Tarcísio Zaluski.

Os primeiros imigrantes ucranianos chegaram em Prudentópolis em 1895, e cinco anos após a data começaram os preparativos para a construção da primeira igreja ucraniana. É importante dizer que, em 1897, os imigrantes construíram uma capela provisória, para realizar as obrigações religiosas recorrentes, como missas e batizados. No local da antiga capela localiza-se, hoje, a rodoviária municipal de Prudentópolis, região central da cidade.

---

<sup>18</sup>“O Grupo Folclórico Ucraniano Brasileiro Vesselka foi fundado em 1 de agosto de 1958, pelo Pe. Efraim Krevey, atual Eparca dos Ucranianos no Brasil, sob a coordenação das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus Nádia Shulan e Ana Hotz. Sendo assim, o Grupo Vesselka praticamente já existia durante a imigração, desde quando vieram as primeiras famílias ucranianas a Prudentópolis, mas não tão difundido e popular como hoje. A formação de um componente inicia-se desde os primeiros anos de idade com o ingresso na Escola Nossa Senhora do Patrocínio, onde aprende a ler, escrever, falar e cantar. Sobre tudo conhecer um pouco da história da Ucrânia. Também aprendem os primeiros passos da dança folclórica. O Grupo Vesselka é reconhecido em todo o país e até no exterior, fazendo shows em feiras, exposições, congressos, festivais e outros. Vesselka significa Arco Íris, que simboliza o selo da Aliança do Criador com suas criaturas”, trecho retirado na íntegra do site oficial do Grupo Vesselka. Disponível em <<http://www.vesselka.com.br/vesselka2/site/?p=conteudo&id=1>>. Acesso em: 23 set. 2016.

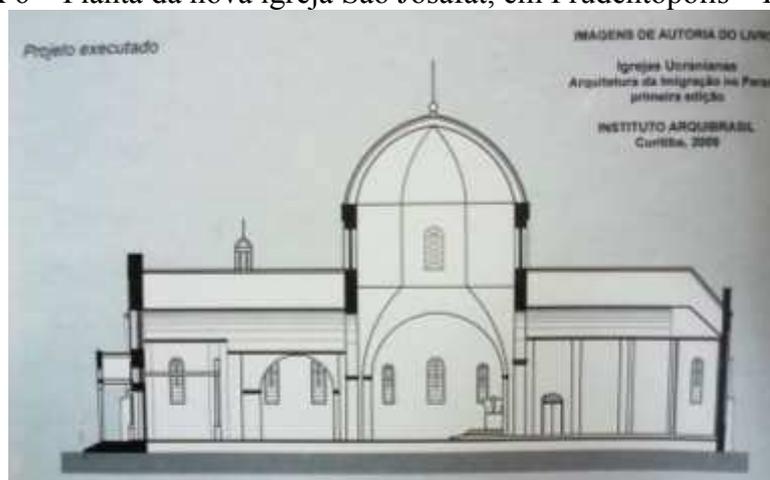
FIGURA 5 – Primeira igreja ucraniana de Prudentópolis.



Fonte: Fotografia retirada do livro “Histórico da Construção da Igreja Matriz São Josafat”, p.5.

Com o intuito de construir um templo efetivo, começaram os preparativos para a elaboração da Igreja. Por ocasião da comemoração religiosa dos 300 anos do martírio de São Josafat, houve consenso dos padres que este monumento seria em homenagem ao santo devoto. Os responsáveis pela organização e execução da nova igreja foram os padres basilianos, auxiliados pelos colonos que ali se instauravam. Em 1901, a igreja já começa a tomar forma. O local escolhido para a construção foi o lugar mais alto de Prudentópolis, onde hoje é a rua Cândido de Abreu, nº 1636, Centro.

FIGURA 6 – Planta da nova igreja São Josafat, em Prudentópolis – PR.



Fonte: Fotografia retirada do livro “Histórico da Construção da Igreja Matriz São Josafat” p.8.

Para entender melhor como funciona o projeto das igrejas que seguem o estilo bizantino ucraniano, vejamos as seguintes considerações. Primeiramente, devemos pontuar o que o interior da construção é dividido em três partes diferentes, de acordo com suas funcionalidades e também, de acordo com as simbologias religiosas que regem a crença dos ucranianos e seus descendentes.

1) Vestíbulo – é a parte da entrada pela porta principal. Nos primeiros séculos do cristianismo, o Vestíbulo era reservado às pessoas que estavam se preparando para o batismo.

2) Nave dos fiéis – No centro da Nave está o “tetrapod” (mesa quadrada), onde são ministrados os sacramentos: do batismo, crisma, casamentos; são celebradas parastássys, panachydas (orações fúnebres) e outras sagrações e bênçãos. Nas laterais há dois altares: do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora, e ao lado do “ikonostás” o púlpito em forma de barca.

3) Santuário – é a principal divisão da Igreja. No centro deste temos o altar-mor com baldaquino, onde é celebrada a Santa Missa, e onde se encontra o Tabernáculo (tendo o formato de uma miniatura da Igreja), Evangelho, crucifixo e castiçais. O Santuário é separado da nave dos fiéis pelo Ikonostás. O ikonostás tem três portas. Pela porta central só é permitida a entrada ao celebrante, durante as celebrações. As portas laterais são denominadas portas dos diáconos. Entre elas situam-se as imagens (ícones) de Cristo Redentor, da Virgem Maria Mãe de Deus, São João Batista e São Nicolau. Acima das três portas do Ikonostás há três filas de imagens, que representam os 12 dias santificados mais importantes do ano, 12 apóstolos e 12 profetas. No alto do Ikonostás está a imagem de Cristo Redentor. Junto ao Santuário existem duas sacristias laterais. (Disponível em: <<http://metropolia.org.br/eparquia/prudentopolis-sao-josafat/>>. Acesso em: 27 set. 2016).

Ao todo, a Igreja São Josafat possui 38 metros de comprimento, 28 de largura e 30 de altura. As celebrações começaram a acontecer na igreja São Josafat no ano de 1932, mas os acabamentos finais, como pinturas, instalação de lustres e vitrais, construção da capela Nossa Senhora de Lourdes (que fica ao lado da igreja), a compra de sinos e últimos ajustes foram ocorrendo até meados dos anos 1940.

No ano de 1979, a Igreja de São Josafat foi tombada pela Secretaria de Cultura do Estado como patrimônio artístico e cultural do Paraná. A partir dos anos 1990, com a comemoração do centenário da imigração, restaurações rotineiras foram realizadas, como retoques na pintura interna e externa, ajustes nas janelas além da construção de uma gruta para a benção da água. Perto da Igreja, está o campanário, com seis sinos, uma estátua de Cristo-Rei e a gruta, com a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, incrustada na parede principal.

A paróquia São Josafat é responsável por 32 comunidades no interior que contam com igrejas / capelas. Vejamos adiante as informações sobre estes templos, como a localidade rural qual foi edificado, o ano da referida construção e o material utilizado, o santo padroeiro que dá o nome religioso à construção, além da quantidade de famílias que pertencem à igreja/capela e, por fim, a distância da sede paroquial.

Para o desenvolvimento desta dissertação, no próximo capítulo trataremos o desenvolvimento da imprensa ucraniana no Paraná, com ênfase no desenvolvimento do Jornal *Pracia*, em Prudentópolis, onde encontram-se publicados os obituários referentes aos descendentes de ucranianos, estudados nesta pesquisa.

## CAPÍTULO 2 A IMPRENSA IMIGRANTE UCRANIANA

A presente pesquisadora teve contato com o termo ‘mídia imigrante’, pela primeira vez, em 2014, quando elaborava a pesquisa de conclusão de curso. Ao estudar o jornal *Pracia*, a partir da perspectiva de produção jornalística, a dúvida de como caracterizar o periódico pairou durante meses. As características que emergiam do objeto empírico não se encaixavam nos modelos teóricos não-tradicionais estudados no âmbito jornalístico, tais como a mídia alternativa, mídia independente e a folkcomunicação.

A partir de uma indicação feita pela banca, optou-se por pesquisar uma terminologia relacionada a ‘mídia étnica’, como possibilidade de norte teórico para o estudo do jornal. A partir desta ideia, foi encontrado outro termo para classificar o *Pracia*, enquanto jornal: a denominação ‘mídia imigrante’. Para compreender este termo, aliado aos estudos deste jornal em questão, é preciso fazer algumas considerações sobre este tipo de imprensa, em contexto nacional e regional.

Entende-se por imprensa imigrante, a partir das características elencadas por Cintra (2010), publicações de caráter jornalístico informativo, criadas dentro de uma comunidade imigrante com a finalidade de oferecer condições de inserção no novo contexto social e preservar as identidades culturais. A partir de um levantamento no portal Capes a imprensa imigrante não é algo exclusivo do estado do Paraná.<sup>19</sup>

Como descreve Szeremeta (2014), em seu trabalho monográfico o fenômeno da imprensa imigrante não se dá como um fato isolado no interior do estado do Paraná.<sup>20</sup> Outras manifestações de diferentes etnias ainda se fazem presentes no cenário midiático, o que não se limita a um acontecimento histórico isolado e com um fim datado. O que mostra, dessa forma, ser um fenômeno que ultrapassa os limites das discussões históricas para apenas compreender o passado. Segundo a publicação do arquivo do estado de São Paulo:

A imprensa imigrante está longe de ser uma curiosidade datada; sua relevância está expressa em impressionantes números: em 1893, o

---

<sup>19</sup> Levantamento feito durante o ano de 2014 e refeito durante o ano de 2016.

<sup>20</sup> O intuito do estudo monográfico “IMPRENSA IMIGRANTE E JORNALISMO: APROPRIAÇÃO DE ELEMENTOS JORNALÍSTICOS NA PRODUÇÃO DO JORNAL CENTENÁRIO UCRANIANO *PRACIA*”, elaborado por Szeremeta (2014), referenciado ao fim deste trabalho, teve como objetivo abordar o tema da imigração ucraniana forma jornalística para reconhecer, através de abordagens metodológicas, processos que se situam dentro do campo das produções do jornalismo no século XXI. Procurou-se, nesse estudo, entender como características do jornalismo moderno se apropriam na produção do *Pracia*, a partir das notícias informativas, elementos gráficos, espaço opinativo e obituários, entre o período de 1993 a 2013. Também tem como propósito, a partir da sistematização de informações sobre o periódico *Pracia*, auxiliar no campo científico para futuras pesquisas dentro da temática.

Fanfulla (jornal da colônia italiana que circula até hoje em São Paulo) teve uma tiragem de 15 mil exemplares contra os 20 mil do jornal O Estado de São Paulo. Em 1914, circulavam, entre Rio de Janeiro e São Paulo, quatro títulos em língua árabe. (Trecho disponível em: < <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/imigracao/imprensa.php>. >. Acesso em: 5 abr. 2014).

Nos Estados Unidos, durante o início do século XX, Robert Park inicia seus estudos sobre os jornais de imigrantes que se instalavam na cidade durante a época. De acordo com os apontamentos de Conde (2000) sobre os estudos de Park, a maioria dos povos imigrantes, no início do século XX, viviam em tribos ou comunidades, eram na sua maioria agricultores. Uma semelhança que pode ser comparada com os primeiros leitores do *Pracia*, segundo relatos da história desse jornal.

Dessa forma, o jornalismo de imigrantes estudado por essa perspectiva ‘Parkiana’ nos Estados Unidos sugere uma possível abordagem também sociológica para o caso do *Pracia*, com características funcionais semelhantes, o que não o torna um caso isolado nesse tipo de imprensa:

La prensa desempeña una serie de funciones importantes em el grupo inmigrante: a. Es una fuente de noticias, tanto de lo que sucede em el interior del país como em los países de origen b. Constituye una forma de acercamiento a las instituciones americanas para los lectores que no hablan inglés e les sirve de guía de los usos y costumbres de la nación que les acoge. c. Les aconseja sobre los problemas de ajuste social com los que se encuentran. d. Sirve como lazo de unión com su herencia cultural. e. Proporciona apoyo moral, consuelo para enfrentarse com lo desconocido y la indiferencia de um nuevo país. f. Por último, es también um órgano de expresión (CONDE, 2000, p.252).

Outro apontamento feito por Park (2008) se refere ao consumo dos jornais nos Estados Unidos, no início do século XX, pelos imigrantes que ali se estabeleciam. O autor aponta que o aumento do público leitor é consequência do crescimento dos centros urbanos, e que a existência dos jornais de língua estrangeira devia-se à necessidade de estabelecer uma comunicação e assimilação da nova terra por parte dos imigrantes que ali se estabeleciam.

Sendo assim, o jornal *Pracia* não é um objeto isolado, como fenômeno único de repercussão local, mas encontra-se em uma esfera que engloba outros periódicos que compartilham os mesmos fatores étnico e migratório. Porém, o jornal *Pracia*, de acordo com Szeremeta (2014) possui características próprias, como objeto que não se limita a

valor econômico de produção, mas que carrega valores simbólicos e culturais para quem o produz e quem o consome, como será explicitado a seguir.<sup>21</sup>

Antes da elaboração local das publicações em formato jornal, de acordo com a história do *Pracia*, publicada na edição comemorativa de dezembro de 2012 (Jornal *Pracia*, nº24, 2012, p. 8-9), a preocupação com a imprensa ucraniana deu-se em 1898, com a vinda dos sacerdotes que partiam da Ucrânia trazer o cristianismo para as colônias que se formavam no Brasil. Para pregar a evangelização eram necessários materiais impressos na língua materna para que os migrantes conseguissem ter algum artefato linguístico palpável para ler e ouvir sobre a cultura e a religião do país de origem:

Os sacerdotes organizavam as 'Tchetalny' (casas de leitura, onde o povo se reunia aos domingos e dias santos para ouvir leituras, ensaiar cânticos litúrgicos, aprender o catecismo, etc.) De um modo especial, se ocuparam na organização de escolas para crianças (Jornal *Pracia*, nº24, 2012 p.8).

Segundo esses mesmos relatos, o material disponível nas 'Tchetalny' eram trazidos da Ucrânia pelos missionários, porém, não eram suficientes para que suprissem todas as demandas das comunidades, e a solução proposta pela igreja seria criar uma imprensa que conseguisse agregar a cultura, a religião e língua materna para os imigrantes que se instalavam no Paraná, em um formato impresso, onde ficasse registrado e acessível para que os habitantes das colônias pudessem usufruir desse material, sem depender da oralidade transmitida pelos missionários durante suas visitas esporádicas.

Com base na história da imprensa ucraniana publicada na edição comemorativa do Jornal *Pracia*, no início do século XIX, as comunidades migrantes que se localizavam na cidade de Curitiba e eram divididas por associações partidárias: a Associação *Prosvita*, com ideais radicais e socialistas e a Associação de São Onofre, que defendia ideais moderados e cristãos.

Em 1904, os dois grupos se uniram e formaram o *Rushko Ukrainsskyj Drukarsskyj Komitet* (Comitê Rusko-Ucraniano de Imprensa), com a finalidade de abastecer a comunidade ucraniana no Brasil com materiais informativos impressos, onde a cultura e principalmente a religião não se perdessem na nova terra. No ano seguinte, o Comitê conseguiu angariar os fundos, cerca de 500 mil réis, na época. Quem se disponibilizou

---

<sup>21</sup>As informações presentes nos próximos parágrafos, que compõe este capítulo e o tópico 1.2, estão disponíveis em trechos do estudo monográfico de Szeremeta (2014), já citado anteriormente. Mais especificamente, no capítulo 1 O JORNALISMO IMIGRANTE: A IMPRENSA UCRANIANA NO PARANÁ.

para organizar a primeira imprensa imigrante em Curitiba foi o imigrante ucraniano *Sofron Ghorostchuk*. Porém, acabou falecendo na Ucrânia, em 1906, quando viajou ao país para adquirir os maquinários necessários para produzir as publicações. Ficou a cargo do grupo *Prosvita* continuar com a ideia da imprensa.

Segundo Boruszenko (1969), no ano de 1907, surgiu em Curitiba o primeiro jornal ucraniano no Brasil: o Jornal *Zoriá* (que significa Estrela, em tradução livre) com tiragem de 500 exemplares e periodicidade bimestral. Os redatores responsáveis foram os imigrantes pertencentes à Associação *Prosvita*: *Estefano Petrytskyj*, *Ivan Kotsiumbas* e *Ivan Zanko*.

Devido a ocorrência de ataques realizados por sacerdotes aos redatores do *Zoriá*, por pressão da igreja e do povo, depois do 10º número, o redator *Estefano* foi substituído por *B. Kvassinskyj*. Mesmo assim, a tendência contra religiosa permaneceu. Mesmo após a eleição de uma nova diretoria do grupo *Prosvita*, os comentários antirreligiosos permaneceram no jornal. A diretoria do *Prosvita* renunciou e a Associação deixou de existir.

Em 1909, o *Zoriá* deixou de ser publicado, e surgiu uma nova Associação, denominada *Tarás Shevtchenko*, que tinha como finalidade oferecer apoio para os sacerdotes angariarem fundos para constituir uma nova imprensa ucraniana. Assim surgiu uma nova tipografia, tendo como responsável pela manutenção da mesma o padre *Marquiano Skirpan*, que viajou até a Ucrânia para procurar um redator-auxiliar do novo jornal, em Curitiba.

O escolhido foi o ucraniano estudante de Politécnica, *Clemente Gutkovkyj*. Em janeiro de 1910, foi publicado o segundo jornal ucraniano do Brasil, chamado de *Prapor*, que significa, em tradução livre, estandarte. Foram publicadas, em Curitiba, 23 edições desse jornal, até novembro de 1912, quando a tipografia foi transferida para Prudentópolis. Com a mudança do local de produção, a Associação *Tarás Shevtchenko* ficou insatisfeita e retirou o capital investido anteriormente, (cerca de 500 mil réis). Assim, a associação optou por recomeçar a publicar o *Zoriá*, que há um ano havia parado de circular.

## 2.1 O SURGIMENTO DO JORNAL *PRACIA*

Segundo relatos dos Padre Basílio Zinko e Padre Tarcísio Zaluski, em 2012, disponíveis na edição comemorativa do *Pracia*, a iniciativa de criar o terceiro jornal

ucraniano no Brasil não partiu de iniciativa da Igreja, apesar da tipografia encontrar-se aos cuidados do clero. A partir deste incentivo externo ao âmbito religioso, surge em Prudentópolis o Jornal *Pracia*:

No ano de 1912, o professor Ossyp Martenetz e sua família chegaram da Galícia à Prudentópolis com mais três famílias ucranianas, e assim propôs a trabalhar em um jornal que auxiliasse na propagação das notícias da Ucrânia e do certame colonial que ali se desenvolvia. O jornal quinzenal que nasceu em dezembro de 1912 foi chamado de *Pracia* (Trabalho), e precisava de um local para ser confeccionado. (SZEREMETA, 2013. p.5.)

Dessa forma, nas dependências dos padres basilianos, as primeiras publicações começam a serem produzidas, até o ano de 1952. Em meados da década de 1950, a sede da tipografia deixa o seminário dos padres e passa a atuar em um espaço próprio, onde encontra-se em funcionamento até o presente momento.

Vale ressaltar que o *Pracia* parou de circular entre 1941 e 1946, durante o movimento nacionalista de Getúlio Vargas. Nesta época as publicações de línguas estrangeiras eram proibidas em território nacional, segundo decreto-lei nº1545, referente à adaptação dos imigrantes ao território brasileiro a todos os nascidos no país.<sup>22</sup> Segundo medidas legislativas culturais e educacionais deste mesmo decreto, as orações religiosas deveriam ser feitas em língua nacional.

Outros jornais ucranianos circularam no Paraná após o surgimento do *Pracia*, como o *Chliborob* (Lavrador, em tradução livre), em 1924, na localidade agrícola onde hoje se encontra a cidade de União da Vitória. No ano de 1934, ao contrário do *Pracia*, o *Chliborob* percorreu o caminho inverso e foi transferido do interior para a capital, Curitiba. Neste momento, o *Chliborob* passou a ser editado pela União Agrícola Instrutiva, de orientação político-social.

Por deliberação da Assembleia Geral Extraordinária, em 2000, a União passou a ter a atual denominação de Sociedade Ucraniana Do Brasil (SUBRAS). Outra publicação de caráter étnico ucraniano surgiu em 1938: o *Batijok* (pode ser traduzido como “O Chicotinho”), sendo esta uma publicação mensal humorística do *Chliborob*, uma espécie de suplemento do Jornal. A circulação do *Batijok* encerrou em 1940, em Curitiba.

---

<sup>22</sup> Informações disponíveis em “PROJETO ‘LINGUAGEM E ENSINO’ - Saberes Sobre Identidade Nacional: o processo de construção de um imaginário de cidadania durante o governo Vargas”. ZANDWAIS, Ana. Disponível em <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/AnaZandwais.pdf>, acessado em 02 mai.2014.

Atualmente, o *Chliborob* é veiculado *online*, pela Paróquia Imaculado Coração de Maria, da cidade de Irati – PR. O site da paróquia, que também divulga outros materiais informativos ucranianos, como o boletim informativo “*Marijska Drugená*”, e o Boletim Informativo “Eparquia São João Batista”.

Em 2013, a Paróquia Imaculado Coração de Maria declarou, em nota, que a confecção do *Chiloborob* seria suspensa devido a problemas em manter o jornal financeiramente. As edições seriam disponibilizadas *online* na página da respectiva paróquia para visualização e download.<sup>23</sup>

A partir deste mapeamento da mídia ucraniana, constatou-se que o *Pracia* e o *Missionar* são as únicas publicações produzidas que ainda circulam na forma impressa, além de confeccionadas sob o cuidado dos mesmos administradores: os padres basilianos de Prudentópolis. A partir deste mesmo histórico, foi possível constatar, também, que o *Pracia* foi o único jornal, destes citados na pesquisa, a fazer o trajeto “capital-interior”. Houve também o inverso, como no caso do *Chliborob*, que migrou do interior paranaense para a cidade de Curitiba.

## 2.2 DESCRREVENDO O PERIÓDICO: CARACTERÍSTICAS DO JORNAL UCRANIANO *PRACIA*

FIGURA 7 – Capa do jornal *Pracia*



Jornal *Pracia*. Capa, p.1, edição de 16 a 30 de novembro de 2016.

<sup>23</sup> Link de acesso para as edições do Jornal *Chliborob* <<http://www.comunidadeucraniana.com.br/index.php/boletins/lavrador>> . Acesso em: 01 abr. 2015.

Após perpassar por uma breve trajetória da mídia imigrante ucraniana no Paraná, e pela história do jornal *Pracia*, julga-se necessário resumir, de acordo com os apontamentos conclusivos da pesquisa elaborada por Szeremeta (2014), as principais características que nos auxiliam a compreender o *Pracia*.<sup>24</sup>

A primeira consideração se dá a partir da função de registro da memória local como fonte de informação para os descendentes de ucranianos assinantes deste jornal. A presença da religião como fator intrínseco no cotidiano se reflete no modo produtivo do *Pracia*, visto a hierarquia na produção: Padres na direção do jornal como proprietários das decisões gerais referentes ao periódico em relação aos demais funcionários, todos descendentes de imigrantes ucranianos.

Em relação ao espaço atribuído ao material informativo do *Pracia* se caracteriza principalmente pelo elemento da atualidade, sendo este o ponto chave para a decisão do que entra ou não no jornal. O fato de deixar as notícias como últimos materiais para a diagramação não significa uma despreocupação com o material. Pelo contrário: demonstra a preocupação com a relevância factual assumida pelo *Pracia* com seus leitores para que a informação que é publicada chegue com o mínimo de possível de defasagem em relação a atualidade.

A universalidade como elemento jornalístico é encontrada nas publicações a partir da tematização de fatos que envolvem a Ucrânia, a religião e os costumes dos leitores. Além da função de registro, as notícias assumem o papel de fortalecimento de vínculos entre a comunidade leitora e a terra de origem dos imigrantes.

Pensando no âmbito local e regional, as ‘notícias provincianas’, que acontecem na cidade de Prudentópolis e arredores retratam, sobretudo, a agenda religiosa e cultural da comunidade. Além disso, é um espaço aberto para a comunidade relatar a partir de sua apuração os fatos ocorridos.

Quando elaborados pela comunidade, o texto, escrito em terceira pessoa, recebe um tom pessoal e adjetivado, reflexo da não padronização textual das notícias publicadas no Jornal. Expressões como essas particularizam a apropriação da linguagem textual jornalística, padronizada no jornalismo moderno tradicional pelos manuais de redação. O que, visivelmente, não ocorre no *Pracia*.

---

<sup>24</sup> Neste tópico, as considerações sobre a caracterização do *Pracia*, para fins de contexto neste presente estudo se dá a partir das conclusões de Szeremeta (2014), encontradas nas páginas 57-83, no capítulo 5 APROPRIAÇÕES DOS ELEMENTOS DO JORNALISMO NA MÍDIA IMIGRANTE A PARTIR DO JORNAL *PRACIA*, em sua pesquisa monográfica já mencionada anteriormente.

Outras formas informativas que merecem considerações são os avisos. Particulares por sua essência, são objetos tão específicos quanto as notícias. Transcritos ou redigidos pela redação do jornal, estes textos pautam assuntos factuais que podem ‘derrubar’ da página um obituário. De todos os textos analisados por essa pesquisa, são os mais urgentes e atuais. Assumem funções de agendas e editais de convocação. Pensando pelo viés comunitário, não podemos esquecer que também são espaços para que a comunidade participe da construção do jornal, enquanto texto.

Enquanto redigidas na língua ucraniana, as notícias também assumem um vínculo cultural que reforça a identidade do veículo enquanto jornal. A maioria das publicações noticiosas são redigidas em português, sem tradução para o ucraniano. A dificuldade de compreensão do idioma faz o que o *Pracia* se modifique para atender as necessidades dos leitores. Seja nas notícias, nos obituários, ou no editorial. Sendo assim, esses distintos tipos de material informativo revelam diferentes usos que a comunidade faz do jornal.

Atribuir ao *Pracia* um espaço opinativo fez com que o jornal ganhasse mais do que uma padronização textual, mas demonstra um cuidado, mesmo que involuntário em separar a informação da opinião

Apesar das restrições temáticas dos editoriais nas edições analisadas nesta pesquisa, foi possível notar o esforço de produzir textos que não se limitassem a discussões bíblicas, mas que trouxessem o tema para discussões sociais, como pode ser visto anteriormente. A atualidade como instrumento norteador destas publicações é visível já nas titulações. Apesar de ser um tema anual recorrente, o natal é factual, simbólico e cultural não só para a equipe do *Pracia*, mas para a comunidade e leitores do periódico.

O editorial também demonstra a hierarquia em relação à importância da opinião do Jornal em determinados assuntos/temas. Por ser confeccionado pelo Pe. Tarcísio antes mesmo de qualquer outra produção textual, o editorial assume o papel de ‘carro chefe’ no *Pracia*, ocupando o primeiro lugar na linha produtiva do *Pracia*.

O editorial não é redigido a partir de um manual de redação, nem possui um formato constante, refletindo novamente suas características artesanais. Apesar da ‘desprofissionalização’ do redator, o uso das citações ao longo dos respectivos textos demonstra uma preocupação em atribuir a autoria a fontes, mesmo que este também seja um processo automático por parte do redator.

No discurso dos referentes textos, a igreja possui lugar de fala, assim como o editorial do jornal. Ao passo que os jornais de hoje abriram mão da assinatura nos editoriais, salvo raras exceções. No caso do *Pracia*, temos, na maioria das vezes, a voz religiosa que se pronuncia através do jornal, do quem a empresa. Nos editoriais, o próprio jornal (*Pracia*) não é referenciado. O jornal em questão parece conversar diretamente com o público leitor que partilham os mesmos princípios religiosos.

A padronização gráfica é contraditória, se compararmos com demais jornais hegemônicos modernos. O uso das colunas, dos espaços de respiro, dos fios e ilustrações surgiram no ato da diagramação, foram aperfeiçoados e padronizados ao longo dos anos. A improvisação construiu, impensadamente, o padrão que este periódico possui.

Foram encontrados alguns elementos que caracterizam a cultura ucraniana nas páginas do *Pracia*. Alguns exemplos desses elementos são as gravuras de *pêssankas*, estampadas no cabeçalho ou assumindo funções de “fios”, desenhos que simulam bordados ucranianos, que também auxiliam na separação do material informativo, ilustrações religiosas que aparentam ser desenhadas a mão, com o objetivo de suprir a falta de fotografias até o fim da década de 1990.

O referente jornal tem a diagramação como ferramenta de ajuste, flexível e mutável. Não possui um manual de diagramação como nos jornais convencionais que oriente e organize a produção. A semelhança que possui em comum com os demais jornais modernos culmina nesta etapa: o tempo (*deadline*).

Portanto, o tempo é o fator que fez com que o *Pracia* deixasse de possuir marcas gráficas que o auxiliavam na caracterização de um jornal ucraniano migrante: ilustrações, desenhos de *pêssankas* e gravuras que remetem a bordados típicos. Todas estas marcas que permearam no jornal até 1996 desapareceram devido ao fator tempo.

Com a tipografia assumindo o papel de Gráfica, o tempo para a produção do *Pracia* foi dividido com as demandas externas. Demandas que só foram adquiridas para conseguir manter o próprio *Pracia*, visto que, somente com o capital oriundo das assinaturas, não era mais suficiente para que a produção continuasse.

Para compreendermos melhor a relevância e importância destes obituários para este estudo, vejamos no capítulo seguir alguns conceitos teóricos sobre os textos de obituários, além de maiores aprofundamentos sobre os obituários do jornal *Pracia*.

### CAPÍTULO 3      OBITUÁRIOS DO JORNAL *PRACIA*

A partir da contextualização sobre a trajetória imigrante ucraniana num panorama geral, feita até aqui, podemos partir para o aprofundamento do estudo nos obituários que integram o jornal *Pracia*. Como visto anteriormente, os estudos que compreenderam a imprensa imigrante não abrangem, de forma específica, os obituários de em seu caráter social e antropológico.

A partir das características produtivas temos uma primeira impressão sobre o aspecto ‘material’ da construção do mesmo, mas que não abrange os sentidos que remontam as características de identidade, das práticas culturais, das relações de gênero e trabalho que remontam o povo imigrante.

Cabe a esta presente pesquisa aprofundar as lacunas de informação em relação aos obituários, a partir da pesquisa anterior, e compreender as representações que estão presentes nesta produção textual. Para isso, é preciso compreender, *a priori*, os obituários no seu sentido mais amplo, assim como a sua presença em outras mídias.

O que demonstra, que apesar de suas características particulares, tanto de produção como de conteúdo, como veremos a seguir, não é uma produção isolada no jornalismo imigrante de Prudentópolis, mas uma prática realizada numa esfera global.

Para alcançarmos esta compreensão, buscaremos por uma conceituação do obituário enquanto gênero textual, além de elencar características que possibilitem a descrição deste objeto, para entendermos com maior precisão do que estamos tratando.

Por exemplo, o que diferencia uma homenagem de um obituário? Quem escreve os obituários na grande mídia? Qual a contribuição, em termos sociológicos, dos estudos que abordam obituários? Responder estas indagações nos auxiliam, também, para entender a relevância deste estudo dentro das ciências sociais, na interdisciplinaridade entre a antropologia, a história, a psicologia social e o jornalismo.

#### 3.1 DESCREVENDO OBITUÁRIOS COMO GÊNERO TEXTUAL

É difícil conceituar, precisamente, que tipo de publicação se caracteriza como texto de obituário. Dificuldade, esta, apresentada por autores como Lopez Hidalgo(1999) e Silva (2009). Encontram-se várias definições, que variam desde o veículo que é publicado à intenção de quem o publica. Com isso, Lopez Hidalgo (1999) utiliza-se, de um compilado de vários autores para compreender este gênero.

A memória mortuária, segundo Lopez Hidalgo (1999), já existia antes das publicações em periódicos, e acontecia nas orações fúnebres nas igrejas, nas lápides de túmulos (epitáfios) que remontam a primeira ideia de imortalidade através da linguagem, falada ou escrita. Há também a contemplação de homenagem através da arquitetura, como a construção de criptas, como as pirâmides, tumbas, entre outras.

A primeira diferença que encontramos no gênero obituário das demais homenagens, de acordo o referido autor, é que estas publicações aparecem nas páginas dos jornais não só como mera homenagem póstuma, mas se diferencia das demais formas de ‘homenagem’ pelo caráter noticioso.

Baseado em autores como Julio Casares, José Fernandez Beamont, Antonio Lopez de Zuazo, Angel S. Harguindey, o pesquisador Lopez Hidalgo (1999) elenca alguns pontos a partir dos pesquisadores citados, dos quais podemos selecionar algumas características: uma biografia póstuma ou uma lista de falecidos (LOPEZ HIDALGO, 1999 *apud* CASARES, 1973); notícia de falecimento de uma pessoa que pode se encontrar na página de informações gerais ou de serviço de um determinado jornal (LOPEZ HIDALGO, 1999 *apud* FERNANDEZ BEAUMONT, 1987); o artigo necrológico e o obituário se diferenciam, pois o artigo volta-se mais para o caráter de enaltecer os valores do falecido, como uma pessoa ilustre (LOPEZ HIDALGO, 1999 *apud* LOPEZ DE ZUAZO, 1978); o obituário (ou o artigo necrológico) é um dos mais contraditórios e intensos gêneros, pois para quem o escreve, na maioria das vezes, escreve no calor da comoção, principalmente se essa pessoa for um familiar próximo, o que acaba enaltecendo grande parte da vida do falecido (LOPEZ HIDALGO, 1999 *apud* HARGUINDEY, 1997).

Com todas estas definições elencadas, Lopez Hidalgo (1999) aponta que no meio de comunicação jornal, onde são veiculados os obituários, cada veículo define como as características próprias do obituário que publica. Podemos visualizar essa situação a partir do jornal ‘El Mundo’, que dedica um capítulo de sua publicação aos “gêneros fúnebres”, sessão que abriga os obituários no jornal.

Para 'El Mundo', una de las principales características del obituario es que debe estar bien escrito, pero sin olvidar que ante todo no deja de ser una información periodística, que además está entre las más leídas del periódico, razón por la que debe cuidarse con esmero. En 'El Mundo', el obituario es «una descripción valorativa y analítica de la vida y la obra de una persona», si bien advierte que no es una pieza literaria. Este género debe contener una serie de datos imprescindibles:- El nombre, la edad, la profesión (o circunstancia que motiva el interés por esta persona) y la localidad en que residía el fallecido;- El lugar, el día (y la

hora, si es posible) y la causa de la muerte: esto último puede en ciertos casos (algunas enfermedades) estar sujeto a la solicitud de discreción por parte de la familia, aunque la norma general debe ser la de incluir esa causa, ya que el periodista está al servicio del público lector en general; y de honras fúnebres. (LOPEZ HIDALGO, 1999).

Outro exemplo de caracterização do obituário se dá no periódico ‘El Mundo’, onde o texto fúnebre é visto com algo que demonstra a particularidade humana de cada indivíduo, sendo esta pessoa conhecida ou não, do grande público de leitores do periódico.

Según el libro de estilo de 'El Mundo', en el obituario, el periodista ejerce sus dotes de recopilación y síntesis de datos exactamente igual que en cualquier otro género. No obstante, y a ser posible, el redactor debe añadir a estos datos documentales testimonios personales. En otros casos, se puede recurrir al especialista para que éste ofrezca su testimonio valorativo e incluirlo de manera destacada en un texto elaborado por un redactor (LOPEZ HIDALGO, 1999).

Outra característica presente no obituário, que se dá além do texto é a presença da fotografia. A foto, geralmente, é um retrato básico do falecido, e tem como finalidade, além de identificar aquele se foi atribuir um sentido simbólico de proximidade, que apela ao subjetivo de quem consome o texto do obituário, como aponta Silva (2009):

Enquanto o texto representa e reporta a vida do indivíduo, as fotografias aproximam ainda mais os indivíduos da realidade. Quem lê o texto pode conhecer aquele que não está mais vivo. Na estrutura é importante a presença fotográfica junto ao texto para representar o indivíduo de que fazem a leitura. Isso faz com que as pessoas se aproximem com “intimidade” na vida dos mortos, tornando-os mais reais e tão comuns quanto os que leem (SILVA, 2009. p.15).

Há também outro fator na definição do obituário a partir das suas características: o financeiro. Os artigos necrológicos (ou somente ‘necrológicos’), apontados anteriormente, possuem um tom de enaltecimento do falecido, e segundo Silva (2009), não podem ser caracterizados como obituários, pois tendem ao viés publicitário, pois são conteúdos pagos.

### 3.1.1 Os obituários a partir do *The New York Times* à apropriação brasileira do gênero fúnebre.

Para compreender a presença deste gênero no Brasil, e posteriormente, em específico no *Pracia*, para fins de contexto, elencaremos de forma sintética a trajetória do gênero obituário no cenário global às manifestações nacionais, de acordo com os apontamentos de Silva (2009).

As primeiras manifestações do gênero, em seu formato textual datam do século XVII, na Inglaterra, com a coleção de minibiografias póstumas publicadas por *John Aubrey*, em sua obra ‘Vidas Breves’. Mas, foi só em 1731 que os primeiros obituários foram publicados em material noticioso, no caso, a revista *Gentleman*, em Londres. As primeiras publicações de obituários até então eram biografias curtas, ou listas que continham informações básicas sobre a morte do falecido.

Foi no século XIX, como descreve Silva (2009), que o registro das vidas foram mais aprofundadas e receberam caráter noticioso, no *The Times*. Músicos, artistas, lordes, indivíduos ligados ao mundo jurídico, militares entre outras pessoas da elite ganhavam espaço nas memórias póstumas. Em 1879, as pessoas ditas ‘comuns’ já se encontravam nas páginas de jornais americanos, onde suas vidas eram relatadas por seus próprios amigos e familiares.

O ‘boom’ dos obituários aconteceu a partir da metade do século XX, quando os textos do *The New York Times*, em 1963, recebem formatos literários em sua descrição. No ano seguinte o *Times* constrói sua marca na confecção deste gênero textual, como relata Silva (2009), na elaboração de técnicas de apuração que tornam o obituário objeto de caráter noticioso, o qual se torna modelo para o mundo em sua confecção.

Em 1964, *Alden Whitman*, considerado o pai dos obituários modernos nos estados unidos, realiza grandes mudanças no modo de escrever as memórias póstuma (SUZUKI, 2008). A ‘profissionalização’ na produção dos obituários no Times acontece a partir do momento em que as famílias deixam de ser as responsáveis pela elaboração do texto, aponta Suzuki (2008). Dessa forma, a partir dos preceitos jornalísticos de apuração na construção da informação contida nas memórias póstumas, os elogios fervorosos e palavras enaltecidas eram amenizadas.

Para saber mais sobre a vida do protagonista destes textos, além de obter informações pessoais que não estavam expostas na mídia, algumas das entrevistas são realizadas pessoalmente pelos repórteres, com os indivíduos ainda em vida. De acordo com Suzuki (2008) o primeiro indivíduo notório que estreou esta nova modalidade de escrever obituários foi o ex-presidente americano *Harry Truman*.

Além de relatar as peripécias dessas personalidades, tanto passagens honrosas quanto constrangedoras, *Whitman* buscava reparar nos trejeitos do sujeito enquanto a entrevista estava sendo executada (SUZUKI, 2008). Olhares, movimentos, pausas, desconfortos, emoções e atitudes eram utilizadas tanto para contextualizar o personagem

quanto para saber o momento certo de aprofundar perguntas oportunas para a construção da história.

Algumas ‘facetas’ utilizadas pelos obituaristas nos textos iniciais são referentes a utilização de eufemismos para a palavra anunciar o acontecimento da morte. De acordo com Suzuki, (2008) utilizavam-se de expressões como ‘Foi chamado por Deus’, ‘nos deixou’, ‘passou dessa para melhor’, etc. “Depois que um toque de humor entrou para o mundo dos obituários, principalmente dos londrinos, o eufemismo modernizou-se: ‘partiu dessa para melhor na sua Harley-Davidson’, ‘foi pescar com Jesus. Numa sexta-feira!’”. (SUZUKI, 2008, p.300). Os eufemismos foram se tornando jogos de linguagem, fazendo parte da caracterização dos textos aos longos dos anos.

Porém, nem todos os mortos entravam na página do Times. Como aponta Suzuki (2008), os suicidas não eram permitidos, pertencendo a outra editoria noticiosa do jornal. Além disso, outra característica desses obituários é que não possuem o formato de ‘serviço’, indicando o horário e local do sepultamento, apesar da publicação ser factual.

Na década de 1980, vários jornais norte-americanos incorporaram o gênero em suas publicações como *Philadelphia Daily News* (1980), *Independent* (1986), e o *Daily Telegraph* (1986). Neste mesmo ano, as publicações dos jornais se tornam mais irreverentes, em relação a composição textual e aos personagens das histórias relatadas: “(...) o humor e as pessoas que tiveram vida excêntrica se incorporaram definitivamente ao mundo dos *obits*” (SUZUKI, 2008, p. 305, grifo do autor).

No Brasil, Silva (2009) explica que o gênero chegou tardiamente, devido aos fatores culturais no tratamento da morte. A Folha de São Paulo foi o precursor que incorporou o obituário no jornalismo brasileiro, no dia 24 de outubro de 2007, influenciada pelas tendências e modelos do The New York Times.

### 3.2 O MATERIAL DE PESQUISA: OBITUÁRIOS DO *PRACIA*<sup>25</sup>

Diferente dos demais jornais da mídia hegemônica, o obituário no *Pracia* não é construído a partir de manuais de redação, regras pré-definidas e muito menos por jornalistas graduados. Os moldes desta produção remetem aos primórdios da confecção do obituário nos Estados Unidos do século XIX, onde são produzidos pelos familiares e

---

<sup>25</sup> Neste subtópico as informações são parte da monografia de Szeremeta (2014), presentes no capítulo 5.1 OBITUÁRIOS: MEMÓRIA DO IMIGRANTE UCRANIANO PUBLICADA NAS PÁGINAS DO *PRACIA*, p.57-58, referenciada no fim deste trabalho.

pessoas próximas ao falecido. Também difere-se dos necrológicos, pois não são pagos para entrarem no jornal, tendo como função primordial registrar a vida do falecido.

A comunidade ucraniana de Prudentópolis encontrou no *Pracia* uma forma de estreitar os laços comunicacionais: escrever sobre falecimentos de conterrâneos em terras brasileiras. O objetivo dessa iniciativa era informar os familiares que se encontravam em outras localidades migrantes, e até mesmo, parentes que ficaram no país de origem, sobre o falecimento de entes queridos.

Nas primeiras edições do jornal, as publicações fúnebres possuíam apenas informações essenciais sobre o falecido, como a data de nascimento e data da morte, a localidade onde se encontra e a causa do óbito. A trajetória dos sujeitos só foi incorporada ao texto na década de 1990.

De acordo com o recorte da pesquisa de Szeremeta (2014), a partir de 2001 os obituários começaram a ser publicados na língua portuguesa e ucraniana. Atualmente, os obituários chegam de três formas ao jornal: escritos à mão (na língua portuguesa ou na língua ucraniana), via internet ou os próprios familiares dos falecidos vão até a Gráfica Prudentópolis, e pedem para a secretária escrever a biografia do morto. Através dos relatos das pessoas, a secretária reconstrói a trajetória do sujeito, a família confere o relato e autoriza para a publicação.

Na maioria das vezes, os obituários registrados em ucraniano pertencem às famílias que habitam o interior de Prudentópolis, e que ainda possuem fluência na língua. É nas colônias de Prudentópolis que se encontra o maior número de pessoas que preservam a tradição de falar a língua materna. Segundo o Pe. Tarcísio, as crianças e os jovens, mesmo os que habitam essas localidades, não possuem o mesmo domínio linguístico que as pessoas mais velhas.

Não há um número mínimo, nem máximo, de caracteres para o texto. A variação dependerá da trajetória do falecido. Dentro do recorte do estudo de Szeremeta (2014), o maior obituário encontrado é referente ao óbito do padre *Volodomer Burko*, presente na edição de Natal de 2002. O texto ocupou, na página 7, 1 e 1/2 colunas, das duas colunas presentes da página. Na maioria das vezes, o editorial ocupa ¼ da página, ou seja, metade de uma coluna.

O menor obituário, no recorte estudado, é de *Йосиф Квасницький* (Josef Kvasnitchey, em tradução livre), que contém informações sobre seu nascimento, sua profissão como metalúrgico, e o nome de seus familiares, além de uma breve despedida (no tamanho de uma linha) dos filhos e esposa.

Informações relacionadas à vida familiar, profissional e religiosa são incorporadas, de acordo com a vontade de quem o escreve. Se um indivíduo possuía uma vida com grandes contribuições à comunidade ucraniana, o obituário tende a destacar essa participação ao longo do texto.

Também não existe edição por parte da redação do *Pracia* nos textos dos obituários, e todo conteúdo é responsabilidade de quem o escreve, ou do solicitante, no caso do texto ser escrito nas dependências da gráfica. A única modificação no obituário se dá, em alguns casos, na correção gramatical, feita pelo redator.

Não podemos deixar de dizer, que a escrita dos obituários se aproxima, textualmente, com a prática dos relatos biográficos. Silva (2009) afirma que a memória, a partir de seu dinamismo, é responsável por selecionar não somente fatos individuais, mas coletivos, adquirindo um importante papel na construção da identidade e das diferenças, “do contraste do eu e do outro, de nós e eles” (SILVA, 2009, p.156).

Mas, a reconstrução de uma trajetória individual (quer de outro ou própria) significa também a percepção de uma rede de relações a partir da idéia de individualidade, com diferentes temporalidades (o ontem e o hoje), vínculos e pertencimentos que dizem respeito tanto sobre quem se escreve, quem escreve e para quem se escreve (SILVA, 2009, p.154).

Nessa perspectiva, Silva (2009), aponta que é recorrente retratar em relatos biográficos pessoas da elite econômica, política, representantes religiosos entre outros mais que se destacam na sociedade. Nestas biografias, estes sujeitos são descritos como seres extraordinários, feitos de obras incríveis, que pessoas comuns não são propensas a realizar, em seu cotidiano. Este, é o mais comum dos modelos de relatos bibliográficos, mas, também, o mais superado e empobrecido de enfoques.

De acordo com o autor, a historiografia recente tem demonstrado a possibilidade de se utilizar de narrativas sobre indivíduos comuns, em biografias. A partir dessa abordagem, vê-se a possibilidade de narrar relatos de “(...) seres humanos dotados de complexas dimensões e relações que estão ligadas aos contextos em que viveram e nos quais suas memórias foram construídas e reconstruídas” (SILVA, 2009, p.154).

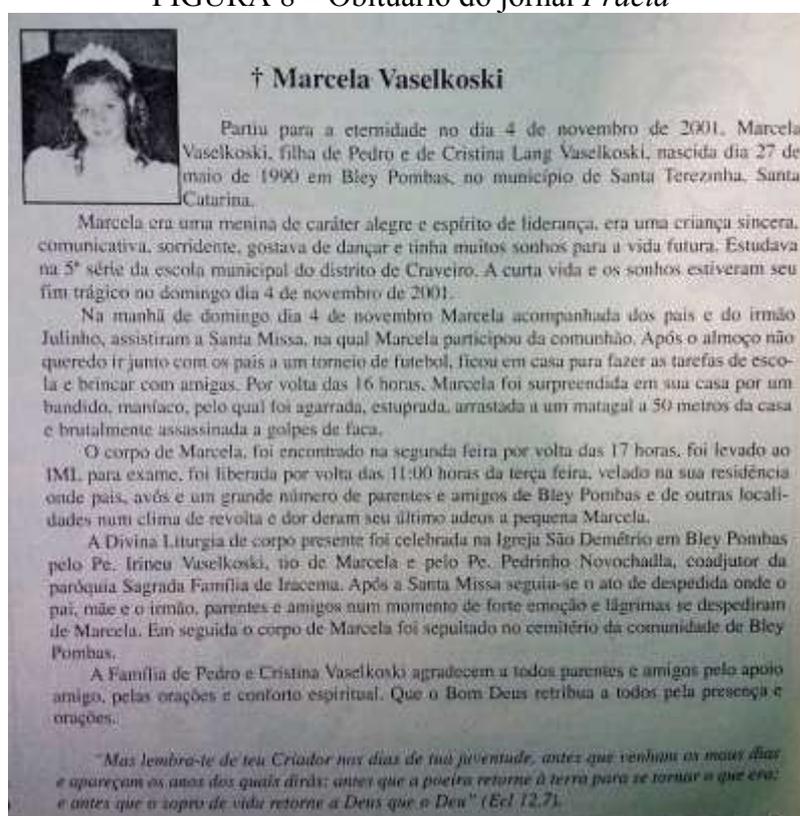
A primeira deriva da constatação de que a existência de uma biografia supõe a ampla utilização de forças sociais pela manutenção de uma memória, ou de um certo tipo de memória, no qual um indivíduo é não somente uma unidade, mas parte de um grupo e representação de ideais e expectativas que já não são subterrâneas, mas que convivem junto a outras manifestações de superfície (SILVA, 2009, p.163).

A memória e o biografismo possuem relações com o individualismo, com a literatura, com o subconsciente. Há várias possibilidades de estudos em relação a

memória e biografias, assim como questões a serem respondidas, como “[...] os limites da ideia de verdade e de representação, o papel social do mito, as relações entre público e privado, as ligações entre a narrativa e sua época, entre diversas outras” (SILVA, 2009, p.163).

A substituição do obituário por matérias factuais nos faz repensar sobre a função deste texto como material que arquiva nos textos costumes e tradições de imigrantes, como seus costumes, suas atividades profissionais e domésticas, suas migrações internas dentro do estado, entre outras particularidades que nos ajudam a compreender não só o Jornal, mas um modo de vida, que na pesquisa realizada no estudo monográfico, não foi aprofundada no viés social.

FIGURA 8 – Obituário do jornal *Pracia*



† **Marcela Vaselkoski**

Partiu para a eternidade no dia 4 de novembro de 2001. Marcela Vaselkoski, filha de Pedro e de Cristina Lang Vaselkoski, nascida dia 27 de maio de 1990 em Bley Pombas, no município de Santa Terezinha, Santa Catarina.

Marcela era uma menina de caráter alegre e espírito de liderança, era uma criança sincera, comunicativa, sorridente, gostava de dançar e tinha muitos sonhos para a vida futura. Estudava na 5ª série da escola municipal do distrito de Craveiro. A curta vida e os sonhos estiveram seu fim trágico no domingo dia 4 de novembro de 2001.

Na manhã de domingo dia 4 de novembro Marcela acompanhada dos pais e do irmão Julinho, assistiram a Santa Missa, na qual Marcela participou da comunhão. Após o almoço não querendo ir junto com os pais a um torneio de futebol, ficou em casa para fazer as tarefas de escola e brincar com amigas. Por volta das 16 horas, Marcela foi surpreendida em sua casa por um bandido, mantaco, pelo qual foi agarrada, esturpada, arrastada a um matagal a 50 metros da casa e brutalmente assassinada a golpes de faca.

O corpo de Marcela, foi encontrado na segunda feira por volta das 17 horas, foi levado ao IML para exame, foi liberada por volta das 11:00 horas da terça feira, velado na sua residência onde pais, avós e um grande número de parentes e amigos de Bley Pombas e de outras localidades num clima de revolta e dor deram seu último adeus a pequena Marcela.

A Divina Liturgia de corpo presente foi celebrada na Igreja São Demétrio em Bley Pombas pelo Pe. Irineu Vaselkoski, tio de Marcela e pelo Pe. Pedrinho Novochalla, coadjutor da paróquia Sagrada Família de Itacema. Após a Santa Missa seguiu-se o ato de despedida onde o pai, mãe e o irmão, parentes e amigos num momento de forte emoção e lágrimas se despediram de Marcela. Em seguida o corpo de Marcela foi sepultado no cemitério da comunidade de Bley Pombas.

A Família de Pedro e Cristina Vaselkoski agradecem a todos parentes e amigos pelo apoio amigo, pelas orações e conforto espiritual. Que o Bom Deus retribua a todos pela presença e orações.

*"Mas lembra-te de teu Criador nos dias de tua juventude, antes que venham os meus dias e apareçam os anos dos quais dizes: antes que a poeira retorne à terra para se tornar o que era: e antes que o sopro de vida retorne a Deus que o Deus" (Ecl 12,7).*

Fonte: Jornal *Pracia*, p.7, edição março de 2002

O espaço dos obituários abre para a comunidade um lugar de publicação de textos de extrema pessoalidade e autoria. A limitação da edição nos obituários expressa o cuidado que o jornal possui em não interferir no modo característico e singular que cada família possui em relatar a trajetória do indivíduo falecido.

Uma preocupação que vai além da construção gramatical, voltada para o desejo de não alterar o sentido do texto, afirmada pelo próprio Pe. Tarcísio. Visto que as datas de publicação dos óbitos chegam até seis meses de atraso, como constatado na pesquisa,

entende-se que o intuito do obituário publicado no jornal não está regido pelo elemento atualidade. Porém, está intrinsecamente ligado à questão dos valores culturais e religiosos que guiam os indivíduos desta comunidade leitora e assinante de jornal.

Dessa maneira, as características culturais tornam-se particularizadas a partir das trajetórias individuais através do obituário. Compreende-se que esse formato de texto, escrito pela própria comunidade, não segue nenhum tipo de ‘manual de redação’, e que adquiriu automaticamente semelhanças construídas ao longo dos anos pelo próprio consumo desse material textual. Um padrão de obituários elaborados automaticamente por quem os escreve, e também moldados pela cultura que estão inseridos, visto que os relatos sobre a morte acompanham as práticas religiosas.

O ponto de vista logístico de envio a Gráfica, onde a maioria dos textos chega escrito ‘a mão’ pelos familiares, ajuda a caracterizar ainda mais este formato produtivo artesanal, quase arcaico, pensando hoje, na era digital da informática e no avanço da web. Uma particularidade que soma, entre tantas outras, a forma de se construir um obituário em um jornal centenário imigrante. Nesse sentido, o jornal serve, também, como tradutor de códigos: do falado para o escrito/impresso.

Os obituários são espaços onde a comunidade pode falar, abertamente. Coisa que, em demais jornais comerciais, é cada vez mais difícil de acontecer, salvo comentários publicados por leitores em portais online. Mas, falamos aqui de um material impresso. Literalmente, de espaço na página, de publicação e circulação de textos elaborados por pessoas comuns: leitores, assinantes, indivíduos da comunidade.

Por estas considerações, reforçamos, aqui, a importância de ser um objeto de estudo científico. Este estudo possibilita a compreensão não somente da prática de se fazer jornal, mas do modo de vida de uma comunidade específica, a partir de um material empírico.

A partir dos esclarecimentos acerca dos obituários, o capítulo seguinte se aprofunda nos conceitos teóricos utilizados nesta dissertação. Para cumprirmos com os nossos objetivos de pesquisa, julgamos pertinente trabalharmos aspectos conceituais que perpassam os campos da memória coletiva e das representações sociais.

Também é válido dizer que, para compreendermos, em específico, a temática da morte, explanaremos sobre o assunto a partir de percepções que circulam no senso comum e em conceitos teóricos. Trabalharemos com autores que trabalham abordam o tema numa perspectiva que considera os aspectos culturais fundamentais para compreendermos estas representações.

## **CAPÍTULO 4 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DE PESQUISA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, MEMÓRIA E ESTUDOS SOBRE MORTE**

### **4.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: FUNDAMENTOS TEÓRICOS**

O campo psicossocial é entrelaçado por vários domínios disciplinares, amplos temas e diversas metodologias. Para compreendermos a intenção de estudo deste campo, vejamos a seguir a explicação de Celso Pereira de Sá sobre as principais bases dos estudos psicossociais.

Numa psicologia social mais socialmente orientada, é importante considerar tanto os comportamentos individuais quanto os fatos sociais (instituições e práticas, por exemplo) em sua concretude e singularidade históricas, e não abstraídos como uma genérica presença de outros. Importam ainda os conteúdos dos fenômenos psicossociais, pouco enfatizados pelos psicólogos sociais tradicionais em sua busca de processos tão básicos ou universais que pudessem abrigar quaisquer conteúdos específicos. Além disso, não importa apenas a influência unidirecional dos contextos sociais sobre os comportamentos e estados e processos individuais, mas também sua participação na construção das próprias realidades sociais (SÁ, 2015, p. 184-185).

Como aponta o autor citado anteriormente, há três campos que integram os estudos da psicologia social: Comportamento social, as representações sociais e a memória social. Nesta presente pesquisa, nos debruçaremos sobre conceitos que envolvem os dois últimos campos. Primeiramente, aborda-se os estudos das Representações Sociais (RS), a partir das contribuições teóricas de Moscovici (2013), Sá (2015) e Sêga (2000).

Posteriormente, nos partiremos para os estudos no campo da memória social, a partir de Sá (2015), perpassando por conceitos e termos que consideramos indispensáveis para compreender como os estudos da memória podem ser desenvolvidos, e de que forma podem contribuir para o suporte teórico desta dissertação.

No livro ‘Estudos de Psicologia Social’, de Celso Pereira de Sá, mais especificamente, no capítulo III – Sobre as representações Sociais, o referido autor aborda alguns pontos-chaves da teoria das RS, perpassando por elementos teóricos fundadores a partir de Durkheim, a perspectiva psicossocial de Serge Moscovici. As informações presentes no capítulo foram extremamente úteis para sintetizar alguns apontamentos sobre as RS nesta presente pesquisa.

Sendo assim, julga-se necessário acrescentar algumas contribuições de Sá (2015) referente ao aporte teórico sobre as RS neste presente trabalho. Reforçamos, neste

momento, que o intuito dessa pesquisa não é abarcar todos os conceitos e abordagens teóricas que envolvem o estudo das representações. A finalidade, nesta dissertação, é utilizar dos principais termos e conceitos trabalhados a partir da perspectiva de Moscovici no estudo das representações sociais.

Afirma Sá (2015) que Durkheim, precursor no estudo a partir das representações coletiva, no início do século XX, detinha uma abordagem sociológica sobre o fenômeno, apoiado, empiricamente, no estudo das religiões. Nas representações a partir da visão ‘durkheimiana’, as relações comportamentais eram baseadas nas ideias de coercitividade, exterioridade e autonomia.

Já Moscovici, de acordo com Sá (2015), identifica que nas sociedades contemporâneas o fenômeno da representação acontece em âmbitos diversos e por motivos variados, impondo uma nova perspectiva de estudo no que se trata de representações: a visão psicossocial. Nesta nova roupagem teórica-metodológica, procura-se estudar o fenômeno de forma estrutural, levando em conta o ‘funcionamento interno’ das RS (SÁ, 2015). Vejamos a seguir algumas considerações a partir dos apontamentos do próprio Moscovici (2013).<sup>26</sup>

Entende-se que as RS são uma maneira de compreensão e comunicação do que já se sabe (MOSCOVICI, 2013). Diferentemente da abordagem puramente sociológica, que trabalhava as RS “[...] como artifícios explanatórios, irreduzíveis a qualquer análise posterior” (MOSCOVICI, 2013, p.45), a psicologia social procura sanar esta lacuna exploratória, estudando o mais detalhadamente possível estes processos.

As RS, de acordo com Moscovici (2013) não são estáticas, e tem o poder de influenciar o comportamento individual dentro de um grupo, de uma sociedade, de uma comunidade, etc., pois as RS são frutos das ações e da comunicação dos integrantes destes grupos. A RS se torna, portanto, quase um ‘objeto material’ (Moscovici, 2015).

Podemos compreender as representações de diversas formas. Uma maneira de compreendemos o processo de representação é a partir da “maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem” (SÊGA, 2000, p.128).

---

<sup>26</sup> Apontamentos feitos com base em Moscovici (2015) foram elaborados a partir da leitura da obra “Representações sociais: Investigações em psicologia social”, devidamente referenciada nas normas da ABNT nas Referências bibliográficas, ao final desta pesquisa.

Complementa Sêga (2000, p.128) que, o fenômeno de representação “[...] é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade”. Dessa forma, entende-se que “[...] É sempre a atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade, toda representação social é representação de alguma coisa ou de alguém” (SÊGA, 2000, p.128).

Considerar a presença do aspecto cognitivo é essencial para compreender como se dá este processo. O autor citado anteriormente explica que, “Mesmo nas representações sociais mais básicas, é o processo de elaboração cognitiva e simbólica que estabelece os comportamentos. (...) as representações circulam na sociedade e que, assim, elas próprias terão um papel e uma eficácia específica” (SÊGA, 2000, p.129).

Trazendo esta temática para uma discussão a partir do ponto de vista da psicologia social, as representações elaboradas pelo grupo tendem a criar uma teia de relações entre os membros desta comunidade. “Descobre-se um primeiro processo de representação social: a elaboração, por uma coletividade, sob indução social, de uma concepção de uma tarefa que não leva em conta a ‘realidade’ do comportamento social, mas a organização do funcionamento cognitivo do grupo” (SÊGA, 2000, p.127).

Portanto, entende-se que as RS não são elaboradas a partir do indivíduo, unicamente. Mas, pelas pessoas e seus respectivos grupos sobre um ‘objeto coletivo’, como refere-se, conceitualmente, Moscovici (2013). Assim como estas representações são compartilhadas e também reforçadas pelas tradições daqueles que compõe determinado grupo ou sociedade.

Sem levar em consideração de que forma eram elaborados e quais eram seus processos dinâmicos internos, a sociologia tinha dificuldade de “[...] penetrar o interior para descobrir os mecanismos internos e a vitalidade das representações sociais [...]” (MOSCOVICI, 2013, p.45). Portanto, a partir da psicologia social, as representações sociais deixaram de ser trabalhadas como um ‘conceito’ e passaram a ser tratadas como ‘fenômeno’.

Em outras palavras, existe uma necessidade contínua de reconstruir o ‘senso comum’ ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar. Do mesmo modo, nossas coletividades hoje não poderiam funcionar se não se criassem representações sociais baseados no tronco das teorias e ideologias que elas transformam em realidades compartilhadas, relacionadas com as interações entre pessoas que, então, passam a constituir uma categoria de fenômenos à parte. É a característica específica dessas representações e precisamente a de que elas “corporificam ideias” em experiências coletivas de comportamento,

que podem, com mais vantagem, ser comparadas a obras de arte do que a reações mecânicas (MOSCOVICI, 2013, p.58).

Até este momento, conseguimos compreender quais as características básicas referentes a formação das Representações Sociais. Porém, pode-se fazer os seguintes questionamentos: Porque as RS são criadas? É Algo intencional? De acordo com Moscovici (2013), podemos citar alguns possíveis motivos.

A primeira seria a ‘hipótese da desiderabilidade’, criam-se sentenças que podem ocultar ou explicitar as intenções de determinada realidade coletiva. A segunda hipótese citada pelo autor é a do ‘desiquilíbrio’, que tem como finalidade restaurar a estabilidade interna de determinado grupo.

Uma terceira hipótese geral se refere à perspectiva do ‘controle’, onde, nesse caso, as representações sociais atuam como filtros das interferências externas, como se atuassem no sentido de manipulação da estrutura e do pensamento (controle comportamental).

Estas hipóteses não são equivocadas, mas são insuficientes e amplas demais para explicar a grandiosa diversidade de situações que emergem do campo empírico. Entretanto, em meio a grande gama das hipóteses, aponta o autor que, em comum, a “[...] a finalidade de todas as representações sociais é tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade” (MOSCOVICI, 2013, p.54).

Entende-se que ‘não familiar’, a partir da teoria ‘moscoviana’, é tudo aquilo que nos foge do entendimento cognitivo, “[...] quando as fronteiras e/ou as convenções desaparecem, quando as distinções entre o abstrato e o concreto torna-se confusas [...]” (MOSCOVICI, 2013, p.55). Aquilo que ‘não é familiar’ intriga, alarma, ameaça, incomoda e provoca medo ao estranhamento. ‘É uma ameaça à ordem estabelecida’, nas palavras do autor.

As representações sociais (RS) sempre estão presentes quando os sujeitos se familiarizam com coisas e/ou pessoas. Ou seja, o processo representacional se a partir daquilo que nos é ‘comum’, não com o que é alheio aos nossos conhecimentos do cotidiano. “Todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações. Na realidade é isso que as caracteriza” (MOSCOVICI, 2013, p.40).

A partir da lógica de contemplar o indivíduo como membro de um pertencimento grupal, capaz de elaborar representações a partir de suas práticas diversas, Moscovici

(2013) aponta que cabe a psicologia social estudar estas representações contemporâneas em, pelo menos, três pontos principais: suas origens, suas propriedades e seus impactos.

Quando estudamos representações sociais nós estudamos o ser humano, enquanto ele faz perguntas e procura respostas ou pensa e não enquanto ele processo informação, ou se comporta. Mais precisamente, enquanto seu objetivo não é comportar-se, mas compreender (MOSCOVICI, 2013, p.42-43).

Para exemplificar o contexto qual os grupos estão inseridos, Moscovici utiliza-se do conceito de ‘sociedade pensante’, onde sugere que as pessoas (e grupos) são dotados de atividade, são produtores e comunicadores de sentidos, construindo e reconstruindo significações próprias. Cabe dizer que este processo não acontece em espaços ‘oficiais’, como universidades, escolas e demais instituições, mas em lugares cotidianos, como bares, escritórios, nas casas, nos clubes, etc.

Por este motivo, as diversas ‘filosofias’ produzidas a partir destas implicações possuem impacto nas variadas relações sociais dentro destes grupos (MOSCOVICI, 2013). Um exemplo é a conduta que os pais possuem em relação a conduta educacional dos filhos, citada por Moscovici, refletida na maneira que se irá educar os menores, planejar o futuro e interferir nas decisões familiares.

Para o autor, as diversas realidades são compostas por diferentes signos e significantes, correspondentes a estrutura cognitiva de cada qual. As representações são “tudo o que nós temos, aquilo a que nossos sistemas perceptivos, como cognitivos, estão ajustados” (MOSCOVICI, 2013, p.32).

Como dito anteriormente, as RS vistas a partir da contemporaneidade acontecem em diversos cenários e de diferentes maneiras. Portanto, estão presentes “[...] nas relações do dia a dia, prendem a atenção, o interesse e a curiosidade das pessoas, demandam sua compreensão e forçam seus pronunciamentos” (SÁ, 2015, p. 189). Isso explica a diversidade de assuntos e opiniões que pairam sobre os mesmos.

E é nesse espaço de fala e de ações, permeadas por concepções diferentes do mundo, o que também podemos chamar, popularmente, de opinião, que se encontram as RS. Pois, “[...] para Moscovici, esses ‘conjuntos de conceitos, afirmações e explicações’ que são as representações sociais, devem ser considerados como verdadeiras ‘teorias’ do senso comum, [...] pelas quais se processo a interpretação e mesmo a construção das realidades sociais” (SÁ, 2015, p.189-190).

Partindo destas considerações, afirma-se que as RS detêm uma forma de poder “prescritivo sobre a realidade” (SÁ, 2015), e nesse sentido, também é responsável por

constituir o pensamento na vida cotidiana. Tomando como base estes apontamentos, pensando nos segmentos culturais, Sá (2015) explica que nestes grupos há uma variação de consciência de informação sobre determinado assunto, hierarquização do conhecimento.

Isso quer dizer que nem todos os membros de um grupo possuem o mesmo nível de conhecimento sobre determinado tema/assunto. Neste ‘campo de representação’, conceito trabalhado por Moscovici (2013) e exemplificado por Sá (2015), os sujeitos do grupo podem variar o nível de atitude (favorável ou desfavorável) em relação a um assunto, assim como o grau de consistência da informação que circula entre o todo.

A conclusão que se chega a partir destas percepções sobre o comportamento dos indivíduos dentro destes campos de representações é de que estes são “[...] pensadores ativos que, mediante numerosos episódios cotidianos de interação social ‘produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmos” (MOSCOVICI, 1984, p.16 *apud* SÁ, 2015, p.192).

Os ‘universos consensuais’ termo que Moscovici se utiliza para exemplificar os ‘lugares’ que “[...] correspondem as atividades intelectuais da interação social cotidiana pelas quais são produzidas as representações sociais” (SÁ, 2015, p. 192). Nestes universos circulam os conhecimentos do ‘senso comum’, com base maior no que está sendo dito, do que é cientificamente aceito.

Já os ‘universos reificados’, termo também de Moscovici, são “[...] a matéria-prima para a construção dessas realidades consensuais que são as representações sociais [...]” (SÁ, 2015, p. 193). Os universos reificados são responsáveis por fazer circular, assim como produzir o conhecimento científico-erudito, de caráter metodológico e objetivo (SÁ, 2015).

Portanto, a realidade (ou as realidades, no plural) são compostas por convenções, que nos permitem “conhecer o que representa o quê” (MOSCOVICI, 2013, p. 34). Dessa forma, também entendemos as representações, em seu aspecto construtivista cultural, a partir das relações socioculturais de determinadas sociedades ou comunidades específicas. Portanto, entendemos as representações sociais como ‘tipos de realidade’ (MOSCOVICI, 2013).

O autor defende que, quando estudamos as representações, estudamos o homem e tudo aquilo que o torna um ser social. Vivemos em uma sociedade pensante (MOSCOVICI, 2013), onde o ser humano procura compreender aquilo que o cerca, que

o transforma como pessoa, em sua essência. Desde o seu nascimento aos dias cotidianos, no estado físico ou mental.

Classificamos imagens, discursos e símbolos de acordo com sucessivas sequências de elaborações cognitivas, construídas a partir do tempo. Como aponta Moscovici (2013), essa é a explicação do por que algumas pessoas se comportam de uma maneira ou de outra, da maneira particular de cada um julgar estes mesmos indivíduos.

Definimos, dessa maneira, a nossa posição na hierarquia social, assim como nossos valores. Para o autor, “a) as representações sociais devem ser vistas como uma ‘atmosfera’, em relação ao indivíduo ou ao grupo; b) as representações são, sob certos aspectos, específicas de nossa sociedade” (MOSCOVICI, 2013, p.53).

A teoria das representações sociais, por outro lado, toma como ponto de partida a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade. Seu objetivo é descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade. O cientista que estuda o universo está convencido de que existe lá uma ordem oculta, sob o caos aparente, e a criança que nunca para de perguntar ‘por quê?’ não está menos segura a esse respeito (MOSCOVICI, 2013, p.79).

Os principais conceitos trabalhados pelo autor são a ancoragem e objetivação. A ancoragem se dá no processo de reduzir/classificar/nomear ideias estranhas a categorias de contexto mais familiar (MOSCOVICI, 2013). Nas palavras do autor, a ancoragem “(...) é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada” (MOSCOVICI, 2013, p.61). Dessa forma, “Ancorar é, pois, classificar e dar nome a algumas coisas. Coisas que não são classificadas, e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras”. (MOSCOVICI, 2013, p.61).

A objetivação, como exemplifica Moscovici (2013), é ligar o conceito com uma imagem. Por exemplo, “(...) comparar Deus como um pai e o que era invisível, instantaneamente se torna visível em nossas mentes, como uma pessoa a quem nós podemos responder como tal” (MOSCOVICI, 2013). Chama-se, portanto, esse processo de poder figurativo, elaborado a partir das crenças e imagens preexistentes. Portanto, a “Objetivação une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se à verdadeira essência da realidade” (MOSCOVICI, 2013, p. 71).

De uma forma sucinta, para Moscovici (*apud* SÊGA, 2000) as representações são caracterizadas da seguinte maneira: A(s) representação(ões) é (são) “reflexo dos eventos do mundo social, mas os próprios eventos do mundo social podem ser reflexos e produtos

de nossas imagens no mundo social” (SÊGA, 2000, p. 132); “Todas as coisas que nos tocam no mundo à nossa volta são tanto o efeito de nossas representações como causas dessas representações” (SÊGA, 2000, p.132); “(...) não existe nada na representação que não esteja na realidade, exceto a representação em si” (SÊGA, 2000, p. 132).

Em resumo, podemos afirmar que a escolha teórica baseada na grande teoria das RS, com base nos estudos de Moscovici (2013) não são arbitrárias, mas fundamentais para entender o processo de representação da morte a partir dos obituários do *Pracia*. A partir desta base teórica, levantamos alguns aspectos fundamentais que sintetizam o que foi apresentado até o momento.

As representações são parte da essência do ‘nosso mundo’, daquilo que somos, da nossa bagagem simbólica, histórica e cultural. Dos eventos que vivemos, das experiências cognitivas e sociais. As representações, pertencem, portanto, ao mundo social, não existindo, somente, uma única representação, mas várias representações que variam de acordo com o imaginário social de cada comunidade, grupo ou sociedade.

É válido ressaltar que as representações, essencialmente, são percepções que circulam no senso comum. Portanto, a representação sobre a morte, nos obituários do *Pracia* será, ao fim da pesquisa, a representação daquela realidade em específico, e não de todas as realidades. Pois, as representações variam de acordo com o contexto as quais se fazem presentes. As representações não são a realidade, mas fazem parte de determinadas realidades.

#### 4.2 ESTUDOS SOBRE MEMÓRIA

A memória se torna objeto de investigação científica nos séculos XIX e XX, a partir da filosofia (Bergson) e da psicologia (Freud) (PERALTA, 2007). Para compreendermos de que forma a memória pode ser utilizada para estudarmos as representações sociais, pontuaremos alguns conceitos que julgamos fundamentais para esta proposta de pesquisa.

Lembramos, aqui, que não é o objetivo dessa presente dissertação aprofundar-se nas diferentes abordagens e estudos da memória, mas utilizar-se de conceitos teóricos que possam calçar, teoricamente, este estudo.

Para compreender os principais conceitos sobre memória social, utiliza-se, nessa pesquisa, as considerações teóricas de Sá (2015). Assim como as RS, a memória social faz parte do campo de estudo da psicologia social. Portanto, justifica-se assim, a

empregabilidade deste aporte teórico nesta dissertação, que tem como base a abordagem psicossocial.

Para fins contextuais, esta pesquisa realiza uma breve apresentação dos estudos da memória, perpassando pelo conceito de memória coletiva, para fins didáticos de diferenciação teórica. Justifica-se esta apresentação conceitual, pois a pesquisadora, durante a construção deste referencial, encontrou dificuldades em compreender as diferenciações entre os termos.

Partimos da premissa de que a memória do passado coletivo é desenvolvida a partir dos grupos sociais. Portanto, essa memória é ligada ao sentimento de pertencimento de determinado grupo.

Para Halbwachs a função primordial da memória, enquanto imagem partilhada do passado, é a de promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado colectivo, conferindo-lhe uma ilusão de imutabilidade, ao mesmo tempo que cristaliza os valores e as aceções predominantes do grupo ao qual as memórias se referem (PERALTA, 2007, p.5-6).

A identidade coletiva precede a memória, sendo que a identidade é coerente e estável, e a memória é dinâmica. É o indivíduo quem se lembra, quem recorda. Porém, só consegue realizar este processo enquanto membro de um grupo social. Como afirma Peralta (2007, p.6) “(...) o que recordamos, enquanto indivíduos, é sempre condicionado pelo facto de pertencermos a um grupo”.

A partir dos apontamentos de Mahfoud e Schmidt (1993), podemos compreender parte da trajetória teórica de Halbwachs. De acordo com os autores citados anteriormente, Halbwachs realizou seus estudos entre as décadas de 1920 – 1940, influenciado pela perspectiva ‘durkheimiana’, e aborda a memória como um fenômeno dotado de aspectos dinâmicos, assim como a correlação dialética entre classificações mentais e classificações sociais.

Dessa forma, o autor contrapõe-se as tendências teóricas ligadas a filosofia e a sociologia do início do século XX, de cunho idealista e mecanicista, estando ligado intelectualmente com os princípios da Escola de *Strasbourg* (onde prenominava a diversidade de pensamento teórico e de vida) (MAHFOUD; SCHMIDT, 1993). Percebemos, portanto, uma perspectiva interdisciplinar nos estudos de Halbwachs.

A formação da consciência social foi uma temática trabalhada pelo autor, além de outros temas como o suicídio, a vida operária, entre outros, favorecendo, numa perspectiva teórico-metodológica, o estudo de grupos (MAHFOUD; SCHMIDT, 1993).

Partindo desta abordagem que considera a influência do coletivo, levantamos uma importante contribuição conceitual sobre os estudos da memória para Halbwachs: Memória é construída em grupo, mas é um trabalho do sujeito (MAHFOUD; SCHMIDT, 1993).

Não há apenas uma forma de grupo, pronta e acabada, que é responsável pela reconstrução da memória, mas há diferentes grupos que possuem, entre si, diferentes significados. De acordo com os apontamentos de Mahfoud e Schmidt (1993), a memória, ou o ato de rememorar é abstrato, podendo formar imagem, tornando-se uma lembrança viva. Porém, como aponta os autores, Halbwachs afirma que para que isso ocorra é preciso a ausência ou presença de grupos chamados de “grupos de referência”. Entendemos que um grupo de referência:

(...) é um grupo do qual o indivíduo já fez parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou-se e con-fundiu (*sic*) seu passado. O grupo está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprios do grupo. A vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança. Portanto, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso (MAHFOUD; SCHMIDT, 1993, p.288).

A lembrança atua na memória como reconhecimento e reconstrução, de acordo com Mahfoud e Schmidt, (1993), apoiados pela teoria de Halbwachs. De acordo com os autores, o reconhecimento é o sentimento do vivido, do que já foi visto. Já a reconstrução não é repetição linear dos acontecimentos, mas o resgate dos acontecimentos atrelados às dinâmicas que ocorrem no presente (preocupações e interesses atuais).

Também é uma reconstrução pois “é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos e vivências evocáveis e localizada num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais” (MAHFOUD; SCHMIDT, 1993, p.289). Portanto, “A memória é este trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os “quadros sociais” nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articular-se entre si” (MAHFOUD; SCHMIDT, 1993, p.289).

Os referidos autores pontuam que Halbwachs parte da ideia de que, para compreender o processo de construção da memória, se observa a realidade do presente recorrendo aos relatos e testemunhos passados, sejam eles próprios ou de outros. Nesses relatos estão presentes aspectos e universos onde se encontra o indivíduo observado. É

uma interlocução de testemunhos que são retomados durante o tempo presente, que vai se atualizando a cada retomada do mesmo. Se torna, portanto, uma memória atualizada.

Há também uma relação entre o do tempo e memória apontada por Halbwachs, e apresentada por Mahfoud e Schmidt (1993): a divisão do tempo pode mudar de acordo com grupos e de pessoa para pessoa. A partir dessa forma individualizada, cada indivíduo organiza a lembrança de forma única, a partir do que os autores denominam conceitualmente de ‘cadeia de recordações’. Isso auxilia no processo de distinção de recordações.

Já a o espaço “(...) oferece a imagem da permanência e da estabilidade” (MAHFOUD; SCHMIDT, 1993, p.291). A partir do que é exposto pelos autores, Halbwachs afirma que o grupo deixa marcas no lugar, e vice-versa. Há um significado simbólico que envolve a memória e as relações com o meio.

Outros termos utilizados por Halbwachs nos estudos da memória são os conceitos de memória individual e a memória coletiva. “A memória individual pode ser entendida, então, como um ponto de convergência de diferentes influências sociais e como uma forma particular de articulação das mesmas” (MAHFOUD; SCHMIDT, 1993, p.291). Entretanto, “(...) a memória coletiva, propriamente dita, é o trabalho que um determinado grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comum” (MAHFOUD; SCHMIDT, 1993, p.291).

De acordo com o que é apresentado pelos autores, a partir da Halbwachs, esta delimitação é necessária para compreender os processos e experiências que constituem a memória. A experiência individual, por exemplo, é vista como um ‘registrador’ das experiências.

Porém, a consciência individual é um limite, onde “Este limite deve ser entendido no interior mesmo do trabalho da memória, significando que a experiência dos indivíduos é a ancoragem para a construção contínua e comum que chamamos memória coletiva, cujos conteúdos, por essa razão, não são arbitrários” (MAHFOUD; SCHMIDT, 1993, p. 292).

#### 4.3 ESTUDOS SOBRE MEMÓRIA SOCIAL

O estudo da memória, ao mesmo tempo que é extremamente rico no seu pluralismo temático e metodológico, também é complexo pelo seu caráter interdisciplinar. Por isso, essa presente pesquisa leva em conta, na análise do objeto

empírico, os principais conceitos utilizados no estudo da memória a partir da abordagem psicossocial, de Celso Pereira de Sá.

O termo memória social foi mantido nesta sistematização para designar genericamente o inteiro conjunto de fenômenos psicossociais da memória, em vez de ser tomado no sentido específico de “memória da sociedade”, que alguns autores lhes atribuem (SÁ, 2015, p.344).

Primeiramente, considera-se necessário compreender alguns pressupostos sobre o conceito de memória social, que o diferencia do conceito de memória coletiva, exposto anteriormente. De primeiro momento, é cabível entender que a memória social não possui uma ordem psicologista, assim como também não é estritamente sociologista (SÁ, 2015). Isso quer dizer que, apesar de todos os condicionamentos históricos e culturais, ‘quem se lembra do quê’ são as pessoas que participam da sociedade ou grupos.

Outro ponto importante a ser presente é sobre a articulação dos processos psicológicos (memória e pensamento). Para Sá (2015) a lembrança do passado é mesclada com o que se sabe sobre o passado, juntamente com as emoções/sentimentos que integram essa lembrança, que é construída pela memória. Partindo dessa lógica, é cabível incluir os estudos da memória a partir da psicologia social, dando ênfase na interação social, onde origina e desenvolve os fenômenos da memória social (SÁ, 2015).

Trata-se da preposição comum de que a memória humana não é uma reprodução das experiências passada, e sim uma construção, que se faz a partir dessas experiências, por certo, mas em função da realidade presente e com o apoio de recursos proporcionados pela sociedade e pela cultura (SÁ, 2015, p. 318).

A memória social abriga diversos fenômenos, desdobramentos temáticos, metodologias, abordagens e diversas categorizações conceituais. É um conceito oriundo de uma antiga psicologia filosófica e, como aponta Sá (2015), devido a esta complexidade, seja pela flexão conceitual, pela contribuição teórica de várias áreas disciplinares distintas, se expandiu para abrigar diversos fenômenos. A memória social é uma terra de todos ou terra de ninguém? (SÁ, 2015).

Como explica Sá (2015, p. 326) o termo ‘memória social’ é uma classificação que tem por “[...] inteiro conjunto dos fenômenos ou instâncias sociais da memória, identificando de outra maneira o que ele entende ser abarcado especificamente por esse rótulo”. Portanto, entende-se que o termo ‘memória social’ funciona como um conceito ‘guarda-chuva’. Apesar da gama de estudos e fenômenos, atua como uma forma genérica e abrangente que serve para detectar alguns tipos de fenômenos psicossociais.

Destacamos aqui que o termo ‘memória social’ não é usado somente por sociólogos, mas também por psicólogos. Portanto, Sá (2015) explica que não há uma linguagem hegemônica, ou um consenso na utilização conceitual. É válido pontuar, que o conceito ‘social’ nos serve para denominar o campo de uma ‘memória na sociedade’, deve-se não se deve atribuir um caráter estritamente sociológico, num sentido restrito de patrimônio ou acervo (SÁ, 2015). Vejamos que neste ponto é importante destacar diferenças quando nos referimos ao estudo da ‘memória **na** sociedade’ e não da ‘memória **da** sociedade’.

Este último é atribuído a este termo as coisas pertencentes a sociedade, como a língua, arquivos (museus, fotografias, documentos), a história, a escrita, etc. “[...] que constituem condições da memória são, por força de definição, a ela própria exteriores”. (SÁ, 2015, p. 327). Já o conceito de ‘memória na sociedade’:

[...] implica igualmente a consideração de tais condicionantes, mas não os confunde com a memória como fenômeno psicossocial e, acredita-se, é uma tal “psicologia social da memória” que, mais do que qualquer outra perspectiva, deverá ser capaz de prover uma articulação consistente entre as contribuições oriundas de diferentes domínios disciplinares (SÁ, 2015, p.327).

Entretanto, um dos princípios unificadores que contribuem para os estudos da memória é o caráter socioconstrutivista que, de acordo com Sá (2015), é assumido em relação as diversas perspectivas da memória. Antes de continuar, é preciso fazer uma ressalva. O caráter socioconstrutivista não é o único princípio. Existem outros, mas que não são tão enfatizados quanto este citado anteriormente.

Os meios externos, como as instituições (família, igreja, etc.), e a cultura (língua, religião, costumes, etc.) são um dos principais elementos que tem o poder de atuar como influenciadores do conteúdo que será lembrado. “[...], convém-se que a construção, a manutenção e atualização da memória social, mesmo em suas manifestações mais individualizadas, dependem estritamente da interação social ou da comunicação intra- e/ou intergrupala, erudita ou de massa” (SÁ, 2015, p.322-322).

Mais um ponto importante é que, nos estudos da memória social, os atores individuais não são excluídos neste processo de produção de lembranças, pelas práticas discursivas, pois “[...] o princípio unificador básico da construção da memória implica a consideração da interação e da comunicação como processos construtores” (SÁ, 2015, p.322).

Em relação ao que Sá (2015) afirma sobre a memória e o pensamento social contemporâneo é que estes “[...] estão intrinsecamente associados e são praticamente indistinguíveis, ou seja, o que é lembrado do passado está sempre mesclado com o que se sabe sobre ele (Sá, 2015, p. 322). Podemos pensar, nesse sentido, que o fato de saber que algo aconteceu, sem nenhuma memória vivida é suficiente para incorporação da memória.

Não há somente um tipo de memória, como apresenta Sá (2015) a partir da contribuição teórica de Tulving (1972). Há alguns conceitos básicos elencados pelo autor, dos quais podemos citar a ‘memória episódica’, que são memórias relacionadas aos fatos vividos pelo indivíduo. Outro conceito é o de memória semântica, que são memórias construídas a partir de conhecimentos adquiridos sobre determinado acontecimento.

Também há o conceito de memória ‘em forma de pensamento’ apresentada por Sá (2015): as Representações Sociais. De acordo com os apontamentos do autor, com base nas contribuições teóricas de Moscovici, a memória a partir das RS acontece:

[...] pela ancoragem das experiências novas em conhecimentos preexistentes, o que já teria levado S. Moscovici (1976) a declarar que, no conhecimento social, o passado frequentemente prevalece sobre o presente e a memória sobre o pensamento e, posteriormente, nesse mesmo sentido, a explorar a noção “themata” (Moscovici e Vignaux, 2003, *apud* SÁ, 2015, p. 323).

Neste ponto cabe fazer uma consideração sobre o processo construtivo da memória social também por dois fatores correlacionados: Interesse e sentimento. De acordo com Sá (2015, p. 324) a “emergência de novos interesses e acentuação circunstancial de diferentes sentimentos são grandemente responsáveis pelo conteúdo que a maioria social exhibe num ou outro dado momento e num ou noutro lugar”. Aqui podemos tecer algumas considerações teóricas com apontamentos do objeto empírico desta pesquisa. A memória social, a partir das ideias de memória como RS, nos leva a crer que os obituários do jornal *Pracia* são escritos a partir de um interesse: relembrar a vida do(a) falecido(a), aliado ao sentimento de dor e saudade da família enlutada.

Os sentimentos que afloram a partir do pensamento, estes responsáveis pelo conteúdo da memória social, são também parte do processo da reconstrução da memória episódica (memória vivida, como apresentado anteriormente). Como o obituário é elaborado a partir do momento presente, as memórias do(a) falecido(a) são reconstruídas a partir deste momento em questão.

Como o aspecto da morte é desconhecido, o processo de ancoragem, a partir da religião, com base nos preceitos religiosos que regem esta comunidade étnica. “Não se

trata aqui de recuperar uma hegemonia psicológica no campo dos fenômenos da memória, mas de identificar como determinações socioculturais operam na construção da memória, por meio da modelação de interesses, afetos e sentimentos em um dado conjunto social” (SÁ, 2015, p.324)

#### 4.4 TIPOS CONCEITUAIS DAS MEMÓRIAS SOCIAIS

Em relação aos tipos de memórias sociais, Sá (2015) utiliza-se de Jedlowski (2000, 2001 e 2005) para explicar estes conceitos: memória coletiva, memórias comuns, memória social e memória pública. O respectivo autor explica que esta sistematização é uma categorização abrangente, elaborada para compreender, dentro desta diversidade de possibilidades que os estudos da memória social oferecem. Tratemos os termos a seguir como divisões temáticas da memória.

##### 4.4.1 Primeiro subconjunto de memórias básicas: Memórias pessoais

Nas pesquisas, as memórias pessoais aparecem como objeto de estudos em relatos biográficos, das histórias de vida, num esforço de reconstrução global. São ações presentes na vida dos indivíduos, que aconteceram durante a trajetória de cada um. Diferem-se das memórias cognitivas, como argumenta Sá (2015), pois não são conhecimentos adquiridos, mas verdadeiros episódios vivenciados. Neste momento, vale uma ressalva: As memórias pessoais são conceitualmente diferentes de memórias individuais.

De fato, é algo já consolidado na literatura corrente em psicologia social que a referência a “uma pessoa” implica reconhecê-la como produto de um processo (ou processos) de socialização, como ocupando posições e desempenhando papéis sociais, como dotada de uma identidade construída por meio da interação social e como reflexivamente consciente dela. Todas essas condições sociais da constituição e do funcionamento das pessoas encontram-se igualmente presentes na construção, reconstrução e atualização das suas memórias (SÁ, 2015, p. 330).

Ou seja, a memória pessoal é constituída, reconstituída e atualizadas a partir das condições de socialização, dependendo de outros fatores externos para que este processo aconteça. Lembrando sempre que trata-se de processos psicossociais, valendo-se de interações com os demais membros de determinado contingente grupal.

Outro conceito são as memórias comuns. Esta caracterização se refere “[...] uma coleção de numerosas memórias pessoais acerca de um mesmo objeto que se

desenvolveram, independentemente, umas das outras, por força de uma participação comum em um dado período histórico, em uma dada configuração cultural ou em um dado estrato social” (SÁ, 2015, p. 331).

Em outras palavras, estes indivíduos, devido determinado nível de aproximação, são expostas a similares condições (sejam elas situações, informações, determinada cultura religiosa, gostos, etc.), tendem a armazenar e as mesmas memórias (SÁ, 2015).

Prosseguindo com o referencial teórico deste trabalho, Sá (2015) nos apresenta um conceito que tem uma dificuldade terminológica: o de memória coletiva. “[...] Jedlowski (2001, p.33 *apud* SÁ, 2015, p.332) define a memória coletiva como “um conjunto de representações sociais acerca do passado que cada grupo produz, institucionaliza, guarda e transmite através da interação de seus membros”. Este termo remete a outro conceito, o de ‘grupo social’, que, segundo Sá (2015) é complexo, controverso e possui uma flexibilização de significado.

Esta dificuldade no tratamento conceitual se dá pelos seguintes fatores: 1) delimitações grupais imprecisas; 2) influencia indireta que os meios de comunicação de massa, que acabam assumindo a ‘negociação e comunicação dentro dos grupos’ (SÁ, 2015); 3) interação face a face substituída pela internet.

As memórias grupais também possuem diferenciação conceitual, de acordo com Sá (2015). Por exemplo, a memória do grupo é aquela que já existia mesmo antes de alguns membros nascerem (fazer parte do grupo), onde nem todos participam da mesma intensidade na construção dessas memórias. Já as memórias grupais mais específicas são as memórias de família, de associação, de grupos pares, etc. São criadas e recriadas em ambientes menores e ‘familiares’.

Estas últimas memórias são úteis para compreendermos os obituários do jornal *Pracia*, visto que estes não são escritos por jornalistas, como já exposto anteriormente nesta pesquisa. As famílias redigem o texto a partir das lembranças daquele(a) que já partiu. Ou seja, a partir de situações mais específicas, relacionadas as práticas cotidianas e íntimas daquela família, ou instituição, no caso do falecimento de padres e irmãs religiosas.

#### 4.4. 2 Segundo subconjunto das memórias básicas: Memórias históricas

Neste ponto, a memória apresenta uma Interface mais intensa com a história, possuindo diferentes modalidades. Começamos com o conceito de memórias históricas documentais: “[...] todos os registros de que as pessoas e grupos se valem para lembrar o

passado ou dele construir representações, mesmo que não tenham testemunhado” [SÁ, 2015, p.335).

O conceito de documentação também é detalhado por SÁ (2015, p.335) quando afirma que “O que é aqui chamado de memória documental só vem a se constituir quando os documentos são efetivamente utilizados por pessoais e grupos sociais concretos” (SÁ, 2015, p.335).

A memória histórica documental pode ser usada e/ou estar disponível de duas formas: 1) A memória histórica consolidada, que materialmente conhecida como manuais de história; 2) A memória histórica continuamente atualizada pelos meios de comunicação de massa, em especial a televisão (SÁ, 2015).

Há também o conceito de memórias históricas orais, que é a história transcrita, a história oral. Preocupa-se “[...] com o processo e as circunstâncias segundo as quais tais memórias são construídas, reconstruídas ou atualizadas por conjuntos sociais mais ou menos amplos e, por diferentes critérios, suficientemente circunscritos” (SÁ, 2015, 345). Em síntese, a memória não exteriorizada materialmente. Pode-se dividir essa categoria em outras subcategorias: memórias nacionais, étnicas, comunitárias, etc.

Já as memórias práticas são memórias de atos performativos, como por exemplo, executar o ato de ajoelhar-se. Para Sá (2015) isto implica na recordação de coisas do passado, ou pode apontar uma ruptura do novo. As memórias práticas são memórias-habito, que pode ir do passado remoto ao passado presente, sem realizar distinção do passado remoto (SÁ, 2015).

As memórias públicas, como o próprio nome já sugere, estão presentes na esfera pública. Nas palavras de Sá (2015, p. 348) “O campo da vida nas sociedades democráticas onde as crenças dos cidadãos acerca dos assuntos políticos são discutidos”. Neste espaço, acontece o confronto de memórias, assim como as relações entre poder e memória. Sá (2015) alerta que as memórias, neste caso, são mediadas pelos meios de comunicação de massa e, por isso, podem tender ao debate ou ao esquecimento.

Compreende-se o conceito de memórias testemunhais, trabalhado por Sá (2015): os relatos de pessoas convidadas a prestar depoimento ou testemunho, podendo este ser executado de uma forma oficial/jurídica, ou também de maneira mais informal. Encontra-se aqui as memórias orais, pessoais e documentais (suplementação do testemunho).

As memórias autobiográficas são os registros de ‘automemórias’: (encontra-se aqui: memórias pessoais, necessariamente articuladas com cenários culturais, políticos,

econômicos, científicos, etc.), memórias documentais e relatos de memórias práticas (SÁ, 2015).

Já as memórias comunitárias são constituídas em grupos que mantem o contato face a face, como famílias e vizinhanças, grupos étnicos, conjuntos habitacionais, etc. De acordo com Sá (2015) aqui se encontra a conservação e transmissão das memórias coletivas, memórias pessoais, memórias comuns, Memórias orais, práticas e também as documentais.

Como visto, a categorização das memórias é algo de extrema complexidade e diversidade. Apesar dos inúmeros desdobramentos, alguns objetos empíricos ainda podem ficar ‘deslocados’ de alguma categoria que até aqui foi apresentada. Como explica Sá (2015), a categorização das memórias não tem a intenção de excluir possíveis objetos de pesquisa, assim como há a possibilidade de um objeto se adequar a uma ou mais categorias aqui apresentadas.

#### 4.5 ESTUDOS SOBRE A MORTE

O que é a morte? De primeiro momento, esta parece ser uma pergunta complexa, calçada por diferentes respostas, que podem variar de acordo com conceitos que perpassam por questões filosóficas, sociais e religiosas. Nesta pesquisa, partimos da ideia que a morte é fenômeno de múltiplos entendimentos, sendo a “[...] única experiência social que não pode ser transmitida” (DA MATTA, 1997, p.97), e está intrinsecamente ligada a questões da modernidade, modelos de sociedade e as instituições sociais.

Minha tese é a seguinte: todas as sociedades tem de dar conta da morte e dos mortos, mas há um padrão visível quando se lança os olhos sobre a questão. De um lado há sistemas que se preocupam com a morte, de outro há sistemas que se preocupam com o morto. É claro que não se pode estabelecer um corte radical mas há uma tendência para ver a morte como importante, descartando o morto: e uma outra que tende a ver o morto como básico, descartando obviamente a morte (DA MATTA, 1997, p.98).

A partir dos apontamentos de Vilar (2000) sobre a relação da morte e a sociedade desde a idade média aos dias atuais, podemos verificar que, a partir das mudanças sociais e econômicas, o fato de morrer vem ganhando novos sentidos ao passar dos séculos.<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> O referido estudo foi desenvolvido durante o período de agosto de 1997, quando o pesquisador participava do grupo de estudos "Luto e Sociedade", coordenada pelo Prof. Mauro Koury. O artigo, fruto desta pesquisa foi apresentado no V Encontro de Iniciação Científica da UFPB e está devidamente referenciado ao fim deste trabalho.

De acordo com os estudos de Philippe Ariés (1989 *apud* VILAR, 2000), intitulado “Sobre a história da morte no ocidente desde a idade média”, aponta-se que o fato de falecer, nos primórdios da idade média, era visto como algo ‘domesticado’, encarando a morte como algo natural do cotidiano.

Entretanto, como aponta o referido autor, no século XII, algumas mudanças em relação a este acontecimento começam a aparecer. Nesta fase, nota-se uma preocupação com a particularidade de cada indivíduo, em um julgamento próprio no final da vida (Ariés 1989 *apud* VILAR, 2000). Nos referimos, aqui, à sociedade ocidental, que passa por transformação ‘individualizadora’, segundo Ariés (1989 *apud* VILAR, 2000).

No século XVIII, uma nova concepção social é atribuída sobre a morte, e começam a encarar o fato de morrer de forma mais romântica, como um ato ‘admirável’, descrito pelas literaturas da época como algo apaixonado, onde a percepção do outro (em específico, da vida do outro) se torna mais presente (1989 *apud* VILAR, 2000).

O estudo de Philippe Ariés, de certo modo, reforça o que Mauss havia escrito sobre a formação e o desenvolvimento da noção de pessoa, da noção do “eu”, segundo o qual, essa “categoria do espírito humano” não se encontra como algo natural e completo, já constituída e inata, mas como algo em processo, criado e sendo criado histórico e socialmente (VILAR, 2000, p.2).

De acordo com os apontamentos conclusivos do estudo de Vilar (2000), a morte na atualidade é representada, na sociedade contemporânea, como algo que remete ao incômodo, que não mantém a ideia de felicidade, tornando-se algo pouco mencionado. Quase um tabu. Segundo o autor, talvez, este seja o motivo de existirem poucas pesquisas que tratem, cientificamente, sobre o tema.

Com isso, pretendo enfatizar como a morte é hoje em dia considerada um “problema”. Algo preocupante, no sentido de que ela é bastante sentida com estranheza pelo homem contemporâneo e conseqüentemente ocultada do cotidiano da coletividade, sinônimo de situações individualizadoras específicas. (VILAR, 2000, p.2).

Em “A solidão dos moribundos: Envelhecer e morrer,” o sociólogo Norbert Elias (2001) vê o que há de comportamental na experiência da morte a partir da sociedade pós-moderna. Para o autor, a morte já foi vista como algo que remetia divertimento/entretenimento para sociedades antigas, dentre os quais cita os enforcamentos assistidos, no século XIX, combate de gladiadores, tigres e leões mastigando seres humanos, como na Roma Antiga, entre outras atrocidades.

O fenômeno da morte, segundo Elias (2001) tem o ‘poder’ de ajustar as vidas contemporâneas, interferindo na programação do curso de vida do sujeito. O autor trabalha com a ideia de que, nas sociedades mais avançadas, a morte se torna, portanto um problema social. Um acontecimento inerente ao avanço da sociedade é o que Elias (2001) chama de “isolação dos moribundos” (pessoas com doenças agravadas, como em grandes epidemias e pestes), onde as se afastam gradativamente daqueles que se apresentam proeminentes a morte, e vão ficando cada vez ‘menos vivos’. “O problema social da morte é especialmente difícil de resolver porque os vivos acham difícil identificar-se com os moribundos” (ELIAS, 2001, p. 9).

Os animais sabem que um dia morrerão, e que essa fatalidade pode acontecer a qualquer hora e a qualquer momento. Portanto, instintivamente, eles se previnem para que isso não aconteça. Algo natural, biologicamente explicável e aceito. Já o homem, de acordo com Elias (2001) vê a morte como um problema, como um fim indesejável a existência. A partir disso começa a planejar a vida, como uma linha do tempo mais ou menos previsível: nascer, crescer, viver até certa idade e morrer. Portanto, para o homem, a expectativa que se tem sobre a morte não é a natural, como os animais, mas uma experiência socialmente aprendida (ELIAS, 2001).

A palavra de ordem é controle: sobre a vida, sobre as características fenotípicas do ser humano, sobre as doenças, a beleza, as reações emocionais, enfim, controle sobre o amanhã. Essa necessidade advém da volatilidade e da fragmentação do mundo, realidades pós-modernas. Compreendendo pós-modernidade como a crise da modernidade (Lyotard, 1998), ou seja, a crise da razão e da segurança cartesiana, percebe-se quão frágil está o ser humano entregue às suas próprias dúvidas e vazios (FRANCO, 2007, p.110).

O que podemos apontar, a partir das considerações de Elias (2001), é que a individualização do sujeito interfere sobre as compreensões coletivas de determinado fenômeno, neste caso, a morte. Ou seja, não há um padrão estabelecido na sociedade do que se compreende sobre a morte, assim como a existência (ou a negação) da vida pós a morte. O que vem acontecendo é que a ideia do individualismo predomina sobre a coletividade nas sociedades contemporâneas (ilusão da autonomia individual).

Os estudos que se debruçam sobre a temática da morte apresentam surgimento no começo do século XX, a partir de diferentes abordagens. De acordo com Vilar (2000), destacam-se três delas. A primeira é denominada de ‘Evolucionista’. Os estudiosos evolucionistas foram os pioneiros no estudo da morte. Acreditavam na existência da alma, na imortalidade humana, na religião, no culto aos ancestrais para procurar entender o

significado da morte. Dos pesquisadores evolucionistas podemos citar Edward Taylor e sua obra “Cultura Primitiva” (1947).

A segunda abordagem, de acordo com Vilar (2000), é a ‘Funcionalista’. Nesta linha de estudos predomina a abordagem sociológica da morte. Encara-se este fenômeno como algo desestabilizador, como uma ruptura temida pela sociedade que ocasiona desespero individual e coletivo. Aponta-se, a partir da perspectiva funcionalista, que estudos relacionados a morte poderiam ocasionar a desagregação social. “As formas elementares da vida religiosa”, de Émile Durkheim (1996) é uma importante obra sobre a morte a partir desta abordagem.

De uma forma sucinta, a partir do que é apresentado por Vilar (2000), podemos dizer que os evolucionistas trabalham a partir da perspectiva que a morte é um elemento fundamentador, pautados na premissa religiosa/espiritual que rege a vida do ser humano. Os funcionalistas veem a morte com um fim da vida humana, voltando os estudos para os efeitos da religião perante a morte.

Estes estudos viam na religião uma das instancias fundamentais do reequilíbrio social, através das formas de introjeção do morto as normas sociais, pelos ritos da passagem do corpo morto, e de sua alma para estágios seguintes ou diferenciados das dos vivos. O que tranquilizava os que permaneciam vivos, e a sociedade poderia assim retornar ao seu rito cotidiano. A religião, assim, consistia em ser, para esses estudiosos, preventiva da desordem (VILAR, 2000, p.3).

Outra perspectiva de estudos sobre a morte é a vertente ‘Estruturalista Culturalista’, que se dá a partir das pesquisas de Clifford Geertz. “Segundo esta concepção, o imaginário, o senso comum da vida cotidiana, é algo construído socialmente, por meio de um processo dialético, que acontece entre cada indivíduo e o resto da sociedade” (VILAR, 2000, p.3).

Nesta perspectiva de Geertz, o tema da morte é visto de maneira autônoma. Ao contrário das abordagens anteriores, a religião é tratada com o intuito de contribuir para o estudo da morte. Portanto, parte-se do princípio, que a morte não é o fim completo, mas que existe uma vida após a morte. Geertz denomina esta abordagem de “perspectiva religiosa” (VILAR, 2000).

A realidade objetiva é forte, impressiona e abala. O imaginário religioso busca contornar, mediar o conforto entre as duas perspectivas através de rituais e cerimônias com muitas metáforas e comparações, ainda que não possa superá-la. Uma espécie de atitude tanto preventiva quanto remediativa. [...] assim como os funcionalistas afirmaram, também afirma a semiótica o aspecto integralizante da religião, caracterizando-

a como uma estufa social contentora da desagregação que porventura ocorreria devido a morte de alguém, uma espécie de recicladora da saúde mental das pessoas (VILAR, p.4, 2000).

A partir da ótica contemporânea sobre o fenômeno, as pesquisas que trabalham com a temática estudam a morte a partir de diferentes realidades, profissões e culturas. Um exemplo disto é a investigação sobre as representações sobre a morte a partir da área da saúde, como no caso da pesquisa “Um estudo sobre a morte: uma análise a partir do método explicativo de Vigotski” (COMBINATO; QUEIROZ, 2011), onde o trabalho apresenta uma análise sobre as representações sobre morte, a partir do olhar de profissionais da saúde que trabalham em Unidades de Terapia Intensiva (UTI).

Este estudo considerou que estes profissionais desenvolvem suas atividades laborais em espaços onde a ‘presença’ da morte é cotidiana, e que apesar da cultura (ocidental) em que estão inseridos e, também, dos dogmas científicos-profissionais, estes locais de trabalho podem colocar em cheque a compreensão do estado humano que se localiza ‘entre a vida e a morte’, entrelaçados pela questão do afeto e da razão, por exemplo.

Para compreender, portanto, a morte nestas pesquisas da área de saúde, foram elencadas as seguintes questões: como tais profissionais entendem e lidam com o processo de morte? De que maneira a formação profissional contribuiu ou poderia contribuir com a compreensão e o enfrentamento de situações relacionadas à morte na UTI? As respostas dadas a estas questões apontaram que o profissional tem dificuldade para lidar com as situações que levam o paciente ao óbito, e em alguns casos, sente-se culpado pela morte de seus pacientes.

A possível causa desta dificuldade, como apontado pelos autores Combinato e Queiroz (2011), é a falta de um preparo profissional que leve em conta as questões emocionais que envolvem este trabalho, e não apenas, a formação biológica-tecnicista que algumas profissões da saúde ainda priorizam. E, para ‘aliviar’ o fardo da culpa que alguns carregam, os profissionais encontram explicações e conforto espirituais para o fenômeno da morte.

O caso apresentado anteriormente é um exemplo das tantas outras possibilidades de se estudar as representações sobre a morte. As vivências e particularidades das sociedades e grupos possuem características próprias que os fazem se aproximar ou afastar. Como apresentado até o momento, muitos destes grupos apresentam apropriações

religiosas que entrelaçam as representações sobre a morte, constituindo uma rede de significados que permeiam, com maior ou menor intensidade, o divino.

Em situações específicas, como demonstra Atanásio (2010), para o indivíduo que falece, geralmente de maneira trágica, é atribuído um novo significado a representação da morte: a sacralização. A partir de um estudo onde analisa personagens distintos que se interligam pelo fato de morrer tragicamente, Atanásio (2010) afirma que, a partir da religião, as identidades dos sujeitos são reinventadas no imaginário sociocultural.

Portanto, a religião encontra-se como recompensa ou castigo daquele que faleceu, dependendo do motivo que levou a morrer. O sofrimento ou a injustiça são recompensados pelo ‘descanso’ que a morte proporciona, assim como o possível reconhecimento da santidade daquele que vem a falecer como mártir (ATANÁSIO, 2010).

Assim como, morrer em um dia santo, por exemplo, torna a morte uma “casualidade” vinculada às simbolizações incutidas ao plano divino. “Essa composição simbólica se institui sobre as práticas socioculturais de uma determinada realidade a partir do plano tríade no qual Roger Chartier (1986) nos demonstra processar o dinamismo dos elementos simbólicos: representação, prática (ou ritualização) e apropriação” (ATANÁSIO, 2010, p. 354-355).

As representações não são constantes, mas se alternam de acordo onde circulam, a partir das variáveis simbólicas culturais que permeiam estes significados. Além de se enquadrar no campo religioso, as representações sobre a morte ‘[...] denunciam significados que se estendem às impressões de sentido tecidas pelo olhar dos sujeitos, configurando uma “compreensão lógica” a uma construção de saber socialmente edificada” (ATANÁSIO, 2010, p. 359).

A construção de um entendimento sobre a morte ou o processo de morrer é religiosa, e também poética (ATANÁSIO, 2010). A complexidade da vida e dos diversos fenômenos que perpassam o viver humano, como um todo, fazem parte deste processo representacional. É construir metáforas, apropriações, representações e alternativas para compreender determinado acontecimento que, por mais inevitável que seja, ainda provoca forte estranhamento por parte das pessoas. São atravessamentos étnicos, religiosos, profissionais dentre outros, que fazem com que em cada situação o fenômeno seja percebido de forma singular.

Para sociedades individualistas, o morto deve ser esquecido e não haver memória. “Na sociedade moderna não há luto, nem qualquer tipo de contato com os mortos, que necessariamente evocam o passado” (DA MATTA, 1997, p.99). Mas, considerando que existem outras formas de organizações sociais, a perspectiva sobre a morte pode ser diferente da existente na sociedade moderna.

Creio que uma atitude inversa é encontrada quando estudamos as sociedades tribais e tradicionais, onde o sujeito social não é o indivíduo, mas as relações entre indivíduos. Nelas, o que temos é uma grande elaboração relativamente ao mundo dos mortos, que são sistematicamente invocados, chorados, lembrados, homenageados e usados sem cerimônia pela sociedade (DA MATTA, 1997 p. 99).

Nessa lógica, a memória do ente falecido é uma noção relacional, de acordo com os termos do autor citado anteriormente. “Num sentido estritamente empírico, pode-se dizer que a nossa noção de ‘alma’ corresponde muito de perto a uma memória viva do morto, que vai ficando mais tênue à medida que o tempo entre esse morto e a sua comunidade passa” (DA MATTA, 1997, p.114).

No caso brasileiro, “(...) a morte mata, mas os mortos não morrem” (DA MATTA, 1997 p.117). O autor explica que, no Brasil, a saudade é vista como uma categoria social cuja função é fornecer significado ao estilo de recordação (memória) de determinada pessoa já falecida. “Em certo sentido, pode-se dizer que há saudade e há memória quando alguma forma de relacionamento persiste entre os vivos e os mortos” (DA MATTA, 1997, p.114).

O indivíduo falecido acaba desenvolvendo um papel social, construído partir da memória. Para a comunidade a qual pertencem (ou sociedade, numa perspectiva mais abrangente) acabam sendo vistas como pessoas ‘exemplo’, transformadoras, orientadoras de uma conduta social. “O culto dos mortos e das relações sociais estabelece um verdadeiro padrão de moralidade nas religiões populares. É que nelas o que se cultua realmente são as relações e as possibilidades (e esperança) de relações entre os dois lados da vida” (DA MATTA, 1997, p. 115). São elos que ligam pessoas de um grupo.

Uma grande referência dos estudos antropológicos sobre a temática “morte e representações” se dá a partir do ensaio “*A representação coletiva da morte (1907)*” do antropólogo francês *Robert Hertz* (1881-1915). De acordo com Patriarca e Lima (2015), outros autores avançam na discussão desta temática, como *Arnold Van Gennep* (1873-1957) e *Victor Turner* (1920-1983), abordando a importância e a diversidade dos rituais fúnebres em diversos ritos. De acordo Patriarca e Lima (2015), para Hertz [...]:

[...] as representações rituais não se restringem à ideiação da morte como fenômeno físico nem às mudanças acontecidas no corpo. A emoção suscitada nos vivos, suas crenças, sentimentos e ritos sociais variam, dentre outros fatores, de acordo com o valor social do defunto, como evidencia Hertz com exemplos acerca de formas diversas de lidar com a morte, caso seja o caso de um chefe, de um estrangeiro, um escravo ou uma criança. (PATRIARCA; LIMA, 2015. s/p)

O autor utilizou-se de um método comparativo-etnográfico em grupos abastados e civilizações indígenas da Ásia, África, América do Norte e Oceania (PATRIARCA; LIMA, 2015). Dessa forma, a partir de seus estudos, distingue a representação da morte a partir de uma questão cultural. Os ritos mortuários, que acontecem após o falecimento, fazem parte do processo de superação daquele acontecimento, como a separação do morto e o grupo, a reestruturação da vida social e o reestabelecimento dos vínculos abalados com a morte (PATRIARCA; LIMA, 2015).

Outro caso, um tanto quanto peculiar, em relação a apropriação da morte é o caso da Santa Muerte. Em alguns países do caribe, sul dos Estados Unidos e América Central, em especial o México, a morte adquiriu uma ‘função’ contrária as demais crenças sobre o fenômeno: a de guardiã da vida. Essa é uma prática religiosa que tem rituais próprios, tradições características e apropriações de outras religiões cristãs, como a católica (ROUSH, 2014).

O culto a Santa Muerte tem origem clandestina, nas áreas periféricas da Cidade do México. Foi na década de 1990 que a assunto tornou-se público, deixando os templos caseiros para ganhar cultos em espaços abertos (Roush, 2014). A Santa Muerte é estudada por diversos autores latino-americanos que procuram entender o fenômeno de forma antropológica, social e religiosa, dos quais podemos citar Vargas (2004), Garma (2011), Hernández (2011), Quiroga (2011), Reyes (2011) e Roush (2014), entre outros.

Este fenômeno é caracterizado, de acordo com Roush (2014) como *Folk Religion*: um artefato de um processo sincrético colonial, estimulado a crescer pelas tensões psíquicas de violência. Esse ‘objeto’ possui uma aura que remete a algo muito antigo e tradicional, ao mesmo tempo que aparente ser algo novo e perigoso, o que Roush (2014) descreve como um produto emergido da cultura narcotraficante (*narco-culture*).

As principais pesquisas sobre os rituais e liturgias realizadas em prol da Santa Muerte são tratadas por diversos autores, dos quais podemos citar Malvido (2005) e Argyriadis (2014). Descritivamente, a Santa Muerte é representada a partir de um esqueleto humano, que remete a:

[...]personificación de la muerte que parece expresar una pérdida de esperanza en la vida –, llama profundamente la atención de todos aquellos interesados en la evolución de la sociedad mexicana contemporánea [...]. No inspira temor ni aflicción: al contrario es una interlocutora privilegiada que casi siempre cohabita en los altares y en los corazones con otros personajes del santoral católico mexicano: la Virgen de Guadalupe, Cristo, San Judas Tadeo, etc. Como “abogada justa ante Dios” (ya que se lleva a todos sin distinción de clase, color o género), se le pide consuelo, intercesión y ayuda ante los infortunios de la vida; a cambio de fervor se espera de ella milagros. Como prueba de su fe, la tratan con gran cariño: le ponen ofrendas consideradas de su gusto (flores, romero, dulces, chocolates, manzanas, cigarros, licores..(Argyriadis, 2014, p. 192).

Geralmente, as pessoas que seguem este ritual são de origem católica e possuem o hábito de rezar um rosário mensalmente em devoção a Santa Muerte. Porém, percebe-se um hibridismo religioso a partir do uso de diferentes rituais e práticas espirituais, como a inserção de crenças e hábitos do esoterismo mexicano, além de referências a violência e atividades ilegais (ROUSH, 2014).

Contudo, a Igreja Católica Mexicana não aceita o culto a Santa como parte ou desdobramento da religião católica. Condena, sem exceção matrizes religiosas que, de acordo com a instituição, ‘não são de Deus’, como bruxaria, espiritismo, curandeirismo mágico, santeria, esoterismo, horóscopos, adivinhações, tarô, ciências ocultas, maçonaria, gnosticismo, entre outras práticas (ARGYRIADIS, 2014). Além da igreja católica, os meios de comunicação mexicanos, em especial a televisão, foi um dos precursores em lançar acusações para estigmatizar os praticantes do culto (ARGYRIADIS, 2014).

Tepito é um bairro da Ciudad do Mexico onde o culto a Santa Muerte é a principal prática religiosa. Localizado próximo a região central, tem como fundadores antigos indígenas que sobreviviam a partir de um comércio de subsistência: produtos rurais que eram trocados por outras mercadorias, de forma direta, entre os produtores e consumidores (MAERK, 2010). Hoje em dia, concentra aproximadamente 70.000 habitantes que vivem, em sua maioria, da prática do comércio, sendo que alguns funcionam na ilegalidade, além das práticas de contrabandos e o tráfico, famosas no bairro (MAERK, 2010).

Os frequentadores dos cultos de Tepito são homens, mulheres, famílias. As seis horas da tarde a multidão é tão densa que não é possível circular nas ruas. Os altares estão nas calçadas e ruas, além de casas que montam uma espécie de vitrine com o esqueleto da Santa Muerte. Grupos de entoam canções para a Santa. Às oito da noite, começa a oração do rosário (ROUSH, 2014). Antes do início do terço, os fiéis realizam uma prece para invocar a santíssima morte.

Senhor, antes de sua presença divina, Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, pedimos sua permissão para invocar Santíssima Muerte, a nossa Niña Blanca, queremos pedir-lhe do fundo do nosso coração, que você destrua ou quebre qualquer feitiço ou a escuridão presente em nossas pessoas, nossas casas, trabalho e viagem (ROUSH, 2014, p.132, tradução própria).

Durante a oração do rosário, cada dezena é dedicada a um problema que aflige os moradores do bairro, como o desemprego, aos doentes, aos mortos, aos viciados pelas drogas, entre outros (ROUSH, 2014). Com estes apontamentos teóricos sobre o fenômeno, pode-se dizer que a Santa Muerte denota um novo sentido para uma parcela da população mexicana, e demais latino-americanos que reverenciam este culto: a morte não é temida, mas venerada.

É uma exaltação à vida a partir de apropriações do catolicismo e esoterismo, em determinada realidade. Neste caso, oriunda de vidas marginalizadas e periféricas, que buscam no misticismo religioso uma ‘garantia’ de vida, mesmo que seja contraditória para entendedores alheios. Não cabe a este trabalho, estudar em profundidade este fenômeno, entretanto, é importante exemplificar ao leitor as diferentes noções e, porque não, diferentes ‘empregabilidades’ atribuídas à morte. Para uns, a morte tem a função de tirar vidas, e para outros, garantir a sobrevivência.

Interessante perceber que o entendimento sobre a morte ultrapassa os limites da religião. Enquanto rejeitada institucionalmente pela igreja católica, muitos fiéis ainda permanecem seguidores da Santa Muerte, por particularidades da vida cotidiana que nem igreja e nem estado conseguem assegurar: a esperança de viver.

O Brasil é um país plural, de diversas práticas religiosas. De acordo com a Fundação Getúlio Vargas,<sup>28</sup> há aproximadamente, 140 tipos de manifestações religiosas no território brasileiro. A diversidade destas práticas é grande, assim como as particularidades e características que compõem cada uma delas. Dessa forma, partimos do princípio lógico que cada uma destas formas de manifestações tende a tratar a morte de forma específica, compartilhando diferenças, e também, possíveis semelhanças.

De acordo com Da Matta (1997), no Brasil, se fala muito mais dos mortos do que da morte.

Ou seja, a morte no Brasil é concebida como uma passagem de um mundo a outro, numa metáfora de subida ou descida – algo verticalizado, com a própria sociedade – jamais como um movimento

---

<sup>28</sup> Informações disponíveis em: <http://www.cps.fgv.br/cps/religoes/Apresenta%C3%A7%C3%A3o/CPS.FGVRetrato%20das%20religoes%20no%20Brasil-Apresentacao.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2016.

horizontal, como ocorre na sociedade americana, onde a morte é quase sempre encapsulada na figura de uma viagem aos confins, limites ou fronteiras do universo (DA MATTA, 1997, p. 141).

Da Matta (1997) utiliza-se dos apontamentos elaborados por Thomas Ewbank, que descreveu os costumes brasileiros em relação a morte, indicando uma obrigação em relação aos costumes fúnebres.<sup>29</sup> Da Matta (1997) explica que estas relações sociais sobrevivem a partir dos elos morais, que fazem com que as pessoas façam coisas a partir de uma perspectiva de lealdade com o outro e não, especificamente porque desejam fazer, de forma espontânea. “É a relação que exige, não o indivíduo que deseja!” (DA MATTA, 1997, p.108).

Em outras palavras, “Há a lógica individual de cada um; há a lógica da moralidade social que orienta a ação de todos; e há a lógica das relações que todos estabelecem entre si e com a ideologia como um todo. É a partir deste quadro complexo que as sociedades dão ênfase às relações ou aos indivíduos” (DA MATTA, 1997, p.109)

O autor também se utiliza da expressão para explicar a relação da morte: “o outro mundo”, que significa “[...] um local de síntese, um plano onde tudo pode se encontrar e fazer sentido. Assim, o outro mundo – mundo dos mortos, fantasmas, espíritos, espectros, almas, santos, anjos e demônios – é também uma realidade social marcada por esperanças, desejos que aqui não puderam se realizar pessoal ou coletivamente” (DA MATTA, 1997, p. 111).

Neste “outro mundo”, de acordo com Da Matta (1997) há uma recompensa para as injustiças sofridas ‘neste mundo’, onde a justiça reina, existem compensações que recebemos pelos sofrimentos que passamos.

#### 4.5.1 Costumes ucranianos e ritos mortuários

De acordo com Giacoia (2005 *apud* CAPUTO, 2008) o posicionamento adotado por um grupo a partir do acontecimento da morte (ou do indivíduo falecido) representa

---

<sup>29</sup> “Thomas Ewbank nasceu em Durham, Inglaterra, em 1792 e morreu em Nova York, em 1870. Em 1819, aos 27 anos, imigrou para os EUA e se estabeleceu como fabricante de canos de chumbo, estanho e cobre, entre 1820 e 1836, ano em que vendeu a manufatura e passou a dedicar-se ao estudo da filosofia, da etnologia, da ciência e da história das invenções. (...) Ewbank se firmou como um viajante primeiro às custas próprias e depois à serviço do governo. Sua viagem ao Brasil, em 1846, representou sua primeira experiência exploratória, conferindo-lhe capacitação para participar de expedições financiadas pelo governo dos Estados Unidos. (...) Sua função nessas viagens concentrava-se no campo da etnologia, com o foco na observação das tribos indígenas locais, estudando seus hábitos e costumes e procurando classificá-las por nível de civilidade, docilidade ou selvageria”. Trechos retirados na íntegra e disponíveis em: <[http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/carla\\_viviane\\_paulino.pdf](http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/carla_viviane_paulino.pdf)>. Acesso em: 30 jan.2016.

um importante papel formador da identidade coletiva e da manutenção da mesma. Dessa forma, perpetua-se o que os referidos autores chamam de tradição cultural comum.

Segundo Tenchena (2010), “os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, tem característica de organizar a interação entre as pessoas” (BARTH, 1998, p.189 *apud* TENCHENA, 2010, p.8). Partindo dessa perspectiva, a autora trata as questões relacionadas às relações culturais étnicas de pertencimento a partir de uma concepção weberiana, acreditando que o pertencimento social se dá além da característica racial, mas por um pertencimento simbólico compartilhado.

Assim, pode-se compreender o grupo étnico como uma expressão concreta coletiva que, além de partilhar valores, costumes, memória, sustenta uma crença subjetiva numa origem comum e, conforme as convenções, pode transformar e/ou alterar o legado das tradições. No entanto é o sentido de pertencimento que lhe assegura a formação de um grupo. Portanto, pode-se entender que identidade torna-se uma construção social (TENCHENA, 2010, p.7).

Partindo dessa lógica apresentada por Tenchena (2010), nos dirigimos para uma perspectiva local: a cidade de Prudentópolis onde este estudo se direciona em suas investigações.<sup>30</sup> A autora citada anteriormente esboça algumas considerações teóricas, realizadas sobre a comunidade em questão, levando em conta o universo simbólico da religião, onde os descendentes de ucranianos estão inseridos.

Em Prudentópolis, a vivência de um universo simbólico norteado pela dimensão da religião e das tradições ajuda as pessoas a manter suas emoções e a expressar um estilo de vida a partir de signos e valores que são ritualizados de forma individual ou coletiva. Adotando o pensamento de Barth, a dimensão da identidade parece ajudar a consolidar a relação social. A proposição, portanto, é que o significado do ritual do dia-a-dia é expresso pela reelaboração simbólica do universo regido por tradições que, do ponto de vista da população, é singular de Prudentópolis (TENCHENA, 2010, p.8).

Em seus estudos sobre a memória, identidade e religião dos descendentes de ucranianos, Guérios (2007) considera que a ligação da igreja com a comunidade é muito

---

<sup>30</sup> Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que o município de Prudentópolis surgiu na área entre o rio dos Patos e a serra da Esperança, região geográfica que pertencia ao município de Guarapuava, até metade do século XIX. Esses mesmo dados apontam que a habitação dessa região deu-se logo no início da primeira fase migratória, em 1882, quando ocorreu a abertura da estrada da linha telegráfica no local. A região veio chamar-se Prudentópolis em 1894, porém a colônia começou a assumir nova forma e possuir maior movimentação nas duas últimas fases, de 1917 a 1950, com destaque para o período das duas grandes guerras (IBGE, 2010). Hoje, a cidade possui 48.792 habitantes, segundo o censo do IBGE no ano de 2010. Cerca de 60% da população ainda ocupa as áreas rurais, em pequenas propriedades. (IBGE, 2010). Informações disponíveis em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=412060> >. Acesso em: 20 set. 2015.

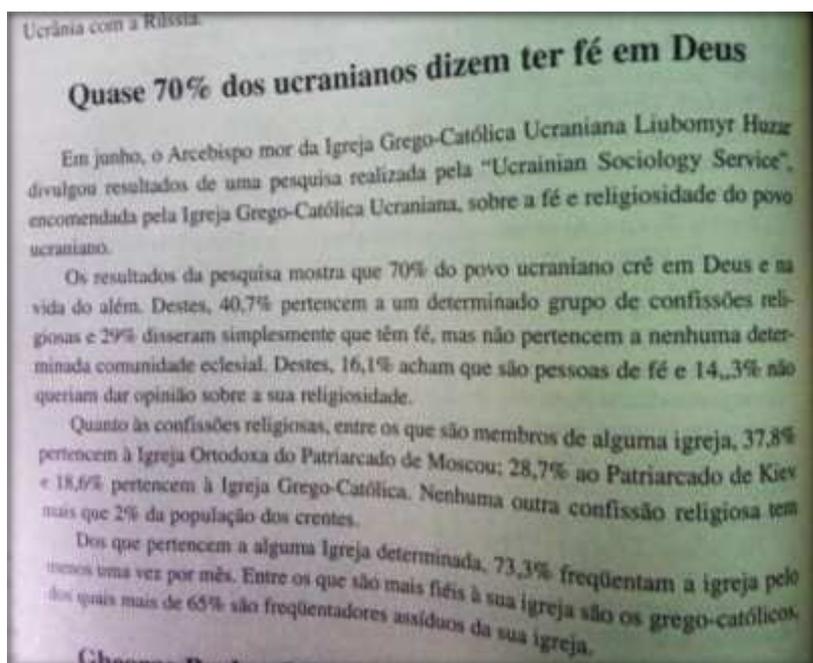
representativa. A proposta de difundir a religião entre os imigrantes ucranianos, principalmente no início do século XX, não se limitava apenas ao espaço das igrejas.

De fato, a preocupação dos primeiros missionários era manter a relevância do rito oriental entre a população rutena no Brasil, e isso porque para eles a esfera religiosa não estava confinada à igreja e aos ritos; eles estavam comprometidos com um olhar mais abrangente da religiosidade, que incluía a regulação das condutas cotidianas de acordo com as regras morais religiosas (GUÉRIOS, 2007, p.198).

A educação na época, para os padres era considerado um privilégio, por isso, a denominavam de “iluminação”. Porém, a “iluminação” só teria sentido se fosse ligada a religião. “As escolas eram para eles [os padres] o fórum privilegiado para levar a cabo a sua tarefa missionária entre as novas gerações” (GUÉRIOS, 2007, p. 197).

Segundo o site da Representação Central Ucraniano Brasileira (RCUB), a religião dos ucranianos é a greco-católica (rito oriental), sendo considerada assim instituição se denomina Igreja Greco-Católica Ucraniana.<sup>31</sup> De acordo com a Representação Central, esta igreja foi fundada em 988 d.c, e segue o rito bizantino (rito oriental). Atualmente, no mundo, o número de fiéis pode chegar a 10 milhões, de acordo com os dados da Representação Central, sendo que 246 destas igrejas encontram-se no Brasil.

FIGURA 9 – Fotografia correspondente a matéria sobre o tema ‘fé’ publicada no Jornal *Pracia*, em 2009.



Fonte: Jornal *Pracia* – Edição da primeira quinzena de fevereiro (1 a 15) de 2009.

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://www.rcub.com.br/rcub/cultura/igrejas/>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

A morte, a partir do catolicismo, está vinculada na ideia da ressurreição, baseado na crença de que, assim como Jesus, os merecedores ressuscitarão. Glorificação à espera do dia da glorificação dos justos. Enquanto isso, após morte, a alma se encaminha para o céu ou para o inferno, de acordo com os atos terrenos que precederam o momento mortuário. “A ressurreição seria então como um sinal, uma prova do Poder Divino fortalecendo o indivíduo que não temeria morrer, pois buscaria na ressurreição a vida eterna” (COSTA, 2012, p.6).

Morrer bem é uma arte. Essa arte intensificou-se no final do século XII e início do século XIII, com o aparecimento da doutrina do purgatório, sustentada pela Igreja Católica Romana. Cujo conceito a Igreja desenvolveu para sustentar e demonstrar a misericórdia do Divino, que, por meio do sofrimento, prepararia as almas para um descanso eterno (COSTA, 2012, p.8).

Com estas considerações, parte-se do princípio teórico que os ucranianos católicos possuem, como norte, esta base ‘oficial-religiosa’ sobre o entendimento da morte. Corso e Martenovetko (2011) buscaram compreender, em sua pesquisa, de que forma se estabelecem as relações entre a comunidade ucraniana de Prudentópolis, a religião e do sobrenatural a partir de rituais fúnebres.

Para tal, os autores utilizaram-se da pesquisa documental e da metodologia da história oral, onde puderam conversar com padres do rito ucraniano e do rito católico romano. Além disso, também conversaram com membros da comunidade de Prudentópolis. Sobre a concepção de ‘ritual fúnebre’ entende-se que:

O ritual fúnebre diante da morte, também pode ser visto e compreendido como uma última homenagem ao falecido, sendo que só depois de morrer é que o homem tem seu valor reconhecido, suas atitudes perante a morte são reveladas. Podemos conferir nas palavras de Certeau: “Quando não sou mais nada, só então me torno verdadeiramente um homem. Segundo essa afirmação o valor do homem é reconhecido e revelado em seus rituais fúnebres (CORSO; MARTENOVETKO, 2011, p.34).

Ao fim do estudo, constataram algumas práticas que são exclusivas e características do rito ucraniano. Os autores apontam, também, que alguns costumes culturais foram modificados e adaptados ao passar do tempo. Porém, as práticas religiosas permanecem, em sua grande maioria, tradicionais ao rito ucraniano, como calendário litúrgico próprio, manutenção de igrejas e atividades ligadas ao processo fúnebre (CORSO; MARTENOVETKO, 2011).

Descreveremos estes rituais adiante, baseado nos estudos de Corso e Martenovetko (2011), pois julgamos que conhecer sobre as práticas fúnebres desta comunidade é de extrema importância para identificar as representações sociais da morte a partir dos obituários do *Pracia*, proposta desta presente pesquisa.

O catolicismo adota um novo tipo de prática fúnebre no final do século XVIII, amplamente difundida no século XIX: enterrar os mortos no cemitério. Dessa forma, surge o dia dos mortos, popularmente conhecido como “Dia de Finados”. Porém, para os ucranianos, esta data comemorativa acontece em outro momento, devido ao calendário litúrgico próprio, celebrada uma semana após o domingo de Páscoa (CORSO; MARTENOVETKO, 2011).

Os autores apontam que a religião é responsável por sistematizar grande parte das práticas culturais. “O indivíduo inserido e idealizado num grupo, ele se reconhece entre seus iguais, e as determinações socioculturais orientam-no a seu universo do pensável e do imaginável dentro do qual essas representações se efetuam” (CORSO; MARTENOVETKO, 2011, p.36).

Baseados nos apontamentos de Herman, Corso e Martenovetko (2011) relatam que as representações são elaboradas a partir do campo social, a partir de concepções coletivas, como é o caso da religião.<sup>32</sup> Sendo assim, “A religião só é reconhecida como sendo importante a partir do reconhecimento do coletivo, pois como o autor nos afirma, não há religião individual ou particular, mas há o que chamamos de representação do coletivo da própria sociedade” (CORSO; MARTENOVETKO, 2011, p.36).

É visível, na cidade de Prudentópolis, importantes referências religiosas: igrejas, capelas, escolas, museus e clubes. “[...] a forte presença da igreja Católica de Rito Ucraniano mostra que houve uma instituição que tinha como objeto a manutenção desta cultura. Neste sentido a cultura ucraniana foi sendo construída e gestada por intermédio da Igreja” (CORSO; MARTENOVETKO, 2011, p.40).

Nos velórios do rito ucraniano, algumas características marcam a singularidades destas práticas, como o entoar de cantos (em ucraniano) para o falecido, com a finalidade de livrá-lo do pecado; a comunidade tem o hábito de “guardar” o corpo do falecido durante a madrugada. Neste período, entoam cânticos e rezam.

“É cultura dos descendentes de ucranianos colocar junto ao falecido um terço, sua aliança, se a pessoa for casada, lembrança da primeira comunhão, a medalha do

---

<sup>32</sup> Jacqueline Hermann. “História das Religiões e Religiosidades” In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*, (Rio de Janeiro: Campus, 1997).

apostado de oração e outros pertences religiosos da pessoa” (CORSO; MARTENOVETKO, 2011, p.47). Também apontam que, em alguns casos, colocam objetos referentes ao trabalho da pessoa falecida, tais como foices, no caso de pessoas residentes nas colônias.

Neste processo ‘pós-morte’, algumas atividades simbólicas ainda são executadas, como acender velas, realizar orações e pagar missas para a salvação da alma. “Os descendentes ucranianos na perspectiva de que são influenciados pelo discurso da igreja e por meio de suas próprias representações acreditam que ‘pelo fato delas estarem nos céus, podem ver tudo, inclusive cuidar de nós’. Essa é a provável razão de confiarem sua proteção às almas” (CORSO; MARTENOVETKO, 2011, p.49).

Algumas práticas não são mais tão utilizadas, como por exemplo, o ritual em que o padre responsável por celebrar o velório batia três vezes no caixão durante a ida ao cemitério. Esta prática simbolizava o descanso eterno, e, também um ritual de despedida, onde a pessoa falecida não voltaria mais. De acordo com Corso e Martenovetko (2011), esse ritual não é mais realizado, pois, hoje em dia, quem manuseia o caixão durante o enterro não é a comunidade, mas o serviço funerário.

No capítulo seguinte, apresenta-se a metodologia que norteou esta pesquisa, compatível com todos os passos e conceitos até então apresentados. Os dados coletados em campo, aliados ao referencial teórico apresentado, embasam a análise sobre as RS sobre a morte, temática que esta pesquisa se propôs a estudar.

## CAPÍTULO 5 METODOLOGIA DE PESQUISA

Perpassado a teoria das RS que, segundo Sá (1998) tem como função simplificar, organizar e tornar os fenômenos inteligíveis, passamos a fase de ‘construir o objeto de pesquisa’. É preciso delimitar o objeto, suas dimensões e aspectos cabíveis aos objetivos dessa pesquisa, “[...] precisamos antes transformá-los em objetos manejáveis pela prática da pesquisa científica” (Sá, 1998, p.22). Para isso, é preciso um aporte metodológico que de conta deste fenômeno em questão.

Seguindo os passos de Sá (1998), a pesquisa levou em consideração as seguintes etapas: 1) Definir o objeto de representação; 2) Decidir os sujeitos de pesquisa para investigar o conteúdo e a estrutura da representação; 3) Decidir a quantidade do conteúdo sociocultural (instituições, redes de interação, comunicação de massa etc.), para servir como aporte para esclarecer a formação e a manutenção da representação estudada nesta pesquisa.

É importante esclarecer alguns pontos sobre o tratamento do objeto, por parte da pesquisadora, antes de prosseguirmos com o desenvolvimento metodológico. O motivo é, justamente, compreender melhor este processo de pesquisa, assim como os dilemas e soluções encontradas para que este estudo pudesse ser realizado.

Por ser descendente de ucranianos, a pesquisadora detinha conhecimento prévio do assunto, a partir de suas experiências empíricas. Porém, a comunidade ucraniana que faz parte, no município de Reserva (PR) é pequena, e não realiza todas as tradições da etnia, inclusive, aquelas que são diretamente ligadas a religião.

A partir das experiências vividas pela pesquisadora, é interessante pontuar algumas percepções: Na comunidade ucraniana de Reserva (PR) são poucas pessoas fluentes no idioma ucraniano. Há apenas uma missa semanal, que acontece no domingo, que é celebrada nesta língua.

Sendo que, a maioria dos frequentadores são pessoas de mais idade, entre 60 a 70 anos, aproximadamente. Dos rituais fúnebres, celebrados nesta comunidade, grande parte é na língua portuguesa, sendo que, na maioria das vezes, apenas a *Panaheda* é celebrada em ucraniano.

Ao realizar uma leitura flutuante (BARDIN, 1976) nos obituários, foi possível observar, de primeiro momento, práticas desconhecidas até então. O próprio ato de elaborar um texto póstumo, relatando momentos vividos em família, benfeitorias realizadas em prol da comunidade, e percepções sobre a vida cotidiana e, também, sobre

o momento da morte, era desconhecido na realidade empírica de onde vem a pesquisadora.

Até mesmo as questões religiosas compartilhadas pelos sujeitos de pesquisa estudados nesta dissertação não coincidem com os mesmos princípios da pesquisadora. Por motivos diversos, comparativamente, as concepções religiosas particulares diferem em muitos aspectos, em relação com aquelas que estão sendo estudadas.

Por diversos momentos, no início da coleta do material, dúvidas surgiram em relação ao trato do objeto: Como me distanciar dos meus pré-conceitos sobre este objeto? De que forma poderei tratar, com maior rigor metodológico, os dados desta pesquisa, sem que a minha subjetividade interfira vigorosamente no processo? Conseguirei selecionar estes dados de forma suficiente?

Certamente, estas dúvidas foram sendo respondidas e superadas ao longo do processo de coleta e sistematização, que virão descritos a seguir. Mas, para que isso fosse possível, foi necessário esboçar claramente os passos metodológicos, aliados aos objetivos dessa pesquisa. A partir da organização e sistematização pautadas nos princípios da pesquisa documental (PIMENTEL, 2001) e da análise de conteúdo (BARDIN, 1976), a pesquisadora conseguiu desenvolver a pesquisa a partir de um rigor metodológico.

A metodologia para seleção e coleta dos dados foi elaborada previamente, anterior a visita de campo realizada pela pesquisadora. De acordo com pesquisas teóricas realizadas nesta dissertação, constatou-se que as Representações Sociais (RS), não possuem especificamente um método que dê conta de investigar, de forma geral, todas as pesquisas que envolvem RS (SÁ, 1998). O autor acredita que o método pode ser decidido a partir da coleta dos dados empíricos e do possível tratamento destes dados.

É perceptível, dessa forma, a dificuldade de elencar-se apenas um método que dê conta de abranger suficientemente os estudos gerais que envolvem a RS. Afirmamos, portanto, que os métodos empregados para os estudos das RS são individualizados de acordo com a especificidade de cada pesquisa.

Para a presente pesquisa, a partir dos pressupostos teóricos e empíricos apresentados até o presente momento sobre o tema, a estratégia metodológica determinada para a coleta e tratamento de materiais foi a partir da pesquisa documental e a da análise de conteúdo.

Também é preciso, neste momento, reconhecer que as fontes (sejam estas orais ou escritas) possuem suas limitações de pesquisa. No caso desta dissertação, as fontes não fornecem todos os dados e impressões sobre a vida dos falecidos, mas um recorte da

vivência elaborado pela memória daqueles que conviveram com estes indivíduos. São estes relatos que nos interessam, neste momento de pesquisa.

## 5.1 PESQUISA DOCUMENTAL

A pesquisa documental é realizada a partir de materiais que não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reestudadas a partir de uma nova abordagem científico-metodológica (GIL, 2008). Estes documentos podem ser jornais, revistas, panfletos, cartas, fotos, relatórios, documentos oficiais, vídeos, etc. (FONSECA, 2002).

De acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), em fontes documentais encontra-se vasta riqueza de detalhes e informações que possibilitam o entendimento de atividades, práticas e objetos a partir de um resgate no tempo. “Além disso, muito frequentemente, ele permanece como único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente” (CELLARD, 2008, p. 295 *apud* SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p.2).

A análise documental é um “processo de garimpagem” (PIMENTEL, 2001). É construído, portanto, a partir de etapas, de seleções e de organização. A pesquisa divide-se em um roteiro metodológico elaborado em três etapas distintas: seleção de material documental; organização do material; análise de material.

A coleta dos obituários aconteceu nos dias 25/08/2015 e 26/08/2015, nas dependências da Gráfica Prudentópolis, em Prudentópolis – PR.<sup>33</sup> A necessidade de antecipar a ida a campo (que estava prevista para os três últimos meses de 2015) deu-se a partir da atividade avaliativa dos projetos de mestrado, em julho de 2015, durante a disciplina de Metodologia da Pesquisa e Seminário de Dissertação.

A banca avaliadora apontou a necessidade de coletar os textos para conseguir visualizar quais seriam os possíveis caminhos o material iria oferecer, pois o objetivo de pesquisa ainda estava muito amplo. Dessa forma, terminada a estruturação da metodologia para a coleta e organização do material, a pesquisadora ‘desceu ao campo’.

Os jornais selecionados para a pesquisa, que compreendem os anos de 2001 a 2014, encontram-se disponíveis em um acervo particular na Gráfica. A visita para obter acesso ao material foi previamente agendada, com uma semana de antecedência. A pesquisadora utilizou-se dos seguintes materiais para a coleta das informações: câmera fotográfica, caderno para anotações e computador.

---

<sup>33</sup> Durante a pesquisa monográfica de caráter exploratório que antecedeu esta dissertação, os obituários não haviam sido coletados, devido aos objetivos de pesquisa que não contemplavam a catalogação destes textos.

O material foi fotografado e registrado em quadros. Como apontado em estudo prévio, já citado anteriormente, o jornal não possui um padrão gráfico, portanto, não há um lugar na página definido para a publicação do obituário. O estudo anterior mostrou, também, que, na maioria das edições analisadas, o referido texto é publicado nas páginas 7 e 8 do jornal (últimas páginas).

Contudo, foi preciso observar todas as edições que compreendem os anos analisados, para averiguar a possível presença de obituários nas outras páginas do jornal. Contatou-se, que, ocasionalmente, haviam obituários publicados em outras páginas do jornal. O fato repetiu-se poucas vezes. Cerca de 10 edições. Observou-se, também, que nos meses de janeiro, consta apenas uma edição do jornal, devido ao período de férias dos funcionários.

A partir disso, foi elaborado um esquema base para sistematizar os dados dos 245 obituários coletados e as informações presentes nos textos, a partir de uma leitura prévia, como podemos observar no esquema a seguir:

FIGURA 10 – Esquema utilizado para sistematizar os dados qualitativos presentes nos obituários.

NOME:	
DATA DE NASCIMENTO	
DATA DE FALECIMENTO	
CIDADE/LOCALIDADE	
TRABALHO/OCUPAÇÃO	
RELIGIÃO E MORTE	
RELIGIÃO E FAMÍLIA	
RELIGIÃO E COMUNIDADE	

Fonte: A autora.

Os itens presentes no esquema base, com a função de auxiliar na apreensão das representações sobre morte, emergiram a partir da consulta dos textos. Ou seja, constatou-se que, na maioria dos textos, os temas ‘morte’ ‘família e ‘comunidade’, possuem frequência na composição textual dos obituários. Como visto, a religião perpassa todas as temáticas citadas anteriormente. Por isso, justifica-se o emprego do fator ‘religião’ empregado em todas as categorias temáticas.

Esta tabela possibilitou que a pesquisadora pudesse ter uma melhor visão sobre a frequência destas temáticas nos obituários, organizadas, aqui, como possíveis

subcategorias de análise. Devido às limitações da leitura flutuante, realizada de forma prévia, não era possível estimar, quantitativamente, os obituários que poderiam ser analisados, pois não se sabia, ao certo, se todos os textos perpassariam por estes temas.

O mesmo modelo de tabela foi utilizado para sistematizar os dados dos obituários femininos e masculinos. Acredita-se que, dessa forma, a pesquisa possa gerar dados comparativos em relação aos obituários, para fins de contexto. Outra consideração a ser esclarecida é que optamos por dividir os obituários referentes aos homens padres e as mulheres religiosas, pois, ao longo da coleta, pudemos perceber que o modelo textual o qual são compostos são distintos dos demais obituários. Nestes obituários, retrata-se, quase em sua totalidade, a carreira religiosa.

Em suma, a partir das informações organizadas de acordo com cada obituário, subdividido pelas categorias de análise e demais dados, elaboramos uma apresentação descritiva, que veremos adiante. Esta foi a forma que a pesquisadora encontrou para visualizar com maior precisão que informações cada categoria teria a oferecer para a presente pesquisa.

## 5.2 SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

### 5.2.1 Caracterização da amostragem: considerações sobre trabalho, idade e localização geográfica dos sujeitos presentes nos obituários

Como exposto no início deste trabalho, para compreender as representações sociais sobre a morte, julgamos pertinente, também, esboçar características básicas para conhecermos quem são estes sujeitos retratados no obituário. “Quem são?”, “Onde habitavam?”, “No que trabalhavam?” são alguns dos questionamentos que surgiram no início da pesquisa.

Ao decorrer da organização dos textos, e a partir da leitura flutuante realizada pela pesquisadora, pudemos perceber que estas informações estavam dispostas ao longo dos textos. Entretanto, não havia certeza de como organizá-las e utilizá-las para acrescentá-las, de forma pertinente, a esta pesquisa.

Resolvemos, então, usá-las para auxiliar no processo de caracterização da amostra, a partir da organização elaborada com base nas tabelas apresentadas anteriormente. Assim, foi possível pontuar informações relacionadas a vida destas pessoas, tais como: idade (ano de nascimento/ano de falecimento), localidade em que

nasceu, cresceu e morreu (pode ser uma cidade ou um país, localidades no interior de cidades como colônias, vilas, etc.) e profissão.

É importante dizer que, de acordo com a coleta realizada, foi possível detectar que nem todos os obituários apresentam estas informações. A data de nascimento ou falecimento, item básico, está presente em quase todos (213 de 245 textos), assim como a informação sobre a localidade a qual pertencia o (a) falecido (a) (223 de 245 textos). Já a profissão é a informação menos presente nos obituários coletados (98 de 245 textos).

Neste momento é oportuno dizer que este objeto de pesquisa possui limitações. Como vimos, a partir dos dados, não é possível apresentar todas estas três informações relacionadas ao perfil básico dos sujeitos, considerando todos os 245 textos. Porém, a partir das informações existentes, acreditamos ser possível utilizá-las para o fim desta pesquisa: compreender os aspectos básicos de vida dos sujeitos que protagonizam os textos fúnebres.

Também acredita-se que, a partir destas informações básicas sistematizadas, é possível que outros pesquisadores se apropriem destes dados para complementar ou iniciar suas pesquisas. Por isso, a relevância de apresentar estes dados.

A pesquisadora está ciente que, ao apresentar estes dados, não está revelando o perfil geral da comunidade imigrante ucraniana do Paraná, quiçá do Brasil, de forma generalizante. Mas, que está mapeando as principais características que compõe a comunidade presente neste recorte de pesquisa: as pessoas retratadas no jornal *Pracia*.

Adiante, veremos estes dados sistematizados, em quadros, de forma quantitativa, e as primeiras impressões sobre a coleta e organização dos mesmos.

### 5.2.2 Dados sobre a faixa etária

Durante a coleta a leitura prévia do material, foi possível verificar que a idade dos(as) falecidos(as) não estava exposta diretamente, em grande maioria dos textos. Estão presentes, nos obituários, portanto, as informações sobre a data de falecimento e de nascimento, não necessariamente nesta ordem.

Consideramos, nesta pesquisa, que a idade dos sujeitos é uma informação básica para a caracterização da amostra. Por isso, após a coleta e sistematização nas grandes tabelas, procuramos pontuar a idade de cada indivíduo, presente nos obituários analisados. Para tal finalidade, realizamos o procedimento a partir da seguinte equação

matemática:  $A_f - A_n = x$ , ou seja, subtraímos o ano de falecimento em relação ao ano de nascimento.

Para visualizar melhor o resultado, os períodos etários correspondentes às idades foram divididos da seguinte maneira: de 10 a 19 anos; 20 a 29 anos; 30 a 39 anos; 40 a 49 anos; 50 a 59 anos; 60 a 69 anos; 70 a 79 anos; 80 a 89 anos; 90 a 99 anos e acima ou igual a 100 anos. Desta forma é possível visualizar, quantitativamente, uma média de idade das pessoas falecidas, em maior ou menor proporção. Vejamos os detalhes no esquema abaixo:

QUADRO 5– Quantidade de pessoas falecidas do sexo feminino de acordo com a faixa etária

10 a 19	20 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	60 a 69	70 a 79	80 a 89	90 a 99	100 e acima	Total
2	0	3	0	6	7	25	39	11	1	94

Fonte: a autora.

Como pode ser visualizado no quadro acima, o maior número de mulheres falecidas pertence a faixa etária correspondente a idade de 80 a 89 anos, contabilizando 39 mulheres que faleceram na casa dos oitenta anos. Em seguida aparece a faixa correspondente aos 70 anos, onde foi contabilizado 25 falecimentos. A faixa dos 90 a 99 anos fica em terceiro lugar no índice de falecimento, com 11 casos.

Os demais, em ordem decrescente correspondem as seguintes faixas etárias: 60 a 69 anos (sete falecimentos), 50 a 59 anos (seis falecimentos), 30 a 39 anos (três falecimentos), 10 a 19 anos (dois falecimentos) e igual ou superior a 100 anos (um falecimento). Nenhum falecimento foi detectado, nos obituários analisados, que correspondam as idades entre 20 a 29 e 40 a 49 anos.

Cabe dizer que, dos 113 obituários correspondentes ao sexo feminino, 19 textos não informam ano de nascimento e/ou falecimento, o que impossibilitou a verificação etária dos sujeitos. Partindo deste mesmo princípio de organização dos dados, vejamos a seguir os resultados que correspondem aos obituários do sexo masculino.

QUADRO 6 – Quantidade de pessoas falecidas do sexo masculino de acordo com a faixa etária

10 a 19	20 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	60 a 69	70 a 79	80 a 89	90 a 99	100 e acima	Total
0	1	5	5	15	17	36	31	8	1	119

Fonte: a autora.

Como pode ser visualizado no quadro acima, diferente do resultado correspondente aos obituários femininos, o maior número de homens falecidos pertence a faixa etária correspondente a idade de 70 a 79 anos, contabilizando 36 pessoas. Em seguida aparece a casa correspondente à faixa dos 80 anos, onde foi contabilizado 31 falecimentos. A faixa dos 60 a 69 anos fica em terceiro lugar no índice de falecimento, com 17 casos.

Os demais, em ordem decrescente correspondem as seguintes faixas etárias: 50 a 59 anos (15 falecimentos), 90 a 99 anos (oito falecimentos), 40 a 49 e 30 a 39 anos (cinco falecimentos cada), 20 a 29 anos e 100 e acima (um falecimento cada). Nenhum falecimento foi detectado, nos obituários analisados, que corresponda a idade entre 10 a 19 anos. Cabe dizer que, dos 132 obituários correspondentes ao sexo masculino, 13 textos não informam ano de nascimento e/ou falecimento, o que impossibilitou a verificação etária dos sujeitos.

A *causa mortis* não consta em todos os obituários analisados. Esta pesquisa não quantificou, precisamente, quantos textos possuem esta informação. Porém, a partir da leitura feita nos materiais podemos tecer algumas considerações a respeito.

Em relação as mulheres que faleceram mais jovens (de idade entre 10 a 19 anos), uma delas foi vítima de uma queda durante a prática de futsal e a outra, foi vítima de estupro seguido de assassinato. Já nas demais idades, a maioria apresenta a incidência de doenças diversas, como insuficiência renal, problemas cardíacos e, principalmente, alguns tipos de câncer. Outros obituários também registraram acidentes automobilísticos.

No que se refere aos homens, o mais jovem (idade entre 20 a 29) a causa da morte é assassinato. Entre a casa dos 30 a 59 são registrados casos de acidentes de trabalho e doenças. As idades mais avançadas registram vários tipos de doenças, assim como nos obituários de mulheres.

Feito esta primeira explanação referente a idade dos sujeitos, para complementar a caracterização da amostra, vejamos adiante dados referentes a localidades (países, cidades, colônias, etc.) em que os (as) falecidos (as) residiram até o momento da morte.

### 5.2.3 Dados sobre a localidade

Como consta no Capítulo 1, a distribuição dos imigrantes ucranianos aconteceu em diferentes lugares do mundo, e grande quantidade de imigrantes deslocaram-se ao sul

do Brasil. Partindo deste princípio teórico, procuramos detectar, a partir no objeto empírico desta pesquisa, quais cidades ocuparam os descendentes destes imigrantes.

Para tal finalidade, a partir da leitura flutuante dos obituários, dividimos as localizações em três períodos diferentes: cidade ou localidade de nascimento; cidade ou localidade de passagem e cidade ou localidade de falecimento. A primeira destas localizações faz referência ao lugar onde a pessoa falecida nasceu, variando entre ambiente urbano (cidade) ou ambiente rural (localidade). Vale dizer que, a partir dos dados coletados, no obituário do *Pracia*, as localidades rurais (ou distritos, como denominado em alguns obituários) podem se designar da seguinte forma: colônias, linhas, localidades, ou nome específico do lugarejo + cidade a qual o distrito pertence.

A segunda localização faz referência as localidades de passagem. Nestes casos, são cidades ou localidades rurais citadas nos obituários, alusivos a lugares onde os indivíduos se mudaram, mas não estabeleceram residência fixa até o fim da vida. Como veremos adiante, a maioria desses casos, nos obituários, se dá nos obituários masculinos, devido a mudança de cidade por motivos laborais. Por fim, a terceira localização a qual esta pesquisa faz referência são as localizações de falecimento. Neste caso, são cidades ou localidades as quais os (as) falecidos (as) faleceram.

De todos os 132 obituários coletados nesta pesquisa, que corresponde ao falecimento de homens, oito não fazem menção a localidades (cidades, vilas, colônias, países e afins).<sup>34</sup> Somando todos os locais (relacionados ao nascimento, cidades de passagem e falecimento), coletados em 124 obituários, foram detectados 133 lugares (entre cidades, localidades do interior e países).

Deste total de lugares, 99 pertencem ao estado do Paraná, onde 35 são cidades e 64 são localidades do interior. Em seguida está presente o estado de Santa Catarina, onde foram registradas 11 cidades e nove localidades. O estado de São Paulo aparece uma vez, fazendo menção a cidade de São Paulo, capital.

Há também menção há 12 países. São eles: África, Rússia, Turquia, Polônia, Ucrânia, Uruguai, Peru, Polônia, Itália, Espanha, Chile e Buenos Aires. A maioria destes países fazem parte das cidades de passagem, as quais estes sujeitos não nasceram nem faleceram, mas viveram por determinado tempo na vida. Ao todo, foram encontrados 34 lugares de passagem, entre cidades e países. Uma ressalva importante a se fazer é, no caso dos homens, esta mobilidade entre países acontece por questões de trabalho.

---

<sup>34</sup> Coleta de dados sistematizada e disponível em tabela no 'Apêndice A', localizado ao fim da pesquisa.

Em relação às cidades de nascimento, por ordem decrescente, foram registradas com maior índice de natalidade: Prudentópolis (PR), com 11 nascimentos, entre os quais quatro pessoas nasceram e viveram toda sua vida nesta localidade. Em segundo lugar a localidade rural de Ivaí, totalizando sete pessoas, das quais quatro nasceram e faleceram neste local. Em seguida, as localidades de Tijuco Preto – Prudentópolis (PR) com seis nascimentos, dos quais quatro homens viveram toda sua vida neste local.

Posteriormente, a localidade de Dorizon – Mallet (PR), registrou o nascimento de quatro homens, sendo que dois deles nasceram e faleceram no local, de acordo com seus respectivos obituários. A localidade de Vera Guarani – Paulo Frontin (PR) também registrou quatro nascimentos, sendo que um deles passou toda a sua vida nesta localidade.

Mallet (PR), Linha Eduardo Chaves – Prudentópolis (PR), Craveiro – Itaiópolis (SC) e Colônia Bananal – Prudentópolis (PR) foram os lugares que registraram três nascimentos cada. As outras cidades apresentaram, nos obituários analisados, apenas um ou dois nascimentos, como pode ser visto no quadro acima.

Outro dado relevante é o total de nascimentos, registrando 129 natalidades. Deste total, 43 pessoas nasceram em cidades, 86 em localidades do interior e um nasceu na Ucrânia, sem local especificado. Destas 130 pessoas, 55 nasceram e faleceram no mesmo local, de acordo com a descrição dos obituários. Mais precisamente, deste total de 55 homens, 35 nasceram em localidades e 15 em cidades.

Em relação a quantidade de falecimentos, os obituários masculinos apontaram 72 registros, fora dos lugares de nascimento. Deste total, 52 pertencem a falecimentos em cidades e 15 em demais localidades rurais. Um destes falecimentos aconteceu fora do Brasil, mas não é especificado onde (país, cidade, etc.). As cidades em que se concentraram o maior número de homens falecidos, em ordem decrescente são: Curitiba (10), Prudentópolis (5), Ponta Grossa (6), Roncador (4). Guarapuava (3). As demais localidades registraram um ou dois falecimentos.

De todos os 113 obituários coletados nesta pesquisa, referente ao falecimento de mulheres, 13 não fazem menção a localidades (cidades, vilas, colônias, países e afins). Somando todos os locais (relacionados ao nascimento, cidades de passagem e falecimento), coletadas em 99 obituários, foram detectados 104 lugares (entre cidades, localidades do interior e países).<sup>35</sup> Deste total, sete foram citadas como cidades de

---

<sup>35</sup> Coleta de dados sistematizada e disponível em tabela no 'Apêndice B', localizado ao fim da pesquisa.

passagem, as quais não nasceram nem faleceram, mas viveram por determinado tempo na vida.

Destes 104 lugares, 84 pertencem ao estado do Paraná, sendo 30 cidades e 54 localidades rurais. O estado de Santa Catarina, assim como no obituário masculino, vem em seguida neste ‘ranking’ comparativo, com nove cidades e cinco localidades, o que totaliza 12 menções. Já a cidade de Santos é a representante do estado de São Paulo, com uma menção. Além disso, há mais dois países citados: Alemanha (uma menção) e Ucrânia (três menções).

Em relação às cidades de nascimento, por ordem decrescente, as que foram registradas com maior índice de natalidade foram: Prudentópolis (PR), com 11 nascimentos, entre os quais uma pessoa nasceu e viveu toda sua vida nesta localidade. Em segundo lugar a localidade rural de Itaparã – Irati (PR), totalizando cinco pessoas, das quais três nasceram e faleceram neste local. Em seguida, as localidades Colônia Marcelino – São José dos Pinhais (PR) e Mallet, com três nascimentos, dos quais uma mulher viveu toda sua vida neste local. As outras cidades apresentaram apenas um ou dois nascimentos.

Outro dado relevante é o total de nascimentos, registrando 99 natalidades. Deste total, 33 pessoas nasceram em cidades, 63 em localidades do interior e três nasceram fora do Brasil. Mais especificamente, na Ucrânia: Uma na cidade de Zolotiv e as outras duas não especificaram o local. Destas 99 mulheres, 43 nasceram e faleceram no mesmo local, de acordo com a descrição dos obituários. Mais precisamente, deste total de 43 mulheres, 35 nasceram em localidades e 8 em cidades.

Em relação a quantidade de falecimentos, os obituários femininos apontaram 56 registros, fora dos lugares de nascimento. Deste total, 48 pertencem a falecimentos em cidades e oito em demais localidades rurais. Um destes falecimentos aconteceu fora do Brasil, na cidade de *Neubrandenburg*, na Alemanha. As cidades em que se concentraram o maior número de mulheres falecidas, em ordem decrescente são: Curitiba (12), Guarapuava (4), Prudentópolis e Roncador (3). As demais localidades registraram um ou dois falecimentos cada, como indicado no quadro acima.

Feito este levantamento quantitativo, passaremos a terceira fase da caracterização: as informações referentes a profissão dos sujeitos protagonistas dos obituários.

#### 5.2.4 Dados sobre a profissão/ocupação

Levando em consideração os apontamentos teóricos realizados anteriormente, o trabalho é uma atividade considerada de extrema importância para os descendentes de ucranianos, não só pelo aspecto material, mas, também, simbólico. O fato de trabalhar atribui um sentido de honra a quem o desempenha, seja no ambiente doméstico ou formal.

Em relação ao aspecto laboral, para auxiliar no entendimento dos sujeitos retratados no obituário, sistematizamos, em quadros, as profissões dos homens e mulheres presentes nestes textos. Para isso, vejamos o esquema a seguir.

QUADRO 7 - Profissões encontradas nos obituários masculinos.

Profissão	Quantidade presente nos obituários
Açougueiro	1
Agricultor/ Agricultura/Lavoura/Roça	7/ 4/6/1
Alfaiate	2
Apicultor	2
Artesão	1
Bombeiro	1
Carpinteiro	5
Comerciante Cerealista	1
Delegado/Subdelegado	1/1
Empreiteiro/Pedreiro/Auxiliar de Pedreiro	1/ 2/ 1
Empregado	1
Estofador de Móveis	1
Estudante de Direito	1
Ferreiro	2
Fotografo	1
Fumicultor	1
Funcionário de Banco	1
Funcionário Público	2
Funcionário da Rede Viação Paraná	1
Hotelaria	1
Inspetor Policial	1
Jardineiro	1
Maitre/Garçom	1/1
Marceneiro	1
Mecânico	2
Militar/ Prestou serviço Militar/ Serviu o exército	1 / 3/ 3
Moleiro	1
Motorista particular	1
Operário	1
Padre	3
Pintor	1
Professor	5
Policial Militar	3
Político (Prefeito/ Vereador)	6 (2/ 4)
Sapateiro	2
Trabalhava com remédios caseiros	1
Trabalhou com serralha	1
Trabalhou no comércio	1
Técnico em Eletrônica	1
Torneiro Mecânico	1
Vendedor de Carros	1

Fonte: a autora.

Dos 132 obituários masculinos coletados, 64 deles mencionam a profissão do falecido. Contando os obituários dos padres (três obituários), somam-se 67 textos. A maioria restante, 68 textos, não pontuam nada no setor profissional do falecido. Vale dizer, também, que há obituários onde são citadas mais de uma profissão, demonstrando uma aparente transição profissional. Algumas dessas modificações, aparentemente, se dão pela mudança de cidades ou pela transição campo/cidade.

Como visto a partir desta amostragem quantitativa, a profissão/ocupação com maior frequência detectada nos obituários desta pesquisa é relacionada à prática da agricultura no campo, somando 18 menções. Nos textos foram localizadas palavras que remetem a esta atividade, tais como: agricultura, lavoura, roça, agricultor. Acompanhando estas palavras, na sentença, encontra-se verbos como ‘trabalhava/trabalhavam’, ‘ajudava’, ‘ocupava-se’. Em alguns casos, foi percebido a participação familiar nesta prática laboral.

A segunda profissão mais recorrente nos textos analisados são atividades ligadas ao militarismo (total de 10 menções), como servir o exército (sete menções) e Polícia Militar (três menções). Vale dizer que, apesar de não ser necessariamente uma profissão, no texto foram encontradas cinco referências a combatentes da Segunda Guerra Mundial.

Em seguida, temos as práticas políticas, totalizando seis menções, das quais duas representam o cargo de prefeito e quatro referentes ao cargo de vereador. Nenhum outro cargo político foi detectado nesses obituários, tais como governadores, senadores, etc. Apenas, ocupações políticas locais.

A profissão de carpinteiro, com cinco menções nos textos, é a quarta colocada da lista, seguida da profissão professor (também cinco menções). Neste último, vale dizer que um destes professores também era padre, e lecionava no seminário. As ocupações ligadas a construção civil somam quatro menções em todos os obituários masculinos analisados, sendo divididas nas seguintes profissões: Empreiteiro (uma menção), pedreiro (duas menções) e auxiliar de pedreiro (uma menção).

Também consideramos, neste trabalho, o sacerdócio, ou o fato de ‘ser padre’, como uma profissão. E, segundo esta lógica, encontramos três obituários que mencionam essa prática. Um deles, como já foi dito anteriormente, além de atuar como padre, também exercia o magistério no seminário. Adiante, sete profissões foram mencionadas em dois obituários cada. São elas: Alfaiate, apicultor, ferreiro, funcionário público, mecânico e sapateiro. As 33 demais profissões restantes foram mencionadas uma vez cada.

QUADRO 8 – Profissões encontradas nos obituários femininos

Profissão	Quantidade presente nos obituários
Agricultora/Agricultura/Lavoura/Roça	1/ 2/ 4/ 2
Apicultura	2
Costureira Alfaiate	1
Cozinheira	3
Dona de Casa	1
Enfermeira	2
Estudante	2
Freira (Irmã Consagrada/ Catequista Consagrada)	5 /2
Graduada em Ciências Econômicas	1
Padeira	1
Parteira	2
Professora/ Alfabetizadora/ Educadora Escolar	10/ 1/ 1
Técnica de contabilidade/ Contadora	1/1
Trabalhava no comércio/ Comerciante	1 /3
Trabalhou como doméstica/ Trabalho doméstico	1/ 2
Vereadora	1

Fonte: a autora.

Dos 113 obituários correspondente as mulheres falecidas, 34 fazem menção a práticas laborais específicas, dos quais sete são obituários de mulheres consagradas e 27 das demais mulheres retratadas. A maioria restante (78 textos) não apresenta nenhuma profissão.

Porém, ao longo dos textos há relatos gerais e dispersos sobre a presença da atividade laboral na vida das mulheres, a partir das palavras como ‘trabalhava/ trabalhando/ trabalhadora’, encontradas a partir da coleta. Não se sabe que tipo de trabalho era desempenhado, mas, apenas que ele existia. Uma possibilidade é que seja referido ao trabalho doméstico.

Ao contrário dos obituários masculinos, na maioria dos textos relacionados as mulheres, a prática mais citada nos textos é ligada a educação escolar, sendo 12 menções, que aparecem nos textos da seguinte forma: Professora (10 menções), Alfabetizadora (uma menção) e Educadora Escolar (uma menção).

Em seguida, foram as atividades agrícolas (nove menções). Em terceiro lugar, a vida religiosa (“Freira/ Irmã Consagrada” e “Catequista”) foram mencionadas sete vezes ao todo, com 5 menções relacionadas às Irmãs e duas menções relacionadas às catequistas, respectivamente. Porém, vale ressaltar que, diferente da maioria dos obituários correspondente a vida religiosa masculina (padres), as ocupações femininas possuem duplas e até triplas jornadas. Estas religiosas exercem outras atividades laborais como: professoras (duas menções), cozinheira (duas menções), educadora escolar (uma menção), enfermeira (duas menções) e trabalho doméstico (uma menção). Das cinco freiras citadas no texto, apenas uma não apresentou mais de uma ocupação.

O trabalho no comércio foi a quarta ocupação mais citada (quatro menções). O trabalho doméstico e a profissão de cozinheira aparecem em seguida, com três menções nos obituários. Com duas menções cada foram encontradas as ocupações: Apicultura, enfermeira (exercida pelas religiosas), estudante e parteira. As demais foram citadas uma vez cada.

A partir deste esforço para caracterização da amostra, pudemos reconhecer, minimamente, quem são estas pessoas retratadas nos obituários. Sabemos sua idade média de falecimento, onde nasceram e faleceram, qual a causa da morte, quantos são homens, quantas são mulheres, quantos são jovens e crianças. Relembrando que, o objetivo dessa pesquisa não é traçar um perfil aprofundando destas pessoas, mas utilizar-se dessas informações básicas para compreender o contexto o qual estes sujeitos estão inseridos.

## CAPÍTULO 6 ANÁLISE DOS DADOS: RESULTADOS DE PESQUISA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações sociais e a memória social são dois campos que se complementam no entendimento das representações sobre a morte, nesta pesquisa. A partir da grande teoria proposta por Moscovici (2013), será utilizado os principais conceitos para detectar e analisar as representações presentes no objeto empírico estudado nessa dissertação.

O estudo das representações sobre a morte, trabalha com o entendimento daquilo que já existe no discurso e na apreensão dos sujeitos de pesquisa: o fato de morrer. Visto, com toda a explanação contextual sobre a comunidade em questão e seus aspectos culturais, sobre o obituário em si e a importância social do mesmo, afirmamos que este objeto possui uma relevância cultural e uma espessura social. Princípios básicos para que haja uma RS no objeto (SÁ, 2015).

Na análise proposta a partir destas representações, adiante, é possível perceber de que forma se interpreta o fato de morrer, assim como as posições assumidas por estes descendentes de imigrantes ucranianos diante do texto do obituário.

Parte-se da ideia que a representação se ‘materializa’ nos obituários. Portanto, as representações sobre a morte dão sentido a construção deste tipo de texto, como uma forma de expressar o entendimento cognitivo através da palavra, pelo intermédio da memória.

Como visto anteriormente, as representações possuem um papel específico onde elas circulam. Nesta pesquisa, procura-se verificar se as RS reforçam o entendimento religioso tradicional católico, pois a linha editorial do jornal tende a esta perspectiva específica. Além do mais, de acordo com as informações relacionadas ao aspecto sociocultural, exposto anteriormente, grande parte dos descendentes de ucranianos possuem na bagagem cognitiva, contribuições religiosas que lhes norteiam as relações cotidianas.

Por isso, as representações sobre a morte não emergem apenas de um indivíduo isolado, mas do grupo/comunidade étnica formada por estes indivíduos. Vale aqui uma ressalva em relação ao termo ‘grupo’, utilizado nessa pesquisa.

Quando nos referimos ao grupo, não limitamos apenas as determinantes geográficas, nas quais o jornal *Pracia* é confeccionado (cidade de Prudentópolis). A

noção de grupo, nesta pesquisa, se caracteriza pelas afinidades culturais, simbólicas e étnicas compartilhadas pelos membros que o compõe.

Nesta pesquisa, optou-se por utilizar análise do conteúdo (AC), a partir de Bardin (1976) para realizar a análise do material. Seguindo estes princípios metodológicos, esta pesquisa se utilizará da técnica de inferência de AC (BARDIN, 1976). A inferência corresponde à terceira fase da AC (BARDIN, 1976), após a pré-análise e a seleção do material. Neste ponto, a pesquisa transformará os dados brutos em formas válidas e compreensíveis, portanto, ao tratamento dos resultados.

Para tal, foram usadas fórmulas simples, como a quantificação numérica dos valores quantitativos obtidos, formulação de quadros e tabelas onde são expostas as informações condensadas da pesquisa, e a *posteriori*, realizou-se as interpretações e descobertas a partir dos dados.

Para cada sujeito de pesquisa foi realizado as seguintes etapas: 1) Catalogar essas palavras no texto, de acordo com a AC; 2) Tratamento dessas palavras, chegando a representação condensada, analisando descritivamente o conteúdo; 3) Elaboração de representações explicativas, analisando informações suplementares adequadas ao objetivo a que nos propusemos.

O primeiro passo foi realizar um agrupamento dessas palavras, excluindo ou agrupando palavras semelhantes, que denotam o mesmo sentido. Isso representa a informação de maneira condensada (BARDIN, 1976). Posteriormente, estas palavras foram classificadas em categorias, que representam um atributo simbólico da comunidade étnica estudada em questão.

Esta pesquisa se utiliza de alguns conceitos básicos, a partir de Moscovici (2013) para o entendimento das representações. O primeiro deles se diz respeito em tornar algo não familiar ao familiar. Neste caso específico, tornar a morte (algo desconhecido, não familiar) em algo familiar (do sentimento de proximidade, conhecimento cognitivo, tornando menos confuso o entendimento abstrato).

As representações sociais consideram o aspecto simbólico/cognitivo das relações, onde estas formam o que Moscovici (2013) chama de 'teia'. Lembrando também um ponto muito importante para esta pesquisa: as representações sociais retratam diversos tipos de realidade. Neste caso, a realidade da comunidade ucraniana publicada no jornal.

O referencial teórico que aborda a temática específica do entendimento e representações gerais sobre a morte, apontou que, na generalidade do entendimento

contemporâneo, este é um fenômeno que assusta e gera desconforto pelo ‘mistério’ que envolve a perda dos entes queridos.

As representações, nos obituários do *Pracia*, podem trazer a ideia de aproximação e entendimento cognitivo daquilo que não se conhece. Isso confere aos obituários uma função além do simples registro documental de vidas póstumas. Elabora o que Moscovici (2013) denominou de (re)significações próprias de determinado fenômeno/objeto, podendo gerar diferentes formas de impactos nas relações sociais e entendimentos simbólicos neste grupo étnico.

Para que se consiga investigar as representações sobre a morte, nesta pesquisa, é utilizado os princípios da ancoragem e objetivação de Moscovici (2013), já conceituados anteriormente.

A análise dos resultados também levou em consideração as práticas culturais e religiosas, apresentadas anteriormente, e já pontuadas em pesquisas relacionadas a temática da morte nos costumes ucranianos. Foi verificado, nos obituários coletados, se as práticas ligadas aos rituais fúnebres se fazem presentes nestes obituários, visto que estes abordam questões religiosas da comunidade.

Acredita-se, com base nos apontamentos presentes no referencial teórico desta pesquisa e nos dados coletados, que para apontar a representação da morte nestes textos específicos, é preciso compreender de que forma os aspectos da vida cotidiana são relatados e lembrados no momento fúnebre de despedida.

Também leva-se em consideração a hipótese de que, a bagagem cultural (em especial, relacionada aos aspectos religiosos) atua como espécie de ‘filtro’ para o que se deve pontuar na trajetória exposta no obituário. Como visto, pelo contato com o material empírico, o destaque se dá em relação aos acontecimentos ligados à vida religiosa do (a) falecido (a). Leva-se em consideração, nesta pesquisa, que estes elementos podem influenciar no que será lembrado.

Portanto, para partir para a estratégia metodológica de análise dos dados, julga-se primordial destacar as seguintes considerações: 1) o papel da família na elaboração do obituário, buscando compreender as representações sobre a morte a partir da família do(a) falecido, através dos processos de ancoragem e objetivação citados anteriormente; 2) A interferência dos preceitos religiosos e acontecimentos comunitários na reconstrução dos elementos presentes na memória dos familiares; 3) O obituário do *Pracia* é constituído, aparentemente, a partir de um misto de memórias: grupais (familiares e comunitárias) e

peçoais. 4) Os obituários do *Pracia* são formas de reconstrução da memória, de maneira não linear, de acordo com os interesses atuais, reatualizados no momento presente.

## 6.1 ANÁLISE DOS OBITUÁRIOS MASCULINOS

Há várias categorias de memórias que compõem os obituários. As predominantes, como suposto anteriormente, são as memórias pessoais, que são fatos vivenciados, constituídos, reconstituídos e atualizados a partir das condições de socialização (SÁ, 2015). Também se fazem presentes as memórias grupais, como as comunitárias e de família (SÁ, 2015).

Por isso, as contribuições teóricas sobre o estudo da memória social são de extrema importância para a compressão das representações sobre a morte. A ênfase sobre as interações sociais e o caráter socioconstrutivista da memória, a influência das instituições (família, igreja, etc.)

A síntese das representações obtidas, a partir dos processos de ancoragem e objetivação (MOSCOVICI, 2013), estão expostas ao fim desta análise, finalizando as considerações analíticas desta pesquisa. Para compreender a representação sobre a morte nos obituários do *Pracia*, a análise foi dividida em três fases ou relatos.

A primeira delas é referente as atividades desenvolvidas durante a vida do sujeito, caracterizadas, nesta pesquisa, com memórias familiares (SÁ, 2015). De acordo com a análise do material empírico, chegou-se à conclusão que estas atividades foram desenvolvidas em dois âmbitos diferentes: na família e na comunidade.

Além disso, as atividades terrenas se dividem em três subcategorias, que são elas: atos concretos (ações desenvolvidas em prol da comunidade e família), dificuldades vivenciadas (momentos difíceis enfrentados durante a vida do sujeito) e valores subjetivos (personificação e valores atribuídos ao sujeito em detrimento dos atos concretos e dificuldades existenciais). Vejamos, a seguir, a análise quantitativa e qualitativa referente aos dados extraídos dos obituários.

QUADRO 9 – Ações realizadas na comunidade

<b>PALAVRAS</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Acolheu os padres/ Recebia	1 / 1
Benfeitor da Igreja	2
Construiu Igrejas	7
Doar / Doação / Doações/ Colaborou	1 / 2 / 1 / 1
Participou da Igreja	8
Trabalhos comunidade	10

Fonte: A autora.

Neste primeiro quadro, que condensa as memórias familiares (SÁ, 2015), os trabalhos na comunidade, seguido das participações da igreja são as palavras mais citadas. Em artigo elaborado pela presente pesquisadora, a qual faz um apanhado das atividades desenvolvidas em tempo livre pelos descendentes de imigrantes retratados nestes mesmos obituários, podemos visualizar com mais detalhes quais são estas atividades.<sup>36</sup>

De acordo com a pesquisa, os textos apresentaram que os homens participavam do Apostolado da Oração (79 obituários), de Missas (38 obituários), Novenas (14 obituários), Grupo de Oração (1 obituário), Grupos Folclóricos (2 obituários), Grupos de Jovens (2 obituários) Festas paroquiais (8 obituários). Este número quantitativo é mais expressivo do que os apresentados acima (em relação as participações na igreja e trabalhos comunitários), pois estas palavras são referentes a atividades mais específicas.

É mais comum, nos obituários, aparecer de forma detalhada quais são as atividades específicas em que os sujeitos participaram, do que usar as expressões ‘participou de trabalhos na comunidade’, ‘participou nas atividades da igreja’, como foi demonstrado no primeiro quadro. Por isso, a pesquisa complementou estes dados gerais com informações mais diretas.

Voltando ao quadro inicial, foi possível detectar outras ações realizadas, como o ato de ajudar na construção de igrejas. Esta última, vale-se, na maioria, para os falecidos residentes nas localidades do interior (ou colônias), onde as igrejas eram de madeira, e poucas de alvenaria. Quantitativamente, esta é a terceira prática mais citada entre os obituários analisados.

Em relação a comunidade, vê-se outra prática que também é possível relacionar com a vivência no interior das cidades: a acolhida dos sacerdotes durante as visitas familiares. De forma geral, em relação a benfeitorias, aparecem as doações financeiras. Nos textos, as benfeitorias para igreja e as doações eram realizadas a partir do dinheiro (espécie) até doações de terrenos, para a construção de prédios para igreja (capelas, igrejas, escolas cristãs, etc.)

Adiante, vejamos outros atos realizados pelos falecidos, que foram lembrados pelos familiares nestes textos póstumos:

---

<sup>36</sup> “Jornalismo e cultura: Considerações sobre as diferentes práticas de lazer publicadas a partir dos obituários do jornal ucraniano *Pracia*”, artigo apresentado no GT de Mídia Impressa do 6º Encontro Regional de História da Mídia (ALCAR), 2016.

#### QUADRO 10 – Ações realizadas na família

PALAVRAS	QUANTIDADE
Criou os filhos	1
Educação dos filhos /Educou os filhos/ Ensinou(ar) os filhos	4 / 4 / 2

Fonte: A autora.

No caso dos atos voltados à família, elaborados a partir de memórias pessoais e familiares (SÁ, 2015), os obituários apontam para presença paterna no que se refere à vida dos filhos. Esta participação se dá de duas formas. A primeira, citada uma vez, faz referência a ‘criação’, que pode ser entendida no sentido amplo da vida: cuidar, alimentar, educar e acompanhar o crescimento.

Já no segundo caso, a educação é referente à educação religiosa perpassada pelos pais. Nos textos, as expressões citadas no quadro acima são acompanhadas das palavras, religiosidade, humanidade, caminhos da fé cristã e amor à igreja, por exemplo. Importante destacar que não se refere à educação formal.

Neste ponto, pode se perceber a presença dos fatores culturais e religiosos, que pautam fortemente o tema, tanto nas ações realizadas na família, quanto na comunidade, demonstrado anteriormente. Nas concepções de Sá (2015), os meios externos como influenciadores do conteúdo a ser lembrado.

#### QUADRO 11 - Dificuldades vivenciadas.

PALAVRAS	QUANTIDADE
Batalhou/ batalhando/ batalhadora [pessoa]	1 / 1 / 1
Cruz(es) [aceitou a(s)]	1 / 1
Desafios	1
Dificuldades	14
Doença	17
Dor	1
Mágoa	1
Nunca desistiu [de lutar]	2
Problemas	3
Provações	1
Sacrifícios	2
Sofrimentos/ Vida sofrida	4 / 1

Fonte: A autora.

Como pode ser visualizado acima, a maior dificuldade vivida, citada com maior frequência nos obituários, é a presença da doença. Vale dizer que a doença, em alguns obituários, foi descrita como a *causa mortis*. Em seguida, aparecem as dificuldades, que não são especificadas. Quase sinônimos da dificuldade, aparecem palavras como ‘cruz(es)’ e desafios.

O interessante, nesta análise, é que, em alguns textos, apresenta-se a serenidade e aceitação destas dificuldades, a partir dos relatos onde os familiares apontam que o falecido ‘não reclamava’, ‘não era de reclamar’, ‘nunca reclamou’. O aceite destes desígnios está fortemente ligado a religião. As palavras provações, batalhou e sacrifícios, que aparecem no quadro acima, se fazem a entender que esses males são parte de um propósito divino maior.

Pode-se observar esta aceitação do sofrimento, principalmente, em obituários que relatam a presença da doença durante a vida do falecido, como nos seguintes casos: “Sempre com a esperança de melhorar sua saúde, há anos com tratamentos e tudo que lhe desse alguma esperança de melhora, com sua fé em Deus” (Obituário de Pedro Chorny); “Ficou doente por 1 ano e meio e passou por três cirurgias sofria dores mais [sic] nunca reclamava, sempre dizia: “essa é a minha cruz tenho que carrega-la” (Obituário de Orestes Shelski); “[...] desde junho de 2004 não andava mais. Ficou fraco das pernas, tinha artrose, e como era obeso, tinha diabete, pressão alta. Sempre se conformava, nunca reclamou” (Obituário de Lademiro Smaha); “Mesmo doente continuou fortemente dedicado a família e a religião, mostrando a todos a importância da fé e na vida, nunca desistindo e até que no dia dois de fevereiro de 2010 DEUS o chamou para junto Dele, [...]” (Obituário de Rafael Vodonis); “Quando ficou internado no Hospital [...] e estava consciente falava com a enfermeira em Ucrainiano, levando tudo na brincadeira, como se não estivesse enfermo, e nos últimos minutos de sua vida exclamou: Nossa Senhora! Me Ajude! Entregou sua vida a Nossa Mãe Maria, [...]” (Obituário de José Krominski); “Quando adoeceu nunca reclamou das suas dores e desconfortos, pelo contrário, aceitava o que era vontade de Deus” (Obituário de Nestor Simão Michalichen).

Como afirma Atanásio (2010), o ato de sofrer ou ser castigado por alguma adversidade na vida confere a uma figura de mártir, que é recompensado, posteriormente a morte, com uma espécie de ‘bonificação’, que veremos com detalhes mais adiante.

As palavras dor, sofrimento/vida sofrida, mágoa e problemas também fazem presença nos obituários, generalizando os aspectos negativos que o falecido vivenciou, e que foi lembrado por aqueles familiares que redigiram o texto. Em contraponto, também exaltam-se as qualidades daquele que se foi, atribuindo valores subjetivos ao falecido, como demonstra o quadro:

QUADRO 12 – Valores atribuídos

PALAVRAS	QUANTIDADE
Acolhedor	1

Alegre/ Alegria	1 / 6
Amizade / Amigo	2 / 8
Amor pela vida/ Amor à Deus/ Amor à família/ Amor à Igreja/ Amor ao próximo	1 / 3 / 1 / 1 / 1
Bondoso / Bondade	2 / 2
Brincalhão	1
Caridade [caridoso]	4
Carinhoso	3
Cativante	1
Coragem [corajoso]	5
Dedicado/ Dedicção	14 / 2
Companheiro	2
Esposo Fiel	1
Fé (portador de) / Religioso / Servo à Deus/ Valores espirituais /Devoto/ Devoção / Cristão fervoroso	41 / 2 / 1 / 1 / 7 / 2 / 3
Generoso	2
Guerreiro	1
Humildade	7
Pai responsável / Respeito à família	2 / 1
Perseverança	2
Piedoso	1
Prestativo	2
Serenidade	1
Simples/ Simplicidade	3 / 2
Sorridente	1
Tradições [defensor; divulgador; preservava as]	6

Fonte: A autora.

É neste quadro em que a ligação com a religião fica extremamente visível. O valor subjetivo mais citado é a fé (ser portador da fé), ser uma pessoa religiosa, um cristão, possuir valores espirituais, um servo de Deus, possuir devoção à igreja e seus ensinamentos.

A segunda virtude se apresenta a partir da palavra ‘dedicção’, referente as práticas e comprometimento em relação à comunidade e à família. Em ordem, seguem as palavras ‘amizade’, ‘humildade’, ‘alegre’, ‘tradições’ (no sentido de preservação das mesmas), coragem, caridoso, simples, bondoso e demais virtudes apresentadas no quadro acima.

Analisando as três categorias do relato 1, referente aos atos praticados em vida, podemos resumir que, em todos os casos predomina: exemplo de cristão, exemplo de pai e exemplo de ser humano. Apresentam-se qualidades, virtudes, benfeitorias e também dificuldades, inerentes a vivência de qualquer pessoa.

A própria palavra ‘exemplo’ é citada nos textos 48 vezes (e ‘exemplar’, 11 vezes), acompanhada de subjetivos e adjetivos que caracterizam o sujeito falecido. Como relatado nos obituários, a partir das memórias familiares (SÁ, 2015), o exemplo, para esta

comunidade ucraniana, é considerado a ‘herança’ deixada pelos seus progenitores. É o legado imaterial que regerá a vida daqueles que ficaram.

Além do mais, como veremos com mais detalhes adiante, o ‘exemplo’ dos falecidos, as ações e comportamentos realizados em vida, serão determinantes para o entendimento das representações sobre a morte. É nos relatos concretos da vida religiosa que as RS serão ancoradas e objetivadas (MOSCOVICI, 2013). Por enquanto, sigamos para o segundo relato: as descrições sobre o momento biológico da morte e o simbolismo religioso.

Já na segunda parte da análise (relato 2), a pesquisa faz menção à partida do falecido, onde os familiares descrevem o momento do falecimento, transformando o ato biológico (morrer) em uma experiência divina.<sup>37</sup>

Elaborou-se um esquema para quantificar as palavras usadas para descrever o momento da partida. Esta sistematização proporciona uma melhor compreensão do aspecto representacional, a qual esta pesquisa se propõe a realizar. Vejamos:

**QUADRO 13– Palavras utilizadas para descrever o momento da partida**

<b>PALAVRAS</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Acolha/Acolhe	2 / 1
Apagou-se [uma luz]	1
Aliviou / Aliviarei [o sofrimento]	1 / 1
Chamou/ Chamado/ Chamaste/ Chamais	14 / 7 / 1 / 5
Entregou/ Entrega	5 / 1
Entrou	2
Encerrou/cumpriu/cumprindo a missão	1 / 5 / 1
Escolheu/ Escolheis / Escolhidos	1 / 5 / 2
Foi morar	1
Partiu/ Partida/ Partindo	8 / 2 / 1
Passagem/ Passou	7 / 3
Transportou [o terço o ...]	1
Levou	8
Viagem	1

Fonte: A autora.

As palavras mais utilizadas para representar este momento são: ‘chamado’ (27 vezes), ‘partida’ (11 vezes), ‘passagem’ (10 vezes), ‘levou’ (oito vezes), ‘escolheu/ escolheis / escolhidos’ (oito vezes), ‘encerramento da missão’ (sete vezes) entrega (seis vezes). Todas estas referências giram em torno de figuras religiosas. Quem o levou? Quem o escolheu? Quem o chamou? Todas estas respostas giram em torno de figuras religiosas expostas no texto. A mais citada delas é referente a ‘Deus’ (43 menções),

<sup>37</sup> A tabela elaborada, a partir dos textos dos obituários analisados, referente as sentenças que representam este fenômeno encontram-se no ‘Apêndice C’, ao final desta pesquisa.

seguidas das palavras ‘Pai’ (18 menções), o qual é descrito, também, como ‘eterno’ ou ‘celestial’, Nossa Senhora (cinco menções) e São Pedro (uma menção).

O fato de escrever o texto fúnebre, publicando esta cadeia de pensamentos reorganizados no presente faz parte do ritual mortuário de despedida desta comunidade. Importante ressaltar que o que é lembrado, nos relatos disponíveis nos obituários do *Pracia*, mescla-se com aquilo que se sabe sobre ele (SÁ, 2015). Estas informações são uteis para detectar as representações sobre a morte, e também, para contextualizar o ambiente cristão e religioso o qual estão inseridos os sujeitos de pesquisa.

No momento de morte, alguns casos atribuem a data de falecimento à devoção do falecido à determinada santidade, como nos seguintes exemplos: “[...] uma devoção especial à Mãe de Deus tanto é que faleceu no mês dedicado à Maria” (Obituário de João Tomen); “Por ele ser tão devoto de Jesus Eucarístico, seu sepultamento foi justamente no dia de ‘Corpus Christi’” (Obituário de Melécio Rudek); “[...] o pai cumpriu bem a sua missão e caminhada de cristão. [...]. Talvez por isso, Deus o chamou num belo Domingo que é o dia do Senhor” (Obituário de João Preszisniuk); “Apaixonado como era pelas festividades natalinas (Sviatei Vetchir, Koladê...), recebeu a graça divina de encerrar sua vida nesse período” (Obituário de Demétrio Nogas); “Justamente no dia da Transfiguração, o Senhor Bom Jesus aliviou o seu sofrimento e o levou para junto Dele” (Obituário de Gregório Mikota); “[...] acreditamos que não foi por acaso que Nicolau faleceu no dia 08 de novembro, dia de São Miguel” (Obituário de Nicolau Lucavei); “Oito de setembro é um dia muito especial, pois comemora-se a Natividade de Nossa Senhora, e ele certamente, nasceu para a vida eterna acolhido por Ela, “admirável devoto” de Maria e do Sagrado Coração de Jesus” (Obituário de Boris Kuczynski).

Há dois obituários masculinos que relatam o assassinato como *causa mortis*: o de Miguel Mazur (idoso, que morreu por roubo seguido de espancamento, falecendo três meses após o ocorrido) e Osires Del Corso (estudante, que morreu por roubo seguido de morte). Em ambos há a presença da inconformidade, a partir do relato da família. Porém, no caso do estudante, a família relata que “[...] acreditamos que Deus chamou nosso filho para uma missão especial no Céu, talvez para juntar-se aos anjos e interceder por nós e pelos mais carentes junto a Deus”.

Ou seja: mesmos nos casos em que a morte ocorre de forma inesperada, fugindo dos casos mais corriqueiros até então registrados, como a doença, por exemplo, é possível encontrar uma justificativa religiosa para tal acontecimento. Deixando claro que esta não é uma regra base, que se aplica a todos os textos. É um dado a ser considerado.

Ainda em relação a *causa mortis*, a maioria dos obituários não apresenta o motivo definido. Alguns, até apresentam ‘causas curiosas’, como é o caso do obituário de João Preszisniuk, onde a família relata que “Temos uma leve impressão que o pai morreu de saudades da mãe a qual levou-o junto de si”. Afirmações como essa, nos fazem perceber a simplicidade e a delicadeza dos textos, enquanto espaços providos de sentimentos e lembranças.

A palavra ‘despedida’ também aparece nos textos, contabilizando três menções. Esta palavra é mais usada para o momento de sepultamento (ritual), e não para descrever o momento biológico. Por este motivo, não encontra-se na tabela acima. É importante pontuar que as palavras ‘faleceu’ (citada cinco vezes) e ‘morreu’ (citada duas vezes) também aparecem nos textos, apesar do apelo religioso e simbólico se mostrar mais aparente.

Quem escreve encontra no obituário uma forma de falar com o falecido, uma espécie de homenagem ou de despedida. Estes apontamentos levam a afirmar que a comunidade também faz parte da construção da representação da morte a partir da memória social, sendo parte da vivência do falecido e das lembranças dos familiares e amigos que escrevem o obituário.

Vale também dizer que a memória é permeada por sentimentos. Nesta perspectiva, foram detectadas as palavras saudade (citada sete vezes, no singular, e 42 duas vezes, no plural). Já a palavra tristeza, também fazendo referência a este momento de partida, a palavra ‘tristeza’ é mencionada 12 vezes.

Lembramos que o processo de reconstrução da memória, como apresentado por Sá (2015) é acentuado por diferentes sentimentos envolvidos no processo. Neste caso, o sentimento da saudade, da tristeza e da partida atuam como filtros do que será lembrado, visto que o obituário é elaborado no tempo póstumo a morte, e a memória é reconstruída (SÁ, 2015). Certamente, se o texto fosse escrito em outro período, antes do falecimento, por exemplo, os relatos poderiam ser outros.

QUADRO 14 - Entendimento referente ao momento pós-morte

PALAVRAS	QUANTIDADE
Altar [de Deus]	1
Casa do Pai	9
Céu	16
Companhia [de Deus]	1
Eternidade/ vida eterna / morada eterna	10 / 10 / 1
Outra vida/ Outra margem da vida	2 / 1
Paraíso	1
Reino de Deus	1

Tribunal de Cristo	2
Vida do além	2

Fonte: A autora.

A expressão “passou para a eternidade”, nos obituários analisados, fazem referência à uma vida póstuma, sem sofrimento nem dor. Ao contrário do que muitos dos sujeitos haviam passado em vida. Esta vida seria uma forma de recompensa pelas boas ações e vivências baseadas nos princípios religiosos, como podemos ver a partir dos seguintes exemplos: “[...] pois no céu, há o lugar preparado para todos aqueles que “buscam primeiro o Reino de Deus e a sua justiça” (Obituário de Teófilo Colecha); “[...] como recompensa pelos seus bons atos e vida exemplar de cristão lhe conceda a Vida Eterna, onde não há dor nem sofrimento e sim a Vida Eterna” (Obituário de Adnilson Lima da Silva); “Por isso elevamos as nossas preces como recompensa pelos seus exemplos de vida e atos exemplares” (Obituário de Vassílio Kolachnek); “[...] uma morte calma digna dos justos e inocentes que sempre souberam amar a Deus e aos próximos” (Obituário de Josafat Jucavei); “[...] para o cristão a morte não é o fim de todos os sonhos. É a passagem para uma nova vida, para a comunhão com todos os santos, para a vida de luz e do eterno Amor” (Obituário de Antonio Korinivski); “Na casa de Meu Pai há muitas moradas, vou preparar-vos um lugar (Jo.14,2)” (Obituário de Thomaz Daldin Galovicz); “A despedida é difícil, mas a esperança renasce quando o túmulo é selado pelo sacerdote até a segunda vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos” (Obituário de Miguel Ivaniski); “Que Deus o acolha em seu Reino e recompense com a felicidade da vida eterna pela sua missão vivida aqui na terra” (Obituário de João Luzeski); “Soube viver bem e valorizar a sua vida e assim garantiu a sua recompensa na eternidade” (Obituário de Pedro Ilnitski); “[...] DEUS levou [...], nosso pai, amigo e companheiro de muitos, para habitar em sua nova e eterna morada, a qual conquistou com seus exemplos de religiosidade, atitudes e orações” (Obituário de João Procek); “Temos a certeza de que ele descansa feliz junto de Deus, por isso elevamos as nossas preces como recompensa pelos seus bons atos e vida exemplar” (Obituário de Paulo Popadiuk).” E como recompensa pelos seus bons atos e vida exemplar de cristão, que Deus misericordioso conduza- o como coro das milícias celestes para a vida eterna onde não há dor e sofrimento e sim a vida eterna” (Obituário de Clemente Firman); “[...] mas sabemos que o senhor está bem, recebendo a recompensa por tudo o que fez de bom” (Obituário de Nicolau Kuthanski); “[...] recebeu a merecida recompensa pela sua vida de cristão exemplar” (Obituário de Nicolau Pastuch); “Tenho plena certeza de que hoje, está

desfrutando do Paraíso, conquistado por seu mérito, glorificando e bendizendo a Deus, e que um dia nós iremos nos encontrar na Eternidade” (Obituário de Boris Kuczynski); “[...] concluímos que todos os humanos um dia comparecerão diante do tribunal de Cristo e cada um receberá por aquilo que praticar na vida terrena, e espero que sejam boas obras” (Obituário de Miguel Kozechen).

A título de curiosidade, além de considerar a partida dos entes queridos, alguns obituários apresentam atribuição de ‘funções’ possivelmente executadas em determinado lugar onde o falecido se encontra. Palavras como ‘descanso/ descansou/ descansar/ descansará’ são utilizadas para apontar um repouso merecido após os sofrimentos passados durante os anos terrenos.

É visível, a partir da análise dos dados, reafirmar a ligação com o espiritual que os descendentes de ucranianos cultivam a partir da morte, apontada Corso e Martenovetko (2011). Apesar de todos os sentimentos e dificuldades emocionais que envolvem o processo da elaboração da memória pós-morte, o laço com os preceitos divinos da fé não são interrompidos.

Além disso, alguns familiares acreditam que, além do descanso, o falecido está intercedendo pelos que ficaram, ou acompanhando a vida de cada familiar, na vida eterna. Outros casos, consideram que estes entes queridos estão reencontrando ancestrais que partiram antecipadamente para a ‘eternidade’.

Os demais, ainda, estão ‘aguardando ressurreição dos mortos’, de acordo com o que prega a religião católica. Neste momento, os dados empíricos obtidos são coerentes com os apontamentos de Costa (2012), que afirma em suas pesquisas que o sofrimento obtido em vida levaria ao merecimento da ressurreição.

QUADRO 15 - Obituários que não constam referências a vida pós-morte

<b>Nome</b>	<b>Informações</b>
Emil Czuczman	Obituário mais curto catalogado. Apresenta dados básicos (nascimento, falecimento).
Rafael Muzeka	Apresenta relato de auxílio na comunidade e práticas familiares
Miguel Poczenek	Apresenta relato de trabalho e sepultamento.
José Maciura	Apresenta relato de auxílio na comunidade.
Leonardo Czaikoski	Apresenta relato de auxílio na comunidade.
André Nogas	Apresenta relato a participação da comunidade e do funeral.
Pedro Laciuk	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade e do funeral.
Miguel Mochnacz	Obituário curto, em relação ao demais. Apresenta informações básicas, relacionadas à família.
João Dirceu Choma	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade e do o funeral.

Miguel Horbus	Apresenta informações básicas, relato do funeral e um pequeno poema.
José Kerecz	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade e do funeral.
Josafat Havrelhuk	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade e do funeral.
Miguel Chorobura	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade e do funeral.
Dorotildo Schafranski	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade e do funeral.
Pedro Fedach	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade e do funeral.
Basílio Hatlan	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade e do funeral.
Lademirol Smaha	Apresenta relato da participação da comunidade religiosa no momento do funeral.
Estefano Boruchok	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade.
Augustinho Ratuchenei	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade.
Antonio Poczenek Sobrinho	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade.
José Komeski	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade e do funeral.
Gregório Antiszko	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade e do funeral.
Josafat Tchorney	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade e do funeral.
Teodosio Wesselovicz	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade.
Cassimiro Preisner	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade e do funeral.
Basílio Novossad	Apresenta relato da participação do falecido na comunidade.

Fonte: A autora.

Dos 132 obituários, 26 textos relacionados aos óbitos masculinos não apresentam menções ao momento pós-morte. Nesta minoria de textos, encontram-se relatos da participação do falecido na comunidade e o relato do funeral, descrevendo a participação religiosa-comunitária no mesmo.

Em alguns casos, apresenta-se somente o relato do envolvimento do falecido na comunidade, sem descrever o enterro e demais cerimônias fúnebres. Fugindo dos padrões mencionados, está o obituário de Emil Czuczman, que apenas consta os dados básico de nascimento e falecimento, sendo o texto mais curto de todos os obituários coletados nesta pesquisa.

## 6.2 ANÁLISE DOS OBITUÁRIOS FEMININOS

Os obituários femininos foram organizados e analisados a partir da mesma estratégia metodológica utilizada nos obituários masculinos (BARDIN, 1976). Vejamos a seguir os resultados desta análise:

QUADRO 16 – Ações realizadas na comunidade

Palavras	Quantidade
Ajudou/ajudava/ colaboração/ colaborou/ serviço voluntário	3 / 6 / 2 / 2 / 2
Cuidar de doentes	7
Doação/ doou/ pagou	2 / 3 / 1
Fundadora	3
Hospedava/ recepcionava / recepção/ servia aos padres	4 / 1 / 2 / 1
Trabalho [na igreja/comunidade]	8

Fonte: A autora.

As ações mais praticadas, entre os obituários das mulheres foram as ajudas/colaborações. Estas práticas estão relacionadas aos auxílios prestados dentro da comunidade religiosa, em serviços esporádicos, como participação em festas, quermesses, etc. Podemos relacionar, também, a ideia de ‘trabalho’, mencionada nos textos, que faz referência as obrigações ‘não profissionais’ dentro das paróquias, como ser presidente/ tesoureira/ secretária do Apostolado de Oração, chefe da cozinha paroquial, por exemplo.

É preciso deixar claro que, apesar destas lembranças envolverem a comunidade, ainda continuam sendo classificadas como memórias familiares (SÁ, 2015), pois foram os membros da família que recriaram estas memórias, e não os indivíduos da comunidade.

A hospedagem aos sacerdotes, assim como nos obituários masculinos, também está presente, em maior número, nos relatos referentes as mulheres. Isso demonstra que a prática de hospedar, servir, acolher as visitas, em maioria, na comunidade em questão, cabe as mulheres. Neste sentido de ‘cuidado feminino’, relacionamos o ato de ‘cuidar dos doentes’, citados nos obituários. Vale dizer que, esta prática, não foi detectada nos obituários masculinos.

As doações também são lembradas pelos familiares. Mostra o comprometimento não somente espiritual, mas financeiro com os assuntos da igreja. Essas doações não são referentes ao dízimo, por exemplo. São contribuições voluntárias das fiéis, em determinando momento ou razão. Assim como no caso dos obituários masculinos, as doações eram em dinheiro ou em terrenos, para construções da igreja. Nessa lógica, também aparece o termo ‘fundadora’. Aqui, a referência é sobre as mulheres precursoras de grupos e organizações religiosas.

Assim como no caso dos obituários referentes ao falecimento de homens, a pesquisa anterior, já mencionada neste trabalho, detectou algumas atividades específicas. São elas: Participação em missas/cultos/liturgias (34 menções), novenas (13 menções),

participação no apostolado da oração (74 menções), no grupo Mariano (nove menções), no grupo de senhoras/ terceira idade (três menções), realização de visitas para doentes (três menções), participação em festas religiosas comunitárias (11 menções) e grupo folclórico (uma menção).

#### QUADRO 17 – Ações realizadas na família

Palavras	Quantidade
Criar/ criou [os filhos e filhas]	5 / 4
Ensinou/ensinaste/ ensinar / ensinando/ educou [os filhos e filhas]	7 / 3 / 1 / 5 / 4

Fonte: A autora.

Comparativamente, nos obituários analisados, as mulheres apresentam maior participação do que os homens na criação e educação dos filhos, totalizando 29 menções a este tipo de atividade entre as mulheres, e 11 entre os homens. Esta concepção ‘do lar’, atribuída a mulher, a ligação com a família e o matrimônio é evidente nos obituários.

Raros são os casos onde a mulher não se casa e não opta por seguir uma vida religiosa, como a de freira (irmã). No obituário de Verônica Degan, encontramos essa particularidade, pois, segundo as memórias dos familiares, a falecida não se casou, mas dedicou a vida para os irmãos, portadores de deficiências mentais.

É importante pontuar os atravessamentos étnicos e culturais que permeiam o universo das representações (MOSCOVICI, 2013). Os preceitos religiosos, trabalhados desde a infância pelos pais (em especial, as mães, como demonstrado pelos dados quantitativos), o apelo de preservação cultural incentivado pelas instituições (igreja e família), como a língua, os princípios cristãos e demais atividades elaboradas dentro das comunidades.

A partir dos dados apresentados, é possível compreender estes relatos também a partir das memórias pessoais (SÁ, 2015), pois as lembranças que o(s) filho(s) ou a(s) filha(s) são baseadas em experiências vivenciadas junto de seus pais e mães. Em algumas situações específicas, estas também ser classificadas como memórias práticas (SÁ, 2015), como a lembrança do ensinamento de ‘cantos e rezas’, no caso da educação religiosa transmitida pelos pais (como mencionado nos obituários de Jaroslau Woichik e Maria K. Popadiuk), e na interação social dentro dos espaços religiosos.

#### QUADRO 18 – Dificuldades vivenciadas

Palavras	Quantidade
Cruz/ Cruzes [carregou]	7 / 2
Dificuldades	14
Dor	3

Luta	7
Provações	1
Sacrifícios/ /vida sacrificada	6 / 1
Sufrimento/ sofrendo/ sofrida/ sofria	8 / 3 / 1/ 1

Fonte: A autora.

As dificuldades e o sofrimento, de maneira geral, são as causas mais apontadas nos obituários femininos, quando se trata das memórias referentes aos momentos difíceis. Assim como nos textos referentes aos homens, grande parte da causa é atribuída as doenças. “Mesmo na doença, nestes últimos anos, suportou tudo calada, mesmo seu semblante demonstrando dor e sofrimento, sempre dizia a quem quer que se perguntasse que estava bem”. (Obituário de Lodomira Boiko); “A falecida vinha se tratando no decorrer de três anos de uma doença cancerígena, mas em nenhum momento isto abalou-a, sempre confiante no poder divino, na cura definitiva[...]” (Obituário de Izabel Zdebski Meskiw); “Uma longa e dolorosa doença acompanhou-a por algum tempo, mas ela soube levar seu sofrimento com muita paciência” (Obituário de Anastacia Korczaguin Kito).

Nestes exemplos citados, pode-se notar que, apesar da existência do sofrimento era visto como uma provação divina, sem interferir ou abalar na fé das respectivas senhoras. O sofrimento vem acompanhado de memórias de alegria, esperança, paciência e confiança no ‘poder divino’.

Esta mesma lógica vale para as demais palavras que se encontram na tabela acima: luta, provações, sacrifícios, dor, dificuldades e cruces. Esta última expressão, também podemos associar diretamente com a religião dos sujeitos desta pesquisa: carregar a cruz, os pecados, um ato cristão semelhante ao de Jesus Cristo.

Estas referências empíricas podem ser associadas aos estudos de Batista e Martins (2013), sobre a essência da religião na vida dos descedentes de imigrantes. Contudo, esta percepção não se restringe, apenas, a localidade de Mamborê – PR, onde o estudo foi realizado, mas, nas diversas cidades e localidades interioranas que o jornal *Pracia* circula e possui leitores (vide quadros 9 e 10).

#### QUADRO 19– Valores atribuídos

Palavras	Quantidade
Acolhedora	1
Alegria	6
Altruísta	1
Amiga/ amizade	2 / 1
Amor ao próximo	1
Ativa	1
Boa mãe/ boa avó	2 / 1
Bondosa	4
Bom humor	1

Coragem/ corajosa	12 / 1
Criativa	1
Cristã/ católica/ [portadora de] fé / fervorosa/ religiosa/ religiosidade / oração/	16 / 10 / 39 / 3 / 6 / 9 / 13
Dedicada/ dedicando/ dedicação	13 / 1 / 10
Dignidade	4
Fiel	8
Forte	3
Generosa	3
Guerreira	4
Honesta	2
Luta/ lutava pelos ideais	5 / 1
Paciência	1
Perseverante	1
Simplicidade	3
Valores espirituais	2

Fonte: A autora.

A religião, novamente, pauta a maioria dos valores atribuídos as mulheres. Nos textos analisados, foram encontradas mais de 96 memórias que fazem referência a atos religiosos/ cristãos. Em número bem menos expressivo, seguem as referências à ‘dedicação’, a fidelidade, caracterizada pela palavra ‘fiel’, ‘coragem’, ‘alegria’, ‘luta’, ‘guerreira’, ‘bondosa’, ‘dignidade’ e demais valores citados na tabela acima.

Assim como no caso dos obituários masculinos, todas os atos realizados pela falecida, na comunidade ou na família, os atributos simbólicos e a superação dos desafios da vida se tornam ‘memórias exemplo’ para os familiares. Em termos quantitativos, a palavra ‘exemplo’ foi usada 42 vezes nos textos analisados, e a palavra ‘herança’, quatro vezes.

Ao que foi observado, estes exemplos deixados pelos entes queridos (sejam concretos ou valores subjetivos) fazem com que a memória do(a) falecido (o) seja sempre lembrada e atualizada (SÁ, 2015), como apresenta o obituário de Ana Kobren Melnek. “Temos a certeza que a memória da querida mãe nunca será esquecida [...]”, devido a todas as ações realizadas durante a vida.

Da mesma forma que a pesquisa tratou os dados dos obituários masculinos, sigamos para a organização quantitativa dos mesmos. Vejamos:

#### QUADRO 20 – Palavras utilizadas para descrever o momento da partida

Palavras	Quantidade
Chamado/ foi chamada/ Chamar/ Chamá-la	1 / 5 / 1 / 1
Convidar [por Deus]	2
Cumpriu/ encerrou / Terminou [sua missão/jornada]	8 / 1 / 2
Deixa/ deixou [esta terra]	1 / 9
Descansou	4
Despedir [deste mundo]	1

Encontro/ Reencontro [com o Pai/anjos]	2 / 1
Entregou sua vida / Entregar sua alma/ Entregá-la/ Entregamos	1 / 1 / 1 / 1
Foi acolhida / [Deus a] recolheu	2 / 1
Foi brilhar ao lado do Senhor	
Foi para a Casa do Pai/ Junto de Deus/ Paraíso Celeste/ Reino de Deus	4/ 1/ 1 / 1
Levaram/ levar	2 / 1
Partida/ partiu	2 / 10
Passagem/ Passou	5 / 3
Retorna/Transferiu-se [à morada eterna]	1
Vai se para o além	1

Fonte: A autora.

As palavras mais utilizadas para representar este momento são: ‘partiu/partida’ (12 vezes), ‘Cumpriu/ encerrou / Terminou [sua missão/jornada]’ (11 vezes), ‘Deixa/deixou [esta terra]’ (10 vezes), ‘Passagem/ Passou’ (oito vezes), ‘escolheu/ escolheis / escolhidos’ (oito vezes), ‘Chamado/ foi chamada/ Chamar/ Chamá-la’ (oito vezes), ‘Foi para a Casa do Pai/ Junto de Deus/ Paraíso Celeste/ Reino de Deus’ (sete vezes). Da mesma forma que os obituários masculinos, as referências giram em torno de figuras religiosas, que fazem parte do processo simbólico-religioso que envolve o falecimento.

A mais citada delas é referente a ‘Deus’ (99 menções), seguidas das palavras ‘Pai’ (13 menções), o qual pode ser descrito também como ‘eterno’ ou ‘celestial’, Nossa Senhora (sete menções), ‘anjos’ (seis menções) e São Basílio (uma menção).

Nos obituários femininos também encontram-se referências sobre o falecimento em dias santos católicos, como nos seguintes casos: “[...] no dia da festa do Padroeiro ela foi chamada para a vida eterna, com certeza São Basílio que escolheu este dia para ela” (Obituário de Anna Humenhuk Martenovitz); “no dia da ressurreição do Senhor, Francisca, confortada pelos sacramentos, ouviu o chamado do Criador para realizar a sua derradeira Páscoa, a passagem definitiva para a eternidade” (Obituário de Francisca Kochan Paulena); “No dia [...], dia de Corpus Christi, Deus chamou para junto de Si” (Obituário de Tecla Koupak).

Alguns trechos demonstram a importância do exercício da vida religiosa no cotidiano para alcançar uma vida póstuma, a partir dos atos concretos do falecido. Neste obituário de, “Temos a certeza e elevamos as nossas preces a Deus como recompensa pelos seus bons atos e vida exemplar” (Obituário de Frozina Dzioba Jadvizak); “[...]elevamos nossas preces à Deus como recompensa pelos seus bons atos de vida exemplar de cristã,” (Obituário de Maria Snak Koupak); “Sobre o que a comunidade disse sobre a falecida, “nós familiares temos a certeza de tudo isso” (Obituário de Filomena Ditekun Zagulski); “[...] que Deus como recompensa pelos seus bons atos de vida exemplar

Cristã, lhe conceda à paz e a vida eterna” (Obituário de Tecla Koupak); “[...]se alguém cumpriu durante a sua vida a missão imposta por Deus, terá a mais justa recompensa” (Obituário de Helena Zaluski Kaliczak).

Há também sentimentos que envolvem a construção do relato-memória, como, por exemplo, o sentimento da saudade aparece o total de 58 vezes e tristeza 8 oito vezes. A tristeza e saudade são sentimentos que aparecem nos obituários, de certa forma, temporários, pois é comum, nos relatos, as famílias afirmarem que se reencontrarão, um dia num outro plano, no céu, no Reino de Deus, etc. Em relação a este ‘lugar’, no pós-morte, vejamos o quadro a seguir:

QUADRO 21 – Entendimento referente ao momento pós-morte

<b>Palavras</b>	<b>Quantidade</b>
Casa do Pai	5
Céu	9
Morada/ Morada eterna	4 / 3
Paraíso Celeste	1
Plano espiritual	3
Reino de Deus/ Reino Divino	3 / 1
Vida eterna/ Eternidade	4 / 6

Fonte: A autora.

O exercício de outras atividades, numa vida póstuma, também é relatado por alguns obituários femininos. Há 14 menções em relação ao descanso na situação ‘pós-morte’ onde pode se encontrar a falecida, de acordo os obituários analisados. As palavras descanso/ descansou são utilizadas para descrever o que os familiares entendem por ‘descanso eterno’ ou ‘descanso na vida eterna’.

É preciso atentar que a maioria dos obituários são escritos de forma conjunta com os familiares, a partir do que Sá (2015) define como memórias familiares. Observou-se, ao decorrer da pesquisa, que alguns indícios podem indicar a presença de mais de uma pessoa na contribuição dos relatos, como a utilização do pronome ‘nós’, utilizado, aproximadamente, 112 vezes.

Para exemplificar melhor, vejamos: “Que nossa mãe e baba olhe por nós e interceda por nós para que um dia nós nos encontremos junto a Deus, lá no céu” (Obituário de Maria Hanyasz); “E é um arco-íris que nós te mandamos agora para a senhora [...]” (Obituário de Virka Sagan); “Para todos nós que ficamos só resta a saudade” (Obituário de Nicolau Sichoski); “Que o nosso Pai e Dido olhe por nós e interceda por nós, para que um dia possamos encontrar junto de Deus lá no céu” (Obituário de Vitorino Gruchoski).

Como pode-se observar, nos obituários menciona-se a intercessão, o cuidado pelos que ficam, numa forma de ‘santificação’ das mulheres que falecem, tornando-as protetoras de seus familiares que se encontram no plano terreno, segundo os obituários analisados.

Pode-se acrescentar que, a morte vista a partir da religião também possibilita o que Atanásio (2010) chamou de sacralização: santificação de pessoas que faleceram de forma trágica, como é o caso de alguns falecimentos citados anteriormente nessa pesquisa. Complementando esta ideia, a partir de Corso e Martnovenko (2011), estes indivíduos estão a ‘proteger’ aqueles que ficaram em terra, o que também foi visto diversas vezes nos dados desta pesquisa.

Além disso, também apontam, assim como no caso masculino, que este descanso é um tipo de merecimento pelos atos realizados durante a vida. Incluem, neste caso, as contribuições na família, na comunidade (como as doações, as participações em atividades religiosas e os valores simbólicos, atribuídos pelos familiares. Feito estas considerações analíticas sobre os obituários, vejamos quais textos não apresentaram considerações sobre o momento pós-morte:

**QUADRO 22 - Obituários que não apresentaram referências a vida pós-morte**

Michalina Kalatai Muzeka	Apresenta relato sobre a vida pessoal, sobre os trabalhos na comunidade e o momento do enterro.
Estafania Derkacz Vodiani	Apresenta relato da vida pessoal;
Olga Berezoski;	Apresenta relato da vida e o momento do enterro.
Joana Ternouski Podolak;	Apresenta relato da vida e o momento do enterro.
Helena Lubacheuski Nassif	Apresenta relato da vida pessoal.
Angelica Szeremeta	Apresenta relato sobre a vida pessoal, sobre os trabalhos na comunidade e o momento do enterro.
Magdalena Mura	Apresenta relato sobre a vida pessoal, sobre os trabalhos na comunidade e o momento do enterro.
Elvira Zdebski Ladwizak	Apresenta relato sobre a vida pessoal, sobre os trabalhos na comunidade e o momento do enterro.
Gilvania Siguel	Apresenta relato sobre a vida pessoal/profissional.
Olivia S.Maleski	Apresenta relato sobre a vida pessoal, sobre os trabalhos na comunidade e o momento do enterro.

Fonte: A autora.

Dos 113 obituários, 10 textos relacionados aos óbitos femininos não apresentam menções ao momento pós-morte. Nesta minoria de textos, encontram-se relatos da participação da falecida na comunidade e o relato do funeral, descrevendo a participação religiosa-comunitária no mesmo.

Em alguns casos, apresenta-se somente o relato do envolvimento do falecido na comunidade, sem descrever o enterro e demais cerimônias fúnebres. No obituário de

Gilvania Siguel, por exemplo, o foco do relato é a vida profissional. A falecida, que é descendente de imigrantes ucranianos, não residia no Brasil e estava estudando na Alemanha, quando veio a falecer. A família realiza, neste caso, um breve relato sobre a vida pessoal e profissional.

### 6.3 ANÁLISE DOS OBITUÁRIOS DE PADRES E IRMÃS (RELIGIOSOS)

Neste ponto, a pesquisa apresenta relatos construídos a partir memórias comunitárias (SÁ, 2015), elaboradas a partir de relatos da comunidade em que os sujeitos faleciam faziam parte. Falamos, neste caso, dos obituários referentes aos padres e irmãs, que dedicaram a vida às comunidade e congregações religiosas. Nesta perspectiva, quem escreve os textos são membros destas comunidades, as quais também fizeram parte em vida.

Ao todo, foram coletados três obituários referentes a falecimentos de padres. Como as palavras e sentenças em relação a vida/morte/pós morte não possuem frequência (citada poucas vezes, devido a pequena quantidade de obituários referentes ao falecimento de padres), apresentamos, neste caso, apenas os dados de forma qualitativa.

Estes obituários foram separados durante a coleta, pois apresentavam uma construção textual diferenciada dos demais. Os textos destinados a pessoas religiosas resgatam a trajetória de vida dedicada a igreja e a comunidade. É um relato biográfico, que destaca também o *curriculum vitae* de cada um.

Podemos exemplificar esta afirmação a partir do obituário do Padre Jaroslau Susla, falecido em decorrência de problemas cardiovasculares. Há relatos que remontam desde seus estudos primários ao ingresso no seminário e demais estudos paroquiais, em Roma.

O destaque também se dá aos ritos fúnebres, como o velório e missa de corpo presente realizada pela dezena de padres e demais autoridades da igreja. Soa quase como um relato informativo factual, com detalhes (acrescido de fotografias do velório), do que mais precisamente, apenas uma despedida.

Já o obituário do Padre Nivaldo Kozlinski, que faleceu num acidente automobilístico, segue na linha dos demais padres, destacando que a religiosidade era tema principal nas famílias onde foram nascidos. Apesar da tragédia, o obituário retrata a morte como uma “partida à eternidade”. Vale destacar que o espaço na página para

agregar estes textos também é maior, comparado aos obituários dos demais membros da comunidade. Por exemplo, o do Padre Jaroslau Salsa ocupa uma página cheia do jornal.

O último obituário é referente ao falecimento do Padre Sergio Krasniak, por problemas de saúde. O relato foi escrito por outro padre, e não pela família. Neste relato foca-se a vida sacerdotal, sendo que, no final do texto, o jornal aponta que há um espaço dedicado a homenagear o falecido pároco na página 04 do *Pracia*. Isto reforça que o jornal não entende o obituário como homenagem, mas como um relato póstumo informativo, formato característico dos obituários de grandes jornais.

Nos obituários referentes ao falecimento de mulheres dedicadas a vida religiosa, o formato textual é semelhante ao obituário dos sacerdotes, com a diferença em que, neste caso, foca-se menos na formação acadêmica e profissional, dando ênfase nas ações e benfeitorias realizadas na comunidade ucraniana.

Sobre as ações realizadas em vida, destacam-se as necessidades da igreja (uma vez citada) e as práticas comunitárias (uma vez citada). Também refere-se a vida como uma espécie de teste para o merecimento da vida eterna. Podemos visualizar esse exemplo nos obituários de Ir. Júlia Sendeski, onde aponta que “[...] o sofrimento purifica o ser humano para entrar no céu e estar junto de Deus”, e também no obituário referente à Irmã Joaníquia, relatando que “Apesar da doença nunca desistiu”.

Porém, a vida não é retratada apenas como algo doloroso. Nos obituários de Ir. Aquiliana Korczagin, relata-se que “[...] a vida foi sempre sinônimo de amor, generosidade, alegria, entusiasmo, coragem, ousadia, determinação, dinamismo, solidariedade, bondade, amizade, doação total”. Características estas, que não só descrevem a personalidade da falecida, mas também são essenciais para a ‘entrada no céu’.

Já no obituário de Ir. Júlia Sendeski, as comparações de bondade são baseadas em figuras da igreja católica que são marcadas pela trajetória de caridade. Neste texto a falecida “[...] é considerada a segunda Madre Teresa de Calcutá com sua simplicidade e grandeza de alma”. É perceptível, a partir destes dois exemplos, que há um grande esforço para enfatizar as qualidades subjetivas e a relação das falecidas com a comunidade em que atuavam. No caso, a comunidade ucraniana de suas respectivas localidades.

Para sistematizar melhor os relatos, a pesquisa quantificou alguns dados referentes aos obituários das religiosas. O mesmo não foi feito com o obituário dos padres, pois, nos textos dão maior destaque para a carreira, e não para as demais informações buscadas nesta dissertação. Vejamos o resultado a seguir:

### QUADRO 23 – Ações realizadas na comunidade

Palavras	Quantidade
Comunidade / Igreja / Práticas comunitárias	4 / 4/ 2
Dor / sofrimento	1 / 1
Exemplo	5
Trabalho	6

Fonte: A autora.

Como visto acima, a palavra mais citada é ‘trabalho’ que aparece citada quatro vezes está relacionada ao trabalho exercido dentro da comunidade/igreja, não necessariamente o trabalho formal (profissional). Aqui citamos o trabalho de catequista, como os de Antonia Chulhan (também professora) e Lydia Klinczuk (trabalhando também na casa episcopal).

Vale dizer também que, no caso das religiosas, o trabalho é de dupla (ou mais) jornada(s). É comum atribuir mais de uma função, nos textos dos obituários: Ir. Aquiliana Korczagin (Religiosa(freira)/ professora); Ir. Celina Zeferina Lachowski (Freira/Alfabetizadora/ Enfermeira); Ir. Júlia Sendeski (Cozinheira na comunidade/Educadora Escolar) Antonia Chulhan (Catequista/ professora); Lydia Klinczuk (Catequista/ trabalhou na casa episcopal); Ir. Aloísa Ana Boiko (Freira/Enfermeira/ cozinheira/ trabalho doméstico/ catequista). O único obituário que não faz referência direta ao trabalho é de Ir. Joaníquia.

As ações concretas (materiais) se dão a partir de duas principais participações, que apresentam determinada frequência nos textos: na ‘igreja’ (quatro menções) e na comunidade/ações comunitárias (quatro menções/ uma menção, respectivamente). Estas práticas o texto também associa à ‘missões’ (citadas duas vezes) de vida, em que a pessoa estaria predestinada a realizar.

Em relação aos momentos difíceis da vida, a caracterização que envolve algum tipo de situação difícil, representada pelas palavras dor/sofrimento (uma menção cada) é a que apresenta menor frequência em todos os textos analisados. Porém, neste ponto é feita uma associação direta com a premissa que sofrer é um requisito para uma boa ‘vida pós-morte’, como apresentado no obituário de Irmã Júlia.

A palavra ‘exemplo’, sendo citada cinco vezes, inserida no texto como referência aos ‘exemplos de vida’ deixados pelas religiosas. Estes exemplos, de acordo com os textos são tanto materiais, como auxílio na comunidade, ajudas específicas e demais benfeitorias, assim como exemplos de ‘personalidades’, como generosidade, alegria, entusiasmo, coragem, ousadia, determinação, dinamismo, solidariedade, bondade, amizade, entre outras.

#### QUADRO 24 – Palavras utilizadas para descrever o momento de partida

Palavras	Quantidade
Chamou/ foi chamada	1 / 2
Voltou a casa do Pai	1

Fonte: A autora.

Dos seis obituários referente ao falecimento de religiosas, quatro apresentam uma referência ao chamado divino, que são os textos referentes à morte de Lydia Klinczuk, Ir. Aquiliana Korczagin, Ir. Júlia Sendeski e Ir. Aloísa Ana Boiko. Para aqueles que ficaram, a morte, baseada nos princípios religiosos, é uma espécie de conforto. Nas palavras de Vilar (2000), a morte a partir da religião pode assumir uma perspectiva funcionalista, trazendo o equilíbrio social, tranquilizando os vivos e prevenindo uma possível desordem.

Embora nem todos os obituários mencionarem uma partida simbólica, todos os obituários fazem referência ao pós-morte, como vemos a seguir:

#### QUADRO 25 – Entendimento referente ao momento pós-morte

Palavras	Quantidade
Eternidade/ vida eterna	1 / 2
Casa do Pai	1
Céu	1
Reino de Deus	1
Jardim do Éden	1

Fonte: A autora.

As referências a vida eterna/ eternidade são as mais citadas (três vezes). As demais expressões como ‘céu’, ‘casa do Pai’, ‘Reino de Deus’ e Jardim do Éden’ foram citadas uma vez cada. Como visto, estas expressões não são diferentes das expressões utilizadas nos obituários de homens e mulheres não-consagrados à vida religiosa, analisados anteriormente. Assim como o pós-morte também é visto como uma recompensa pelos atos.

Nesta pesquisa, entende-se que a maior herança, entre todos os obituários analisados (homens e mulheres, de maneira geral), são os atos que o (a) falecido (a) realizou em vida: boas ações na família e na comunidade, deixou um legado material (as construções da igreja que auxiliaram a edificar, seja financeiramente ou com as próprias mãos) ou de valores de vida: o respeito, o amor, a união da família, o trabalho, a solidariedade e os princípios espirituais.

A partir do levantamento de dados e análise do material empírico, apresentado anteriormente, esta pesquisa concluiu que é possível compreender as representações sobre

a morte nos obituários do jornal *Pracia* a partir dos processos de ancoragem e objetivação (MOSCOVICI, 2013). Vejamos como se dá esse processo.

Neste caso específico a ancoragem, que tem como função “nomear ideias estranhas a categorias de contexto mais familiar” (MOSCOVICI, 2013), como dito anteriormente, atua no processo de ancorar a morte a partir da religião. No caso, da religião católica, predominante nos obituários analisados.

Ao realizar tal processo, algo considerado perturbador torna-se familiar. Isto ficou claro quando os obituários apresentaram o ato biológico da morte (falecimento do corpo) como algo divino, espiritual. Esta afirmação é ainda mais clara quando os textos atribuem este fenômeno à um poder causal divino, ou um ‘chamado de merecimento’, feito por Deus, por anjos ou demais figuras santas da religião católica.

O início, a vida em família, o trabalho na comunidade, o envolvimento nas causas religiosas, a doação para com a cultura e igreja precedem esta despedida, e influenciará em dois aspectos diferentes: na vida de quem fica, deixando um ‘legado’ de exemplos a serem seguidos, e também, influenciando no destino da vida póstuma, como forma de recompensa pelos atos efetuados.

O processo de objetivação, que tem como função ligar o conceito com uma imagem (MOSCOVICI, 2013), é atribuído, nesta pesquisa, para tornar visível o que seria a ‘vida após a morte’, tanto mencionada nos textos. A princípio, no primeiro momento de contato com os textos, parecia algo muito vago e abstrato. Entretanto, aplicando este princípio da grande teoria das RS, o conceito foi ficando mais claro.

Especificamente, a objetivação, aplicada aos obituários do *Pracia*, objetiva a vida pós morte como o descanso na vida eterna/ no Reino de Deus/ Na morada eterna/ no céu, entre outras variáveis citadas ao longo da pesquisa. É a partir deste ‘momento de descanso’ que o (a) falecido (a) atuará na intercessão pelos que ficam, no aguardo da ressurreição, transformando o conceito em imagem (MOSCOVICI, 2013).

Contudo, nem todos os obituários apresentam referências sobre a morte, ou sobre a existência de uma vida póstuma. São textos mais curtos, objetivos, factuais, que abordam, por vezes, as ações praticadas pelos falecidos, o momento do velório e agradecimentos à comunidade ucraniana que se fez presente no enterro.

Entretanto, não podemos afirmar que, apesar de não constar o relato da vida póstuma nos obituários, estas famílias não compartilhem esta representação. Não foram realizadas entrevistas ou quaisquer estratégias metodológicas para confirmar tal posicionamento. O que foi levado em consideração, nesta pesquisa, foram os relatos que

emergiram a partir do material empírico estudado. Esta é uma limitação de pesquisa que deve ser pontuada.

#### 6.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DE PESQUISA

A partir de todos os dados, quantitativos e qualitativos, apresentados sobre os 245 textos coletados, neste momento final, a pesquisa apresenta uma síntese de todas as considerações teóricas, empíricas e metodológicas sobre os obituários do jornal *Pracia* e as representações sobre a morte, que foram encontradas neste periódico.

Portanto, respondendo a principal pergunta que norteou essa pesquisa (Quais são representações sobre a morte, elaboradas pelos familiares dos falecidos, estão presentes nos relatos publicados nos obituários do jornal *Pracia*?), concluímos que a morte é representada como uma passagem, um chamado divino para uma nova vida, obtida a partir do merecimento no cumprimento da missão terrena que cada indivíduo é designado.

O resultado obtido não foge dos pressupostos teóricos sobre a cultura e religião ucraniana, apresentados, ante a análise dos dados. Isso demonstra, quão forte é a presença da religião na construção simbólica destas representações. Esta interferência que permeia a compreensão do fenômeno, está presente em diversos momentos da vida, como apontam as memórias dos obituários.

Em relação ao objetivo secundário “1 - Apontar se as representações presentes nos textos são semelhantes ou se há divergência de opiniões (não há uma representação)”, conclui-se que não há uma divergência de opiniões sobre o pós-morte. Nenhum obituário analisado apresentou relato diferenciado a representação obtiva. O que foi percebido é que há diferentes palavras de se expressar a partida, que possuem, cognitivamente, o mesmo significado.

Sobre as representações e objetivo específico “3 – Descrever de que forma as instituições família e igreja (comunidade ucraniana) estão presentes na elaboração destas representações”, pode-se afirmar que se não fossem estas instituições o obituário não existiria. São os familiares os sujeitos que escrevem os textos, baseados em suas memórias.

Quando há ausência dos mesmos na vida dos(as) falecidos(as), como no caso dos padres, irmãs e religiosas que passam boa parte de suas vidas longe da família, os membros da comunidade mais próximos destes sujeitos são aqueles quem redigem suas

lembranças. Portanto, a família e a comunidade são os principais responsáveis pela existência destas representações.

Sobre a redação dos textos, foi percebido uma escrita mais formal, com uma preocupação de uso de palavras mais rebuscadas em casos onde a (o) falecida (o) possuía um maior grau de formação profissional, como a conclusão do ensino superior. Ou também, no caso da formação universitária dos filhos, citadas ao longo do obituário.

Um obituário muito curioso, que foge aos padrões textuais dos demais textos analisados é o de Regina Roik, que descreve a falecida através de uma poesia, e não a partir do relato de vida/morte, como os demais textos apresentam. Este obituário não entrou na contagem dos demais por não seguir a proposta do restante dos textos, além de apresentar características líricas, e não de memória.

Em relação ao formato, também podemos citar dois obituários que são incomuns, comparados aos demais textos, encontrados nesta pesquisa: Os obituários dos casais André Schafranski e Sofia Schafranski, e Eustácio Zdebski e Sofia Litenski Zdebski.<sup>38</sup> Em ambos os textos, os cônjuges falecem em datas próximas (alguns meses de diferença). O conteúdo é semelhante ao ‘padrão’: relatos de vida pessoais, interações com a comunidade e as mesmas representações sobre a morte, assim como os demais.

Há textos que apresentam memórias baseadas em histórias curiosas, como os relatos póstumos referentes a imigrantes ucranianos que foram combatentes da Segunda Guerra Mundial, tais como Pedro Halchuk, Wasyl Medwid, Simão Iszczuk, Estefano Hneda, Gregório Mikota. Há também o obituário de Antônia Chulhan, primeira catequista do Instituto Secular Sagrado Coração de Jesus a consagrar-se a Deus para evangelizar as crianças e jovens, descendentes de ucranianos.

Devido ao movimento nacionalista criado pela ditadura, no Brasil era proibido falar outra língua que não fosse a portuguesa. Por isso, qualquer manifestação poderia causar a prisão, principalmente, de sacerdotes e religiosas, incumbidos de propagar a cultura ucraniana no Brasil. Mesmo assim, Antônia catequizava as crianças de algumas colônias de Prudentópolis, preparando-as para a primeira eucaristia, contra as ordens da ditadura.

Esta pesquisa também precisa pontuar algumas percepções sobre a morte na contemporaneidade a partir do referencial teórico, aliado aos dados coletados. Em

---

<sup>38</sup> Estes textos não foram analisados separadamente, assim como os textos referentes aos padres e irmãs, devido a particularidade do formato, e da pequena frequência deste tipo específico de obituário no corpo empírico de coleta (dois obituários).

contrapartida com o que foi apresentado por Vilar (2000), teoricamente, a morte não é vista como um incômodo, um tabu ou um problema na comunidade ucraniana, em pleno século XXI (considerando que os obituários analisados foram elaborados entre os anos de 2001 a 2014).

Diferente, também, da concepção de morte a partir dos estudos contemporâneos de Elias (2001) sobre o fenômeno. No caso dos doentes e acamados, os obituários do *Pracia* sugerem que estas pessoas devem ser vistas como exemplos de fé e coragem a serem seguidos, tanto em busca da cura, quanto em busca do merecimento do descanso no pós-morte.

Como apresenta a representação sobre a morte detectada neste caso específico, a morte é uma passagem para um merecimento divino, um alívio do sofrimento concedido por Deus. Sejam padres, freiras ou cristãos praticantes, para aqueles que o fizeram por merecer, esta recompensa será concedida. Portanto, o fim da vida não é algo totalmente indesejável, ao contrário do que aponta Elias (2001).

Com base nesta percepção de despedida, esta pesquisa compreende que o luto existe dentro da etnia ucraniana. Isto contrapõe o que apresenta Da Matta (1997) pois, para o autor, nas sociedades contemporâneas, não há contato com o luto. A partir da análise do material empírico, notou-se que este luto é percebido através das manifestações e rituais, principalmente, religiosos. Porém, não é somente perpassado pela dor.

A morte, nesse sentido, se transforma num “rito de passagem” (Vilar, 2000). Em relação a esse rito, podemos observar nos obituários que pertencem ao recorte temporal estudado, que a execução do funeral, descrito em grande parte dos textos, é um ritual que ainda permanece vivo, ano após ano.

A comunidade participa do momento da despedida, entoando orações e cânticos religiosos. E no obituário, além de narrar estes detalhes, a família enlutada encontra espaço para agradecer a comunidade por este apoio emocional e religioso, num momento que envolve um misto de dor e saudades. E, como aponta Da Matta (1997), a saudade fornece significado à memória.

Esta pesquisa acredita que o fim do ritual fúnebre, para os descendentes de ucranianos retratados nos obituários do *Pracia*, não se encerra no sepultamento do ente querido. A finalização do processo acontece no momento da publicação destas memórias, que chamamos conceitualmente de obituários. É a materialização da vida, da morte e do entendimento da vida pós-morte, permeados de saudades, religiosidade e agradecimento.

É uma forma de dizer, para os vivos que ficam, que a partir deste momento, a vida tem que seguir.

O objetivo deste trabalho não é esclarecer o fenômeno da morte de maneira geral, em todas as sociedades contemporâneas, nem apresentar um levantamento bibliográfico sobre as pesquisas que trabalham com o tema. Mas, compreender as representações sobre a morte desta determinada etnia. Portanto, vale lembrar que as representações obtidas nesta pesquisa valem-se para compreender a comunidade ucraniana retratada nos obituários do jornal *Pracia*, e não os demais obituários retratados em mídias diversas.

Este trabalho também proporciona uma material base para os estudos das representações sobre a morte na comunidade ucraniana. Tem se consciência que este estudo apresenta limitações empíricas, devido o objeto restringir-se, apenas, aos obituários. Mas, acreditamos que, para pesquisas posteriores sobre a temática, será de grande utilidade para dar continuidade a investigações que procurem contemplar este nicho de estudo.

O *Pracia*, enquanto jornal, além de informar, assume outra função: a de difundir as representações sobre o que é morrer. Em relação ao objetivo específico “2 – Caracterizar de que forma o jornal *Pracia* atua na difusão das representações sobre morte, nesta comunidade”, esta pesquisa afirma que as representações circulam a partir das páginas do jornal, para além dos círculos sociais das instituições tradicionais, como a igreja e a família. Pode-se dizer que dessa forma, o periódico tende a reforçar o entendimento sobre a morte, no seu papel de veículo midiático.

Além do mais, vale lembrar que o *Pracia* é um jornal que tem como supervisores os padres da comunidade de Prudentópolis, como apontado no início deste trabalho. Portanto, difundir os valores cristãos, assim como demais concepções religiosas, mesmo que em textos escritos pela comunidade, é útil a linha editorial do periódico, avigorando os princípios pregados pelo jornal.

Para a pesquisadora, este trabalho não auxiliou, somente, para ‘tatear’ o universo das representações sobre a morte, mas para instigar possíveis desdobramentos de pesquisa, para além do mestrado. Os sujeitos de pesquisa e os obituários são parte importante para compreensão do jornal *Pracia*, enquanto veículo de mídia.

Pesquisas futuras que venham abordar como objeto empírico os obituários do *Pracia*, podem se debruçar em outras temáticas, além da morte, como as relações de gênero (principalmente, no âmbito familiar), perspectivas laborais e de lazer (como já esboçado em artigo pela presente autora, em outra oportunidade), práticas religiosos

comunitárias, entre outras. Isso demonstra, também, como este objeto de pesquisa é interdisciplinar.

Perpassar por estudos que não envolvem, estritamente, o objeto 'jornal', e abrir o campo de investigação para os sujeitos que o elaboram, assim como os sujeitos que narram suas memórias e histórias de vida é uma experiência gratificante como pesquisadora. É abrir novos horizontes para compreender o jornalismo além do processo técnico, abrangendo aquilo que, talvez, temos de mais humano: memórias, concepções de mundo e histórias de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREAZZA, M. L. **Paraíso das delícias**: estudo de um grupo imigrante ucraniano 1895-1995. 1996, 412 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

ANTONIO, M.; CARDOZO, P. F. Turismo étnico no meio rural: possibilidades para a comunidade de imigrantes ucranianos de Linha Esperança – Prudentópolis/Pr. IN: **Voos Revista Polidisciplinas Eletrônica da Faculdade Guairacá**. Vol.4. n. 1, 2008. Disponível em: <[http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/view/201/09\\_NESC01\\_2008](http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/view/201/09_NESC01_2008)>. Acesso em: 03 mai. 2014.

ARGYRIADIS, K. Católicos, apostólicos y no-satánicos : representaciones contemporáneas en México y construcciones locales (Veracruz) del culto a la Santa Muerte. In: **Revista Cultura y Religión**. v.7, n.1. Ene/Jun, 2014, p.191-218. Disponível em: <<http://www.revistaculturayreligion.cl/index.php/culturayreligion/article/view/451>>. Acesso em 15 out. 2016.

ATANÁSIO, F. C. O. Odes mórbidas, metáforas inertes: práticas de sacralização da morte e re-invenção dos sujeitos a partir do estudo das manifestações arquetípicas. In: **Antíteses**, v. 3. n. 5, 2010, p. 247-266. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/3665>>. Acesso em 10 de out. de 2016.

BABBAR, L. J. **Características, transformações e adaptações da música religiosa ucraniana no Paraná**. 2008, 155f. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1976.

BATISTA, M.R; MARTINS, B.M.L. A religiosidade dos ucranianos na cidade de Maborê – Paraná. In: **II Simpósio de Estudos Urbanos**: A dinâmica das cidades e a produção do espaço, 2013. Disponível em <[http://www.fecilcam.br/anais/ii\\_seurb/documentos/o-urbano-em-suas-difentes-escalas/batista-marinalva-dos-reis.pdf](http://www.fecilcam.br/anais/ii_seurb/documentos/o-urbano-em-suas-difentes-escalas/batista-marinalva-dos-reis.pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2015.

BORUSZENKO, O. A imigração ucraniana no Paraná. In: **Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**, 1967, Porto Alegre. Anais... São Paulo: [FFCL]-USP, 1969, p. 423-439.

BURKO, V.N. **A imigração ucraniana no Brasil**. Curitiba: Gráfica da OSBM, 1963.

CAPUTO, R.F. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. In: **Saber acadêmico**. n.6, p.73-80. Dez. 2008. Disponível em: <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista6/pdf/8.pdf>> Acesso em: 23 jan. 2016.

CINTRA, M. **A imprensa imigrante**: trajetória da imprensa das comunidades imigrantes de São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

CONDE, M.R. B. **Comunicación, opinión pública y prensa em la sociologia de Robert E. Park**. Madrid: Siglo XXI, 2000.

COSTA, H. Pesquisando a escatologia da morte no imaginário católico e protestante. In: **Anais do XV Encontro Regional de História da Anpuh-Rio**. 2012. Disponível em: <[http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338400274\\_ARQUIVO\\_ar\\_tigoparaseminarioanpuh.pdf](http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338400274_ARQUIVO_ar_tigoparaseminarioanpuh.pdf)> Acesso em: 10 out.2016.

DA MATTA. R. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução de Paulo Neves. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos: Envelhecer e morrer**. Tradução de Plínio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FLUSSER, V. **Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade**. São Paulo: Escrituras, 2002. 176p.

FRANCO. C D. A crise criativa no morrer: a morte passa apressada na pós-modernidade. In: **Kairós**, v. 10, n.1, 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2577>>. Acesso em 10 out. 2016.

FELÍCIO, O. A Língua Russa: História, Evolução, Ensino. In: **Revista Babilônia**, 2005p.163-177,. Disponível em <[http://recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/415/1/ensaios\\_olga\\_felicio.pdf](http://recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/415/1/ensaios_olga_felicio.pdf)>. Acesso em: 16 abr. 2015.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GADINI, S.L.; ASSUMPCÃO, Z. A cultura ucraniana na radiodifusão paranaense: Folclore e expansão midiática da cultura dos grupos étnicos. In: **INTERCOM** -Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Belo Horizonte - MG,2003. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP17\\_assumpcao.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP17_assumpcao.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2015.

GARMA, C. “Laicidad, secularización y pluralismo religioso, una herencia cuestionada”. In: **Revista Nueva Epoca**, v. 9, n. 36, 2011. Disponível em: <<http://ojs.dpi.ulsu.mx/index.php/rci/article/view/125/0>>. Acesso em: 30 set. 2016.

GIL. A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ªed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUÉRIOS, P.R. **Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná**. 2007, 289f. Tese (doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

\_\_\_\_\_. **Os usos da língua ucraniana entre camponeses imigrantes e seus descendentes no Paraná e sua tradução para o português**. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008. Porto Seguro, Bahia, Brasil. Disponível

em:

<[http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/rabalhos/GT%2033/paulo%20renato%20guerios.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/rabalhos/GT%2033/paulo%20renato%20guerios.pdf)> Acesso em: 15 set.2016

HIGUERA-BONFI, A. Fiestas en honor a la Santa Muerte en el Caribe mexicano. In: **Estudios Sociales y Humanísticos**, vol. 9, n. 36, 2015, p. 79-92. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=34219888006>>. Acesso em: 15 set.2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Prudentópolis**: informações completas. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=412060>>. Acesso em: 7 abr.2015.

LÓPEZ HIDALGO, A. La necrológica, como género periodístico. In: **Revista Latina de Comunicación Social**, n. 15, 2009. Disponível em: <<https://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999c/114lopez.htm>>. Acesso em: 19 abr.2015

MAHFOUD, M; SCHMIDT, M. L. S. HALBWACHS: Memória coletiva e experiência. In: **Psicologia USP**, São Paulo, n. 4, p.285 – 298, 1993. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481>>. Acesso em: 04 de fev. 2016

MARTENOVETKO, J.; CORSO, J. C. Rituais fúnebres da Igreja Católica de rito Ucrainiano em Prudentópolis-PR. In: **Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 2, n.1, p.30-53 jan. /abr. 2011. Disponível em:<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/viewFile/2647/1989>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

MAERK, J. Desde acá: Tepito, barrio en la Ciudad de México. In: **Revista del CESLA**, v. 2, n. 13, 2010, p. 231-542. Disponível em:<<https://pt.scribd.com/document/104823822/Art-Sobre-El-Barrio-de-Tepito>>, acesso em: 10 out.2016.

MALVIDO, E. Crónicas de la Buena Muerte a la Santa Muerte en México. In: **Arqueología Mexicana**. v. 8, n. 73. p. 20-27. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1393730>>. Acesso em: 24 set. 2016.

MARTINEZ, M. A vida em 20 Linhas: a representação da morte nas páginas da *Folha de S.Paulo*. In: **Intercom – RBCC**. São Paulo, v.37, n.2, p. 71-90, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/interc/v37n2/1809-5844-interc-37-02-0071.pdf>>. Acesso em: 26 jan.2016.

MEZAVILA, A. **Ucranianos em Cascavel**: A história, a religião e língua. 2007, 180f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de Oeste do Paraná. Cascavel, 2007.

MILAN, P. **Frutos de uma arquitetura abençoada**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/frutos-de-uma-arquitetura-abençoada-f4rorg7nw6nrvb8a3depenvwu>>. Acesso em: 20 set. 2016.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 10ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

OLIVEIRA, A.T. O perfil geral dos imigrantes no Brasil a partir dos censos demográficos 2000 e 2010. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.; TONHATI, T. (Orgs.). **Migração e Mobilidade na América do Sul**. Ed. Especial, Brasília, 2015.

OLIVEIRA, I. C. D. R. **Das Pêssankas**: Um exercício etnográfico sobre a comunidade ucraniana em Curitiba. 2012, 90f. Monografia de (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2012.

PARK, R. E. A notícia como forma do conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, C.; MAROCCO, B. (Orgs.). **A Era Glacial do Jornalismo**: teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2008. p.51 a 71.

PASKO, G. **Made in Ucrânia. Documentário**. Curitiba, 2006. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0pnbQ3tPTec>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

PATRIARCA, L.; LIMA, L. F. **A representação coletiva da morte**. Disponível em: <<http://ea.fffch.usp.br/obra/representa%C3%A7%C3%A3o-coletiva-da-morte>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, 2001, p. 179-195. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a08n114>>. Acesso em: 15 jul. 2015

PERALTA, E. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. In: **Arquivos da Memória**: Antropologia, Escala e Memória, n. 2, 2007. Disponível em: <[http://www.fesh.unl.pt/revistas/arquivos-da-memoria/ArtPDF/02\\_Elsa\\_Peralta\[1\].pdf](http://www.fesh.unl.pt/revistas/arquivos-da-memoria/ArtPDF/02_Elsa_Peralta[1].pdf)>. Acesso em: 02 de fev. 2016.

PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, 2001, p. 179-195. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a08n114>>. Acesso em: 15 jul. 2015

POLLAK, M. Memória e identidade social. Tradução de Monique Augras. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p. 200 – 212. Disponível em:<[http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria\\_e\\_identidade\\_social.pdf](http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf)>. Acesso em: 03 fev. 2016.

PRIORI, A., et al. **História do Paraná**: séculos XIX e XX. Maringá: Eduem, 2012. 234p. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/k4vrh>>. Acesso em:10 set. 2016.

RCUB: Representação Central Ucrâniano Brasileira. Disponível em: <<http://www.rcub.com.br/rcub>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

ROUSH, L. Santa Muerte, protection and desamparo: a view from a Mexico City altar. In: **Latin American Research Review**, v. 49, 2014. Disponível em <<http://muse.jhu.edu/article/565873>>. Acesso em: 30 set. 2016.

REYES RUIZ, C. "Historia y actualidad del culto a la Santa Muerte". In: **El Cotidiano**, n. 169, 2011, p.51-57. Disponível em: <<http://www.redalyc.org:9081/home.jsp?cid=3194689>>. Acesso em: 30 set.2016.

SÁ, C. P. D. **A construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

\_\_\_\_\_. **Estudos de Psicologia Social: História, comportamento, representações e memória**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

SÁ-SILVA, J.R; ALMEIDA, C.D.D.; GUINDANI, J.F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. In: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, n.1, jul.2009. p.1-15. Disponível em <[http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/pesquisa\\_documental\\_pistas\\_teoricas\\_e\\_metodologicas.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_documental_pistas_teoricas_e_metodologicas.pdf)> Acesso em: 15 jul.2015.

SÊGA, R. A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. In: **Anos 90**, Porto alegre, v. 8, n. 13, p. 128-133, 2000. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>>. Acesso em: 12 jul.2015.

SILVA, A.K.S. **Obituário contemporâneo: vulgarização ou celebração da vida?** 2009, 51f. Monografia (Graduação em Jornalismo). Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Brasília, 2009.

SILVA, W. C. L. D. Biografias: Construção e reconstrução da memória. In: **Fronteiras**, v.11, n.20, p.151-166, jul/dez. 2009. Disponível em <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/viewFile/626/421>> Acesso em: 05 fev. 2016.

SIMIONATO, M. M. **O processo de alfabetização e a diáspora da língua materna na escola: um estudo em contexto de imigração ucraniana no sul do Brasil**. 2012, 291f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2012.

SUZUKI, M.J. (Orgs.). **O livro das vidas: Obituários do New York Times**, São Paulo: Companhia das Letras: 2008.

SZEREMETA, A. **Imprensa imigrante e jornalismo: apropriação de elementos jornalísticos na produção do jornal centenário ucraniano Pracia**, 2014, 108. Monografia (Graduação em Jornalismo). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2014.

\_\_\_\_\_. **Mídia Étnica Ucraniana: vestígios vivos da história da imprensa no Paraná a partir da Gráfica Prudentópolis**. Artigo elaborado para a disciplina Realidade Regional em Comunicação, Curso de Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013

\_\_\_\_\_. **Jornalismo e cultura: Considerações sobre as diferentes práticas de lazer publicadas a partir dos obituários do jornal ucraniano Pracia**. Artigo apresentado no GT de Mídia Impressa do 6º Encontro Regional de História da Mídia (ALCAR), 2016.

TENCHENA, S. M. Comunidade Ucraniana: Suas Fronteiras Étnicas e a Religião. In: **Nures**, n.14, jan./abr. 2010. Disponível em

<[http://www.pucsp.br/nures/revista14/Nures14\\_Tenchena.pdf](http://www.pucsp.br/nures/revista14/Nures14_Tenchena.pdf)>. Acesso em: 03 mai. 2014.

VARGAS GONZÁLEZ, A. “¡Oh Muerte Sagrada, reliquia de Dios! Santa Muerte: religiosidad popular en la ribera de Pátzcuaro”.In: **La Palabra y el Hombre**, n . 130, 2004, p. 101-122. Disponível em: <<http://cdigital.uv.mx/handle/123456789/394>>. Acesso em: 30 set. 2016.

VILAR, Márcio. Luto e Morte: uma pequena revisão bibliográfica. In: **João Pessoa**, n.1, abr.2000. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/numero1/01vilar.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

ZANDWAIS, A. **Projeto ‘Linguagem e Ensino’**: Saber Sobre Identidade Nacional: o processo de construção de um imaginário de cidadania durante o governo Vargas. Disponível em <<http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/AnaZandwais.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2014.

## APÊNDICE A

### QUADRO REFERENTE AOS DADOS SOBRE AS LOCALIDADES MENCIONADAS NOS OBITUÁRIOS MASCULINOS

CIDADES	LOCALIDADES		NASCIMENTO	PASSAGEM	FALECIMENTO
África**				1	
	Alto da Barra Grande – Prudentópolis (PR)				1
Antônio Olinto (PR)			1		
Araruna (PR)			1	1	
Arapongas (PR)					1
Apucarana (PR)				1	
Brusque (SC)				1	
Buenos Aires (AR)				1	
	Barra Bonita – Prudentópolis (PR)		2		
	Barra Vermelha – Prudentópolis (PR)		1		
	Barreiro – Ortigueira (PR)			1	
Boa Ventura (PR)					1
Caçador (SC)			1		
	Caetê – Ortigueira (PR)				1
Campo Mourão (PR)			1*		2
Canadá				1	
Cascavel (PR)					1
Castro (PR)			1		
Chile **				1	
	Colorado – Santa Terezinha (SC)		1*		
	Colônia 15 de novembro – Prudentópolis (PR)		1		
	Colônia Bananal – Prudentópolis (PR)		2* 1		
	Colônia Barra Grande – Prudentópolis (PR)			1	
	Colônia Barra Mansa – Guamiranga (PR)		1*		
	Colônia Becker – Itaiópolis (SC)		1		
	Colônia Linha B Gonçalves Junior – Irati (PR)		2		
	Colônia Marcelino (PR)		1*		

	Colônia Paraíso – Pato Branco (PR)				1
	Colônia Palmital – Iracema (SC)		1*		
	Colônia Rio Novo – Condói (PR)				1
	Colônia Relógio – Prudentópolis (PR)				1
	Colônia Ruthes – Iracema (SC)				1
	Colônia Serra do Tigre – Mallet (PR)		1		
	Colônia União – Prudentópolis (PR)		1		
	Colônia Upá – Araruna (PR)			2	1
	Comunidade de Nova Galícia – Prudentópolis (PR)		2*		
Costa Carvalho (SC)			1*		
	Craveiro – Itaiópolis (SC)		3*	1	
Curitiba (PR)			2	3	10
	Dorizon – Mallet (PR)		2 2*	1	1
Espanha**				1	
Foz do iguaçu (PR)				1	
	Fluviópolis -São Mateus do Sul (PR)		1		
General Carneiro (PR)			1*		
	Gonçalves Junior – Paulo Frontin (PR)		1		
	Guairacá – Guarapuava (PR)				1
Guarapuava (PR)					3
	Herval Grande – Prudentópolis (PR)		1		
	Herval Bonfim – Prudentópolis (PR)		1*		
Irati (PR)					1
	Inspetor Carvalho – Prudentópolis (PR)		1*		
Itália**				1	
Itaiópolis (SC)					1
	Itaparã – Irati (PR)		2*		1
Ivaí (PR)			4* 3		1
Ivaiporã (PR)					1
Jangada do Sul (PR)			1		

Jesuino Marcondes (PR)			1*		1
Joinville (SC)				1	
Juranda (PR)					1
	Lageados dos Mellos – Rio Azul (PR)		1*		
Lages (SC)					1
Laranjeira do Sul (PR)					1
	Linha Cândido de Abreu – Prudentópolis (PR)		1		
	Linha Capanema – Prudentópolis (PR)		2*		1
	Linha Barracas – Prudentópolis (PR)		1*		
	Linha Costa Carvalho – Itaiópolis (SC)		1		
	Linha Eduardo Chaves – Prudentópolis (PR)		2 1*		
	Linha Esperança – Prudentópolis (PR)		2*		
	Linha Ivaí – Ivaí (PR)		1		
	Linha Montauri – Prudentópolis (PR)		1		
	Linha São Pedro – Prudentópolis (PR)		1*		
	Linha Gramadinho-Prudentópolis (PR)		1		
	Linha Ligação – Prudentópolis (PR)		1		
	Linha Paraná – Prudentópolis (PR)		1		
	Linha Pinhal – Cândido de Abreu (PR)		1*		
	Linha Santos Andrade – Prudentópolis (PR)		1		
	Linha Torcate – Prudentópolis (PR)		1		
	Linha Visconde de Nacar – Prudentópolis (PR)		1*		
	Linha B Itaparã – Irati (PR)		1*		
	Linha Bracatinga – Prudentópolis (PR)		1*		
	Linha Sete de Setembro – Prudentópolis (PR)		1		
Mafra (SC)			1*		1
Mallet (PR)			3	1	1

Mandaguari (PR)				1	
	Marcondes – Prudentópolis (PR)		1		
Marechal Mallet (PR)			1		
Maringá (PR)					2
Palmital (PR)				1	
Papanduva (SC)			1		1
	Papanduva de Baixo – Prudentópolis (PR)		2		
Pato Branco (PR)					2
Pratinha (SC)			1		2
Paula Freitas (PR)			1		
	Peróbas – Prudentópolis (PR)		1*		
Paulo Frontin (PR)			1	1	
Peru**				1	
Pitanga (PR)					1
Polônia**				1	
	Ponte Alta – Prudentópolis (PR)		1 1*		
	Ponte Nova – Prudentópolis (PR)		1 1*		
Ponta Grossa (PR)			1		6
Prudentópolis (PR)			7 4*		5
Reserva (PR)					1
	Rio Claro – Mallet (PR)		1		
Rio Negrinho (SC)					1
	Rio Verde Abaixo – Campo Largo (PR)		1		
	Rio Voraz de Cima – Prudentópolis (PR)		1*		1
	Rodeozinho – Papanduva (SC)		2		
Roncador (PR)			1*	1	4
Roma (IT)				1	
Rússia**				1	
	Santa Marta – Candói (PR)				1
Santa Maria do Oeste (PR)					2
	Santa Maria – Porto União (SC)		1*		
	Santa Terezinha – Craveiro – Itaiópolis (SC)		1		

São Bento do Sul (SC)			1		
	São Francisco – Guarapuava (PR)		1	1	
São José dos Pinhais (PR)			1		1
São Paulo (SP)				1	
	Taboãozinho – Prudentópolis (PR)		1		1
	Taquaraçú – Pitanga (PR)			1	
	Tereza Cristina – Cândido de Abreu (PR)		1		
	Tijuco Preto - Prudentópolis (PR)		4*		
			2		
	Tigre Barra Grande – Prudentópolis (PR)		1		
	Trinta Voltas – Pato Branco (PR)			1	
	Torres – Ivaí (PR)				1
Turquia**				1	
Ucrânia**			1		
Uruguai **				1	
União da Vitória (PR)			1*	1	1
	Vera Guarani – Paulo Frontin (PR)		1*		
			3		
	Vila Bonita – Pato Branco (PR)		1*		

Fonte: A autora.

\*Viveu a vida toda nessa cidade/localidade

\*\* País mencionado no obituário sem especificar cidade/localidade,

## APÊNDICE B

### QUADRO REFERENTE AOS DADOS SOBRE AS LOCALIDADES MENCIONADAS NOS OBITUÁRIOS FEMININOS

CIDADES	LOCALIDADES	NASCIMENTO	PASSAGEM	FALECIMENTO
Almirante Tamandaré (PR)				1
	Anta Gorda – Palmas (PR)	1		
Antônio Olinto (PR)		1		
Apucarana (PR)				2
	Barra Bonita - Prudentópolis (PR)	2*		
	Barra Vermelha – Prudentópolis (PR)	1*		
	Barreirinho – Nova Tebas (PR)	1	1	
	Barreirinho de Baixo – Prudentópolis (PR)	1*		
	Boa Ventura – Pitanga (PR)			1
Bom Jardim (PR)		1		
	Cachoeira Cadeadinho – Irati (PR)			1
	Cachoeirinha – Prudentópolis (PR)	1		
	Calmão – Ivaí (PR)	1		
Campo Largo (PR)				1
Campo Mourão (PR)				1
Cândido de Abreu (PR)		1		
Cascavel (PR)				2
	Colônia de Bracatinga – Prudentópolis (PR)	1*		
	Colônia Colorado – Brusque (SC)	1*		
	Colônia Despraiado – Prudentópolis (PR)	1*		
	Colônia Iapó – Castro (PR)	1		
	Colônia Jesuíno Marcondes – Prudentópolis (PR)	1* 1		
	Colônia Jesuíno Marcondes – São José dos Pinhais (PR)			1
	Colônia Marcelino – São José dos Pinhais (PR)	1* 2		

	Colônia de Ponta Nova – Prudentópolis (PR)	1		
	Cerro da Ponte Alta – Irati (PR)	1*		
	Colônia São Francisco – Guarapuava (PR)	1*		
	Colônia Seis – Mallet (PR)	1		
	Colônia Vicinal – Dorizon – Mallet (PR)	1		
Colorado (SC)			1	
Cruz Machado (PR)		1		
Curitiba (PR)		1*		12
	Dorizon – Mallet (PR)	2		1
	Eduardo Chaves – Prudentópolis (PR)	1*		
	Faxinal da Boa Vista – Turvo (PR)	1*		
		1		
General Carneiro (PR)		1		
Guarapuava (PR)				4
	Iracema – Itaiópolis (SC)	1 1*		
Irati (PR)		1		
Iretama (PR)			1	
Itaiópolis (SC)		1*		
	Itaparã – Irati (PR)	3* 2	1	
Ivaí (PR)		1		
Ivaiporã (PR)				2
Joaçaba (SC)		1		
Juranda (PR)				1
	Linha 7 de Setembro – Prudentópolis (PR)	2*		
	Linha B – Irati (PR)			1
	Linha Cândido de Abreu – Prudentópolis (PR)	1		
	Linha Capanema – Prudentópolis (PR)	1*		
	Linha Carlos Gomes – Prudentópolis (PR)	1		
	Linha Esperança – Prudentópolis (PR)	1		
	Linha Iracema – Cruz Machado (PR)			1
	Linha Ivaí – Prudentópolis (PR)	1*		
	Linha Ivaí Velho – Prudentópolis (PR)	1*		

	Linha Guarapuava – Prudentópolis (PR)	1*		
	Linha Maurício Faive – Prudentópolis	1*		
	Linha Paraná – Cruz Machado (PR)		1	
	Linha São João – Prudentópolis (PR)		1	
	Linha São João do Rio Claro – Prudentópolis (PR)	1		
	Linha XV de Novembro – Prudentópolis (PR)	1		
	Linha Vitória – Cruz Machado (PR)	1*		
Londrina (PR)		1*		
Mafra (SC)				1
Major Vieira (PR)				1
Mallet (PR)		1* 2		1
	Marrecas – Pitanga (PR)	1		
Mato Rico (PR)				1
Moema (SC)		1*		
	Moema – Itaiópolis (SC)	2*		
	Nova Galícia – Prudentópolis (PR)	1*		
	Nova Galícia – Porto União (SC)	1		
Neubrandenburg – Alemanha				1
Ortigueira (PR)		1		2
Papanduva (SC)				1
	Papanduva de baixo – Prudentópolis (PR)	1*		
	Papanduva de Cima – Prudentópolis (PR)	1*		
Paulo Frontin (PR)		1		
Pitanga (PR)				2
	Ponte Nova – Prudentópolis (PR)	1		
Porto União (SC)		1*		1
Prudentópolis (PR)		1* 11		3
	Pulinópolis – Mandaguaçu (PR)			1
	Queimados – Papanduva (SC)	1		
Reserva (PR)			1	
Rio Azul (PR)				1
	Rio Batista – Pitanga (PR)		1	

	Rio dos Índios - Ivaí (PR)	1		
	Rio da Prata – Irati (PR)	1*		
	Rodeio – Papanduva (PR)	1*		
Roncador (PR)			1	3
	Santa Rosa – Porto União (PR)	1*		
Santa Terezinha (SC)		1*		
São Francisco de Guairaçá (PR)		1		
Santa Maria (PR)				1
Santos (SP)				1
	São Cristóvão - Nova Tebas (PR)			1
	São Francisco - Pitanga (PR)		1	
Três Barras (SC)		1		
Ucrânia **		2		
	Vargem Grande – Paula Freitas (PR)	1*		
	Vera Guarani – Paulo Frontin (PR)	1*		
		1		
Zolotchiv – Ucrânia		1		

Fonte: A autora.

\*Viveu e faleceu nesta mesma cidade/localidade.

\*\* País mencionado no obituário sem especificar cidade/localidade,

## APÊNDICE C

### SENTENÇAS RELACIONADAS AO FALECIMENTO DE HOMENS

Nesta tabela, há dois tipos de sentenças: as primeiras 85, que encontram sem aspas pois, de acordo com a averiguação feita nos textos, são frases construídas com pelas memórias e palavras da família.

O restante são sentenças apresentadas com aspas, que foram extraídas da mesma forma que se apresentam nos obituários originais. O motivo desta diferenciação é que estas não são frases elaboradas pelos familiares, mas usos de versículos bíblicos ou de textos religiosos não especificados.

1. Deus o chamou para a eternidade;
2. No livro da vida do Se. Vitório Burco, dá se por encerrada a sua história;
3. [...]sendo a corrente [o terço] que o transportou com segurança para a outra margem da vida;
4. Deus - o Jardineiro Celeste, que não só permitiu nascer esta flor, mas cultivou e hoje colheu, para adornar o seu altar;
5. [...]amparado pelo santo viático, entregou a sua alma a Deus;
6. [...] assistindo a S. Missa pela TV Rede Vida, entregou sua alma ao Senhor;
7. [...] encerrou a sua missão;
8. [...] uma devoção especial à Mãe de Deus tanto é que faleceu no mês dedicado à Maria;
9. Nosso pai nos deixou;
10. Morreu porque Deus o escolheu para outro projeto. Deus o chamou para a vida eterna;
11. [...] o pai cumpriu bem a sua missão e caminhada de cristão. [...] talvez por isso, Deus o chamou num belo Domingo que é o dia do Senhor.
12. [...] partiu para a casa do Pai;
13. [...] partiu para a eternidade;
14. Pai eterno, abri as portas do Paraíso;
15. [...] nós fizemos para que a tua vida não se extinguísse, mas Deus assim quis;
16. [...] pelo feliz descanso;
17. Foi chamado por Deus;
18. Acolhei, o Pai, a alma do Filho que chamaste para Ti;
19. Temos certeza que Nossa Senhora, Mãe Consoladora recebeu nosso pai, avô e bisavô;
20. [...] partindo para a eternidade;
21. Ele cumpriu com bravura, lealdade e camaradagem a sua missão!;
22. Deus chamou o sr. Valdomiro para viver a sua Páscoa, exatamente no dia em que celebramos a Ressurreição de Nossa Senhor Jesus Cristo. É uma Passagem (morte) “feliz” e muito significativa para todos nós que cremos.
23. [...] passagem para a outra vida;
24. [...] passou junto ao Pai Todo Poderoso e a Nossa Senhora aos quais era muito devoto;
25. Apaixonado como era pelas festividades natalinas (Sviatei Vetchir, Koladê...), recebeu a graça divina de encerrar sua vida nesse período;
26. [...] passagem por este mundo;
27. [...] partiu desta vida deixando muitas saudades;
28. Deus chamou-o para à vida eterna;
29. [...] cumpriu sua missão;

30. Rumo a Casa do Pai;
31. [...] minutos após receber a Unção dos Enfermos entrou em óbito;
32. [...] que Deus acolha sua alma;
33. [...] Deus levou no Dia dos Pais;
34. [...] foi chamado por Deus e despediu-se deste mundo;
35. Nosso pai partiu para a eternidade, porque cumpriu sua missão;
36. Deus chamou junto de si;
37. Deus ganhou um bom ajudante;
38. Passagem desse mundo para o Reino de Deus;
39. Deus levou para junto de si;
40. [...] nós [sic] deixou e foi morar com Deus;
41. [...] passou para outra vida;
42. [...] sua viagem para a eternidade;
43. [...] Deus o chamou para junto de si;
44. Apagou-se uma luz na terra;
45. Deus o tenha na Vida Eterna;
46. [...] temos a certeza de que descansou junto de Deus;
47. [...] deixou este mundo;
48. Deus o chamou para junto de si;
49. [...] foi chamado para junto do Pai;
50. [...] o Senhor Bom Jesus aliviou o seu sofrimento e o levou para junto Dele;
51. [...] entrou para a eternidade;
52. [...] partiu para a casa do Pai Eterno;
53. [...] uma morte calma digna dos justos e inocentes que sempre souberam amar a Deus e aos próximos;
54. [...] suspirou por duas vezes e entregou o seu espírito segurando uma vela acesa em suas mãos;
55. [...] entrega a sua alma a Deus;
56. [...] para o cristão a morte não é o fim de todos os sonhos. É a passagem para uma nova vida, para a comunhão com todos os santos, para a vida de luz e do eterno Amor;
57. Embora não compreendemos Seus designos [sic], acreditamos que Deus chamou nosso filho;
58. [...] pronunciou as palavras: o meu coração está parando de bater e neste momento Deus o levava;
59. A partida de Miguel para a eternidade foi muito calma;
60. [...] da partida deste mundo da entrada na eternidade;
61. Nicolau passou para a vida eterna numa maneira semelhante a aquele que sempre imaginava ser a sua morte; tranquila e com uma vela benta acesa em suas mãos;
62. [...] partiu para eternidade;
63. Deus levou o nosso pai, amigo e companheiro para perto de si;
64. Partiu para casa do Pai Celestial.
65. DEUS o chamou para junto Dele;
66. Deus o tenha em sua Glória, Paz e Santidade;
67. Deus chamou para junto de Si;
68. Nosso pai cumpriu sua missão aqui na terra;
69. [...] devido ao seu sofrimento, Deus o levou;
70. DEUS levou [...];
71. [...] Nossa Senhora Aparecida lhe chamou para a Vida Eterna;
72. Aqueles que amamos nunca morrem, apenas partem antes de nós;
73. [...] em direção à casa do pai, a sua morada eterna;
74. Que Deus o acolha consigo por toda a eternidade!;
75. Deus chamou vocês [fazendo referência ao irmão falecido];
76. Deus o levou;
77. Deus chamou para junto de si;

78. Faleceu na graça de Deus, pois se preparou para este momento pedindo para sua esposa e nossa mãe Ana perdão por tudo e afirmou que a sua vida já está curta e que precisa se preparar espiritualmente;
79. Deu para sua divina companhia;
80. Em paz entregou sua alma ao Divino Pai Eterno, [...];
81. [...] aceitou conformado a passagem desta vida terrena para a vida do além;
82. [...] passagem desta vida terrena para a vida do além;
83. [...] nos últimos minutos de sua vida exclamou: Nossa Senhora! Me Ajude! Entregou sua vida a Nossa Mãe Maria;
84. Oito de setembro é um dia muito especial, pois comemora-se a Natividade de Nossa Senhora, e ele certamente, nasceu para a vida eterna acolhido por Ela;
85. João Serbai partiu desta terra cumprindo a sua missão: missão de pai, de cristão e de um cidadão;
86. “Felizes os que que [sic] foram escolhidos e acolhidos pelo Senhor”;
87. “Na terra a todos amei e por todos fui amado. Deus traçou o meu destino e por Ele fui chamado”;
88. “Quem ouve a minha palavra e crê Naquele que me enviou, tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia”;
89. Como diz São Paulo “Todos nós teremos que comparecer diante do Tribunal de Cristo, onde cada um receberá o que merece, conforme o bem, ou o mal que tiver feito”;
90. “...E a vontade do meu Pai, que me enviou, é esta: Que todo o que vê o Filho e crê nele, tenha a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia”;
91. “Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará” (Sl 91);
92. “Aquele que crê, mesmo que morra ainda viverá”;
93. “Senhor, feliz aquele que Vós escolheis e chamais, e sua memória permanecerá de geração em geração”;
94. “Deixei-vos para me unir ao Pai, porém os frutos que aí deixarei permanecerão, para que ao lembrardes de mim, vejais a grandeza do Criador. Vivi na felicidade na verdade, reparti o amor e parti em paz”;
95. “Senhor, feliz aquele que Vós escolheis e chamais e sua memória permanecerá de geração em geração”;
96. “Senhor, feliz aquele que Vós escolheis e chamais, e sua memória permanecerá de geração em geração”;
97. Na Terra à todos amei e por todos fui amado, Deus traçou o meu destino e por ele fui chamado;
98. “Rumo a casa do Pai”;
99. “Eu sou a Ressurreição e a Vida. Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá”. Jo 11, 25;
100. “Senhor, feliz aquele que Vós escolheis e chamais, e sua memória permanecerá de geração em geração”;
101. “Senhor, recebemos de Ti um precioso Tesouro, a vida de nosso pai, hoje consternados, mas resignados devolvemos em Tuas mãos a vida do nosso pai”;
102. “Eu sou a Ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim ainda que seja morto, viverá”;
103. “Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo dos céus: Tempo para nascer e tempo para morrer: ... Tempo para dar Abraços e tempo para apartar-se” (Ecle. 3,1-2.5b); Colecha.
104. “Eu Sou a Ressurreição e a Vida. Aquele que crê em mim ainda que esteja morto, viverá”;
105. “Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e Eu vos aliviarei” (Mt 11, 28);
106. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que eu o seu filho unigênito para que todo aquele que n’Ele crê não pereça mas tenha a vida eterna” (João 3:16);
107. “Na terra a todos amei e por eles fui amado. Deus traçou meu destino e por ele fui chamado;
108. “Para quem acredita na Vida Eterna, as lágrimas serão substituídas pela certeza de que apenas fazemos uma despedida para em breve nos encontrarmos na casa do Pai”;

109. “Ninguém de nos vive em ninguém de nos morre para si mesmo, porque se vivemos e se morremos é para o Senhor que morreremos”;
110. Vou para casa do Pai, mas não esquecerei daqueles que amei na terra”;
111. “Eu sou a Ressurreição e a Vida, quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá”;
112. “O Senhor é meu Pastor, nada me faltará. Em verdes pastagens me faz descansar. Refrigera minh’alma” (SL 23.2);
113. “Felizes os que foram escolhidos e acolhidos no Senhor”;
114. “Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus” MT 5,9;
115. Senhor, feliz aquele que Vós escolheis e chamais, e sua memória permanecerá de geração em geração”;
116. “Senhor, recebemos de Ti um precioso Tesouro, a vida do nosso Pai, hoje consternados, mas resignados devolvemos em Tuas mãos a Vida do Nosso Pai”;
117. “Eu sou a luz do mundo, aquele que me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo.8,12);
118. “Jesus querido, acolha- o em teus braços e dai-lhe o repouso eterno”;
119. “Vou para a casa do Pai, mas não esquecerei dos que amei na terra”;
120. “Pois teremos todos de comparecer perante o tribunal de Cristo. Aí cada um receberá segundo o que houve praticado pelo corpo, bem ou mal.” (2 Coríntios 5,10);

Fonte: A autora.

## APÊNDICE D

### SENTENÇAS RELACIONADAS AO FALECIMENTO DE MULHERES

Nesta tabela, há dois tipos de sentenças: as primeiras 85, que encontram sem aspas pois, de acordo com a averiguação feita nos textos, são frases construídas com pelas memórias e palavras da família.

O restante são sentenças apresentadas com aspas, que foram extraídas da mesma forma que se apresentam nos obituários originais. O motivo desta diferenciação é que estas não são frases elaboradas pelos familiares, mas usos de versículos bíblicos ou de textos religiosos não especificados.

1. Ouviu o chamado do Criador;
2. Passagem definitiva para a eternidade;
3. Certeza de dever cumprido;
4. “Vamos para Jesus!”;
5. Partida deixou um vazio em nosso meio;
6. Nunca demonstrou medo da morte;
7. [...]partiu deixando grande saudade”;
8. [...]foi para a Casa do Pai;
9. [...]para o Reino de Deus;
10. Deus a recebeu no Reino Divino, lugar onde há mais dor e nem sofrimento, mas sim a Vida Eterna;
11. [...] foi acolhida no Reino de Deus;
12. [...] foi para a casa do Pai;
13. [...] chamada para junto de Deus;
14. [...] na casa do Pai Celestial;
15. [...]ela está na Glória de Deus;
16. Passou para a eternidade;
17. [...]vai-se para o além, onde a morada será definitiva;
18. [...] partiu para a vida eterna;
19. Deus escolhe apenas as flores mais lindas para enfeitar o jardim do Céu;
20. [...] partiu deixando na saudade;
21. O Senhor receba-a no seu reino
22. [...] está na morada junto ao Pai Celeste,
23. [...] partido para a vida eterna
24. Consolo e a fé de que a mesma esteja num lugar bem melhor, o plano espiritual;
25. Sempre esteve preparada, tanto no plano material quanto no plano espiritual;
26. Deixa esta terra com a consciência do dever cumprido;
27. Foi para junto do Pai Nosso que está nos céus;
28. Forte emoção e lágrimas se despediram;
29. Foi chamada por Deus;
30. Deixou um maravilhoso exemplo de vida para todos que a conheceram;
31. O dedo de Deus a tocou e ela adormeceu.
32. Foi para Paraíso Celeste
33. Deus a chamou para junto de Si.
34. Cada um tem seu ciclo de vida que só Deus sabe a hora certa de nos convidar para prosseguir nossa jornada ao seu lado.

35. Deixou na saudade
36. Morte é vida, começa e reencontro com os anjos... é jeito que Deus arruma para mandar as pessoas que a gente ama, para o céu na nossa frente, para quando a gente for não se sentir sozinho;
37. [...] encerrou fielmente sua missão nesta terra e foi ao encontro do Pai;
38. Sua morte não foi uma perda para nós, mas sim a oportunidade de darmos a Deus o presente mais bonito que tínhamos;
39. A nossa mãe nos deixou, fica um vazio dentro de cada um de nós e principalmente em nossa família;
40. Deus a quis para junto de si;
41. Deixou saudades para sua família;
42. “Senhor feliz que vós escolheis e chamais, e sua memória permanecerá de geração em geração”.
43. [...] descansou Izabel na mais serena paz, ciente ser cumpridora de todos os preceitos;
44. Teve o grande privilégio e graça divina de esta acompanhada do sercedote [sic], esposo e filhas ao despedir-se deste mundo;
45. [...] cumpriu a sua missão com sabedoria;
46. Deixou em profunda tristeza [...].
47. [...] passou por maiores sofrimentos que levaram ao descanso eterno, mesmo assim sem reclamar de nada, sempre resignada e bem preparada;
48. Teve a grande graça alcançada de poder estar ao lado do pe. [...] no seu último momento de vida e receber de suas mãos a Unção dos Enfermos;
49. Nossa Mãe partiu para a eternidade;
50. [...] partiu para a eternidade, porque cumpriu sua missão, mas não nos deixou só.
51. [...] nós somos passageiros nesta vida de alegrias e tristezas, cada um tem o seu ciclo de vida;
52. Deus chamou o nosso pai em agosto e em dezembro a mãe;
53. Moema perdeu uma das suas paroquianas, mas o céu ganhou uma Santa. Ela foi um exemplo de vida;
54. [...] só Deus sabe a hora certa de nos convidar para prosseguir nossa jornada ao seu lado;
55. No dia 15 de novembro descansou;
56. Após 11 meses de sofrimento cancerígeno descansou na certeza de estar na “Glória Celestial”.
57. Mas Deus resolver[sic] chamar para junto Dele.
58. Deus resolveu chama-la para junto Dele.
59. [...] nessa hora de dor;
60. [...] retorna à morada eterna;
61. [...] deixou esta terra;
62. Partiu deixando muitas saudades e um grande vazio em nossos corações.
63. Teve sua passagem
64. [...] por ter sido uma cristã exemplar, temos a certeza de ela foi acolhida pelo Pai Eterno;
65. [...] ela estava preparada para ir ao encontro do Pai;
66. [...] teve a sua passagem;
67. [...] teve a sua passagem;
68. Cumpriu a sua missão;
69. [...] foi chamada junto do Pai;
70. [...] no dia da festa do Padroeiro ela foi chamada para a vida eterna, com certeza São Basílio que escolheu este dia para ela;
71. [...]fizemos uma despedida, para em breve encontrar-mos [sic];
72. [...]passou para a morada eterna;
73. [...]os anjos levaram nossa querida Baba;
74. Deus a chamou consigo;
75. Apagou-se uma luz na terra, resplandeceu uma estrela no Céu;
76. Deus chamou nossa querida mãe;
77. [...] partiu para a eternidade porque cumpriu a sua missão;
78. Partiu com a consciência tranquila e cumpriu com espírito cristão a sua missão;

79. [...] terminou a sua missão neste mundo [...];
80. Missão cumprida e não há nada mais a que fazer aqui na terra;
81. [...] se alguém cumpriu durante a sua vida a missão imposta por Deus, terá a mais justa recompensa;
82. [...]cerca de uma hora após a oração do Rosário, Marta se foi, deixando saudades;
83. [...]espera a ressurreição dos mortos;
84. [...]partiu ao Reinos dos Céus no dia;
85. Foi chamada a brilhar no céu da eternidade
86. [...]entregou sua vida de a quem a concedeu: a Deus;
87. Sua passagem fez a diferença na nossa vida, e na comunidade de Pinheirinho;
88. [...] vindo entregar sua alma no dia;
89. Deus Sagrado de Jesus e Sagrado Coração de Maria, Chamaram [sic] na quarta-feira iluminando com uma luz;
90. Tivemos que entrega-la para Deus, mas é de pessoas assim que Ele precisa;
91. Deus a chamou para junto de Si;
92. Amada por Deus que no seu devido tempo recolheu-a para Si;
93. No dia [...], dia de Corpus Christi, Deus chamou para junto de Si;
94. Transferiu-se para a eterna morada, tendo morte súbita, no dia;
95. Sendo tão linda sua presença pela Terra, Deus quis mais luz em seu Reino[...] ela foi brilhar ao lado do Senhor.
96. [...]o Sagrado Coração de Jesus a levou para junto Dele;
97. [...]tinha cumprido sua missão e estava em paz;
98. [...]foi o anjo que entrou em nossas vidas, ficou entre nos um tempo; espalhou sementes de bondade, alegria e ... inesperadamente se foi...;
99. Descansou no Senhor[...];
- 100.[...] você deixou este mundo, mas não nos abandonou, porque o seu amor nunca se apagará;
- 101.Os Anjos bem encontrar [sic] e levar [sic] nossa mãe a Deus. Àquele que ela acreditava que um dia iria encontrar;
- 102.[...] seu grande desejo era falecer na época das azaléias [sic] floridas, Deus atendeu seu desejo;
- 103.[...]rezamos e entregamos a Deus essa Mama tão boa;
- 104.[...]cumpriu com amor, resignação e dignidade a sua missão aqui na terra;
- 105.[...]terminou sua jornada;
- 106.[...]partiu em meio a tantas vivencias;
- 107.[...]cumpriu seus afazeres neste plano;
- 108.“Vou para a casa do Pai, mas não esquecerei daqueles que Amei na terra”;
- 109.‘Dai-lhe Senhor o descanso[sic] eterno A Lus [sic] Parpétua [sic] a ilumine”;
- 110.“Vou para a casa do Pai, mas não esquecerei daqueles que amei na Terra”;
- 111.“Eu vou para Deus, mas não esquecerei aqueles que amei na terra”;
- 112.Para nós ela viverá para sempre, pois “ninguém morre enquanto permanece vivo no coração de alguém”;
- 113.O mundo é como um jardim, nós somos as flores. Na hora de colher Deus escolhe a mais bonita, ao mesmo tempo que semeia outras que contemplarão o seu jardim;
- 114.Não morre quem morre para viver de novo – S. Geronimo;
- 115.“Quem crê em mim não more[sic], mas passa da morte para a vida “ – Jesus;
- 116.Disse Jesus “Em verdade te digo, quem não nascer de novo, não poderá ver o reino de Deus” (Jo. 3, 3);
- 117.Aquele que perseverar até o fim será salvo” (Mt, 24, 13);
- 118.“Felizes os que foram escolhidos e acolhidos no Senhor”;
- 119.“Digna da paz Celestial, viva eternamente na Glória de Deus e na memória de seus pais, irmão, familiares e amigos”.
- 120.“Meu Deus: nasci porque quisestes, vivi como mandaste e morri porque me chamaste”;

121. “Pois sabemos que, se a nossa morada terrestre, que não passa de uma tenda, vem a destruir-se, nós temos um edifício, obra de Deus, uma morada eterna nos céus, que não é feita por mão de homem” (11 Coríntios[sic] 5,1);

122. “Alegrai-vos por que será grande a vossa recompensa”. No Evangelho das bem-aventuras, Cristo proclama bem aventurados os que são humildes, puros, cheios de misericórdia por que eles terão a grande recompensa no céu.

Fonte: A autora